

LUCIANO DA CRUZ

**ESPORTE E MOBILIDADE SOCIAL: ESTUDO A PARTIR DO
CENTRO DE EXCELÊNCIA DO BASQUETEBOL/PARANÁ
BASQUETE**

**CURITIBA
2011**

LUCIANO DA CRUZ

**ESPORTE E MOBILIDADE SOCIAL: ESTUDO A PARTIR DO
CENTRO DE EXCELÊNCIA DO BASQUETEBOL/PARANÁ
BASQUETE**

Dissertação de Mestrado defendida
como pré-requisito para a obtenção do
título de Mestre em Educação Física, no
Departamento de Educação Física,
Setor de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR: Prof. Dr. FERNANDO RENATO CAVICHIOILLI



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Departamento de Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANO DA CRUZ

“Esporte e Mobilidade Social: Estudo a Partir do Centro de Excelência do Basquetebol/Paraná Basquete”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa Sociologia para o Esporte e o Lazer, do Departamento de Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professor Dr. Fernando Renato Cavichioli (Orientador)
Departamento de Educação Física / UFPR

Professora Dra. Suraya Darido
Membro Externo

Professor Dr. Fernando Marinho Mezzadri
Membro Interno

Curitiba, 29 de Julho de 2011

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço aos professores do PPGEDFUFPR com os quais tivemos a possibilidade de conviver e vivenciar momentos de ensino-aprendizagem. Aos Obrigado pela dedicação, seriedade, comprometimento com o ofício de ensinar. Sob a coordenação da Prof.a Joice Stefanello, Cristina Medeiros, Fernando Mezzadri, Doralice Lange, Wanderley Marchi Jr., e nosso secretário Daniel.

Aos colegas de Mestrado e do grupo de estudo: Prof.s Marina, Ricardo, Juliano B., Ana Paula, Suéllen, Bruno, Saulo, Aline B., Perna, Rosecler, Letícia, Leôncio, Cleber, Aurélio. Agradeço os momentos de reflexão, discussão, estudo, amizade, entretenimento, diversão, aprendizado e principalmente crescimento pessoal.

Aos amigos professores do Colégio Dom Bosco: Ana, Alex, Alexandre, Anelise, Beto, Cécil, César, Danilo, Demerson, Díjean, Fábio, Fran, Glória, Gil, Jeferson, Luizão, Luciana, Mari, Wagner, Danilo, aos diretores Rita e Osvaldo e um agradecimento especial à prof.a Rachel, que tanto nos apóia e acolhe nos momentos mais difíceis e que divide os momentos de alegria.

À minha família: José Carlos, Cris, Nati, Rafa, Gustavo, Martes, Nico, Fê, Robson, Ju, Aninha, Clara, Cilica, Jacira, Valmir. Sem nossa família nada somos.

À minha Mãe, Didi, pelo seu amor incondicional.

E minhas quatro grandes homenagens:

Meu orientador Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli, agradeço pela oportunidade de tê-lo como orientador, pela paciência e compreensão das dificuldades. Parableno-o pelo profissionalismo, sinceridade e capacidade de dividir seus conhecimentos.

Minha irmã Andrea, auxiliar, companheira, atleta, chefe, amiga, esposa do Yuri e mãe da nossa Laurinha. Obrigado por estar sempre ao meu lado.

Yeda, amor da minha vida! Obrigado pelo apoio e paciência. Mesmo em um momento difícil de nossas vidas, não deixou de ser a companheira maravilhosa, dedicada, amorosa, parceira. Juntos, somos e seremos sempre, cada vez mais felizes.

Ao meu pai, Juquinha, que perdemos no início dessa caminhada, mas que certamente guiou meus passos e esteve aqui ao meu lado. Espero, que de onde estiver, sinta sempre orgulho de mim, pois de você, sempre me orgulharei.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	11
CAPÍTULO 1- A TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS.....	15
CAPÍTULO 2- CONTEXTUALIZAÇÃO: CONEXÕES ENTRE PROJETOS ESPORTIVOS E MOBILIDADE SOCIAL.....	24
2.1.- OS PROJETOS ESPORTIVOS NO BRASIL E SEU ESTUDO CRÍTICO.....	24
2.2.- A MOBILIDADE SOCIAL.....	38
2.3.- A MOBILIDADE SOCIAL NO BRASIL.....	42
2.4. ESPORTE E MOBILIDADE SOCIAL.....	46
CAPÍTULO 3- A CONFIGURAÇÃO CENTRO DE EXCELÊNCIA DO BASQUETEBOL E A EQUIPE PARANÁ BASQUETE.....	53
CAPÍTULO 4- TRAJETÓRIAS PESSOAIS E ESPORTIVAS DAS ATLETAS.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	96
ANEXO 1- TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO.....	102
ANEXO 2- 2-ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Taxa de mortalidade por homicídio em Salvador/BA.....	26
Figura 2. Características e variáveis de avaliação do PNAD.....	41
Figura 3. Franciele Nascimento atuando no pré-olímpico pela Seleção Brasileira....	74
Figura 4. Reportagem Gazeta do Povo: Aruzha Michalski. “Promessas Paranaenses”.....	79
Figura 5. Reportagem Gazeta do Povo: Crias de Hortência dão os primeiros passos na seleção brasileira.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de alunos matriculados/carga horária diária de aulas.....	27
Tabela 2. Índice Gini /Brasil 1981- 2010.....	43
Tabela 3. Faixa salarial dos atletas de futebol no Brasil (1999, 2000 e 2002).....	48

RESUMO

Este estudo tem como objetivo investigar as possibilidades de mobilidade social que podem ocorrer com atletas vinculadas a um projeto esportivo. Para esta análise definimos o projeto Centro de Excelência do Basquetebol, ao qual estava vinculada a equipe profissional da modalidade, denominada Paraná Basquete. O conhecimento prévio de algumas relações ocorridas dentro da configuração, encaminharam a escolha desse projeto, no qual foram entrevistados algumas atletas conseguiram destaque esportivo na modalidade representando inclusive as seleções brasileiras desta. Levantamos a premissa por vezes questionada, da busca dos jovens ou de suas famílias pela inserção ao esporte com o objetivo de alcançar patamares financeiros elevados. Como o basquetebol, e outros esportes olímpicos, não apresenta remuneração elevada o bastante para atrair os jovens nessa busca, baseamos o estudo nas possibilidades que a configuração poderia trazer em relação também à formação acadêmica e ao encaminhamento de seus primeiros empregos. O comparativo sobre os patamares sócio-econômicos das atletas e suas famílias não aconteceram de forma quantitativa, pois, a intenção seria apenas avaliar as possibilidades abertas ao longo prazo. Além da análise de mobilidade social, buscamos indicar a formação do *habitus* esportivo com os participantes nas cidades envolvidas com o projeto, fator indicado pela manutenção da prática da modalidade nestas, mesmo após o encerramento do projeto. Analisar o discurso dos profissionais envolvidas na realização do projeto Centro de Excelência do Basquetebol, também enriqueceu a discussão. As suas opiniões foram coletadas por meio de entrevistas, e estes colocaram sua opinião sobre os fatos ocorridos e que podem servir de orientação aos proponentes de projetos semelhantes. A Teoria Figuracional de Norbert Elias serviu como embasamento para as análises da teia de relações formada pelo projeto assim como apontamento da formação de um *habitus*, e as lutas políticas para implantação do projeto nas cidades. Demais autores balizaram o debate sobre os facilitadores da mobilidade social, esclarecimento que caracteriza essa mobilidade, e também o entendimento crítico dos projetos esportivos realizados no Brasil. Segundo pesquisado entendemos que o projeto pôde proporcionar à uma parcela de praticantes a possibilidade de mobilidade social comparando os estágio educacional e profissional em que esse encontravam.

Palavras-chave: esporte; mobilidade social; projetos esportivos.

ABSTRACT

This study aims to investigate the possibilities of social mobility that can occur with athletes linked to a sports project. For this analysis we define the project's Center of Excellence for Basketball, which was linked to professional team sport called Paraná Basquete. Prior knowledge of some relations occurring within the configuration, forwarded the choice of this project, in which respondents were able to highlight some sports athletes in the sport including the Brazilian selections representing this. We raise the premise sometimes questioned the pursuit of youth or their families by entering the sport in order to achieve higher financial levels. Like basketball and other Olympic sports, has no fee high enough to attract young people in this search, we based the study on the possibilities that could bring the setting also with regard to academic and forwarding their first jobs. The comparison on the socio-economic levels of the athletes and their families did not happen in a quantitative manner, because the intention was only to assess the possibilities open to long term. Besides the analysis of social mobility, we seek to indicate the formation of the sports *habitus* with participants in the cities involved with the project, a factor indicated by the retention of the practice of the sport in these, even after the project closure. Analyze the discourse of professionals involved in implementing the project of the Center of Excellence for Basketball, also enriched the discussion. Their opinions were collected through interviews, and they put their opinion about the events and can provide guidance to project proponents alike. The figurational theory of Norbert Elias served as the basis for the analysis of the web of relationships formed by the project as well as pointing the formation of a *habitus*, and the political struggles to implement the project in the cities. Other authors guided the debate on the facilitators of social mobility, clarifying that characterizes such mobility, and also the critical understanding of sports projects carried out in Brazil. According to researchers believe that the project could provide a portion of practitioners to the possibility of social mobility by comparing the educational and professional training in this meet.

Keywords: sport, social mobility, sports projects.

LISTA DE ABREVIATURAS

ASUFEPAR	Associação dos Servidores da Universidade Federal do Paraná
BANESTADO	Banco do Estado do Paraná
CATES	Centro de Aprimoramento De Talentos Esportivos De Curitiba
CBB	Confederação Brasileira de Basketball
CEB	Centro de Excelência Do Basquetebol
CF	Constituição da República Federativa do Brasil
CNBF	Campeonato Nacional de Basquetebol Feminino
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
EM	Ensino Médio
ES	Ensino Superior
FPrB	Federação Paranaense de Basketball
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
INDESP	Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
JOCOP'S	Jogos Colegiais do Paraná
JOJUP'S	Jogos da Juventude do Paraná
JAP'S	Jogos Abertos do Paraná
ME	Ministério da Educação do Brasil
ONG	Organização Não-Governamental
PASE	Programa de Atendimento Sócio-Esportivo
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PRIESP	Programa de Iniciação Esportiva
SEET	Secretaria De Estado Do Esporte E Turismo
SJP	São José Dos Pinhais
SMEL	Secretaria Municipal de Esporte e Lazer
TELEPAR	Empresa de Telecomunicações Do Paraná
UE	Universidade Livre do Esporte do Paraná
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, inúmeros projetos sócio-esportivos foram desenvolvidos por diversas entidades sociais, sejam elas do setor público ou privado ou mesmo na interseção entre ambos.¹ Através desses projetos, os administradores públicos visam contemplar a população de direitos fundamentais previstos na Constituição Federal, quais seriam, neste caso, o esporte e o lazer, e os benefícios aos quais estas práticas estão atreladas.

Um desses projetos foi realizado no Estado do Paraná, através da iniciativa pública: o Centro de Excelência do Basquetebol, realizado entre os anos de 1999 e 2003, que visava atender a um projeto sócio-esportivo bem como a formação da equipe Paraná Basquete, que representou o Estado nas principais competições da modalidade no Brasil. Para este projeto, foram investidos recursos do poder público buscando a inserção de crianças e adolescentes dos municípios englobados no projeto, à prática esportiva do basquetebol.

A implantação desse projeto foi baseada na política esportiva do Governo Estadual, voltada para o esporte espetáculo e de rendimento² e teve outras ações tais como: a realização dos Jogos da Juventude na sua fase nacional em dezembro de 1996, a criação da Universidade do Esporte com sede em Curitiba, o projeto da Vila Olímpica, a realização dos Jogos Mundiais da Natureza, e a implantação do Centro de Excelência Rexona de Voleibol.³

O projeto, Centro de Excelência do Basquetebol, foi desenvolvido com sua sede principal no município de São José dos Pinhais e difundido para treze cidades do Estado. Ao mesmo tempo foi criada uma equipe principal, com atletas contratadas e que em sua maioria apresentavam passagem pelas seleções brasileiras em diversas categorias, além de atletas estrangeiras que completaram o

¹ Como exemplos podemos citar: Priesp, da Fundação Roberto Marinho; Projeto Atleta do Futuro SESI; Projeto Compartilhar, idealizado por Bernardo Resende “Bernardinho”; o programa Virando o Jogo, idealizado pelos ex-atletas de futebol Raí e Leonardo; programas de iniciativa pública tais como o CATES da Prefeitura Municipal de Curitiba.

² Segundo PRONI, 1988, esporte espetáculo é o desporto praticado no alto rendimento, que é reproduzido para o esporte educacional e para o participativo, com competições esportivas organizadas, esquemas intensivos de treinamento, relações mercantis, reproduzido por diferentes meios de comunicação e assalariamento de atletas.

³ MARTINS, D. J. Q. **A formulação e a implementação das políticas públicas no campo de esporte no Estado do Paraná entre 1987 e 2004.** Dissertação de mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. 2004.

grupo.⁴ Essa equipe, que serviu como referência aos novos praticantes, centralizava seus treinamentos na cidade sede do projeto. Buscando minimizar os investimentos públicos canalizados à gestão do projeto, foi convidada a ex-atleta Hortência Marcari⁵, sendo a “madrinha” do mesmo, visando à angariação de recursos da iniciativa privada para financiar o projeto dada a projeção e exposição que esta atleta tinha com a mídia. A princípio esta possibilidade não se concretizou já que não foram evidenciadas vinculações do nome da equipe a patrocinadores externos que não o Governo Estadual ou a Prefeitura de São José dos Pinhais. Mesmo não contando com apoio de empresas privadas e com curto tempo de existência a equipe principal conseguiu resultados importantes em relação às competições nacionais tais como: um título de campeã (2000) e duas vezes vice-campeã (1999 e 2001) do Campeonato Nacional Feminino e campeão sul-brasileiro (2000).

A proposta de implantação do esporte rendimento alcançou êxito, pois mesmo em curto período de execução a equipe conseguiu bons resultados nas competições disputadas. Dentre os objetivos do projeto, aquele que ficou mais evidente era a formação esportiva, já que alguns atletas formados pelos núcleos obtiveram resultados esportivos expressivos, e serão relatados em capítulo posterior.

Nesse caso, optamos por buscar informações sobre atletas que deram continuidade à prática do esporte por maior período, podendo assim caracterizar a formação de um *habitus* esportivo⁶, bem como o de elucidar o aspecto sociológico central do estudo, qual seria: a possibilidade de mobilidade social por meio do esporte. Determinamos desta forma o problema de pesquisa: um projeto esportivo, enquanto política pública, pode oferecer ao indivíduo a possibilidade de mobilidade social por meio de sua inserção ao esporte?

⁴ Dentre as principais atletas contratadas estavam as brasileiras Marta de Souza Sobral, Sílvia Andréa Santos Luz, Cintia Regina Santos Luz, e as estrangeiras Victoria Andrea Bullet, americana, Vedrana Grgin, croata.

⁵ Atleta de basquetebol participou de duas Olimpíadas sendo vice-campeã em Atlanta/1996, campeã mundial de seleções na Austrália /1994, recebeu a Cruz do Mérito Esportivo/1996, eleita para o “Naismith Memorial Hall of Fame” /2005.

⁶ O *habitus* segundo Elias representa uma “segunda natureza” incorporada pelos indivíduos a partir de ações acontecidas desde as idades iniciais, provocando desde então ações de autocontrole e auto regulação que condicionam-nos a respostas automatizadas e padronizadas deste *habitus* assimilado. Neste caso nos referimos a um *habitus* esportivo que pode ser caracterizado pela incorporação de ações esportivas, respostas e ações dentro da área do esporte e onde o indivíduo tornar-se-ia um atleta, técnico ou colaborador dentro do esporte. Esse conceito tem sido largamente utilizado em estudos do esporte por autores tais como Proni, Pilatti, Marchi Jr., Stigger, Damo,

A relação da possibilidade de mobilidade social ou a busca pela ascensão social através do esporte é tema bastante comentado no Brasil principalmente com respeito aos atletas de futebol, pois existe dentro do imaginário popular a crença de que a maioria dos atletas de futebol alcança patamares salariais bastante elevados em relação aos outros esportes. As outras modalidades esportivas praticadas e difundidas no país, e neste caso o basquetebol, ainda carecem de pesquisas aprofundadas nesta área.

A mobilidade social é um indicador de desenvolvimento social sendo que a que não apresenta possibilidade de ascensão sócio-econômica é uma sociedade estagnada, portanto sem oportunidades de desenvolvimento social.⁷ O tipo de mobilidade que demonstra com maior nitidez o desenvolvimento social é a vertical que relaciona o *status* social atual do indivíduo ou grupo e a posição anterior, o que pode ser um movimento tanto ascendente como descendente.

Relatos iniciais e nossa aproximação com o objeto de estudo, nos levaram a crer na existência de mobilidades sociais iniciadas a partir das relações formadas dentro do projeto. Algumas atletas se tornaram bolsistas em escolas particulares tanto no ensino médio como no superior. A oportunidade de cursar o ensino superior pode garantir novas perspectivas para o indivíduo que venha de uma família de estratos inferiores da pirâmide social. Segundo Pastore:

A mobilidade depende não só de oportunidades de mercado mas também das condições do ponto de partida. Ao nível individual, tais condições referem-se à idade de início de carreira, ao *status* ocupacional inicial, à origem social e *background* educacional.⁸

Pastore afirma que os indivíduos que ingressam no mercado de trabalho em idade mais jovem tendem ao afastamento da vida escolar prejudicando assim o desenvolvimento de carreiras técnicas e em consequência melhor remuneradas. E, se o esporte puder proporcionar continuidade da vida escolar de seus participantes no meio estudantil por atrelar a participação dos mesmos no projeto a essa

⁷ PASTORE, J. **Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

⁸ Idem, p.

continuidade, poderemos ter um ganho futuro no posicionamento no mercado de trabalho do indivíduo.⁹

Além da possível melhoria nas condições de educação formal dos indivíduos, criadas pela obrigatoriedade de frequência escolar, ou bolsas de estudos, a rede de relações formada a partir da prática esportiva continuada pode ser outro fator importante no encaminhamento profissional dos indivíduos, no sentido da expansão de sua rede social.¹⁰ A essa rede social de relações Elias conceitua como configuração e as relações entre os indivíduos a interdependência. Segundo Elias:

O conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de 'sociedade' que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um 'sistema' ou 'totalidade' para além dos indivíduos, mas a rede de interdependências por eles formada.¹¹

Ainda segundo o autor “a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas”, onde encontramos um paralelo com a inferência de Pastore ao afirmar que a mobilidade social vai depender do ponto de partida do indivíduo, e no caso a participação em uma configuração que traz possibilidade de intercâmbio entre pessoas de classes menos favorecidas com as classes superiores dentro da pirâmide social, podem facilitar o acesso das mesmas a um início de carreira profissional promissor.

Levantados os pressupostos, os objetivos desta pesquisa foram avaliar as possibilidades de mobilidade social dentro das redes sociais formadas a partir da participação no projeto Centro de Excelência do Basquetebol - Paraná Basquete, para isso: (1) levantamos dados acerca de alunos (atletas) que tenham participado do projeto e que tenham tido possibilidade de mobilidade social; (2) realizamos uma avaliação a partir da perspectiva de técnicos das cidades onde foram criados os centros de desenvolvimento, se os objetivos propostos pelos gestores do projeto foram atingidos, se houve apoio da gestão central para essa busca de resultados, e

⁹ Esse fato pode se dar naqueles projetos em que há a obrigatoriedade de atestar a frequência escolar e também existe o incentivo ou são estabelecidos convênios com instituições de ensino.

¹⁰ MERTELETTI, R.M., SILVA, A.B.O., “**Redes e capital social, o enfoque da informação para o desenvolvimento local**”, Revista IBCT, set a dez 2004, Brasília-DF

¹¹ ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994, p.249

se o projeto permitiu avanços nas áreas sociais e esportivas no município (estabelecimento de *habitus* esportivo).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, através da análise entrevistas semi-estruturadas dirigidas às pessoas envolvidos na criação, gestão e execução do projeto, além das atletas por eles indicadas. Segundo Lakatos e Marconi¹²:

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

As entrevistas semi-estruturadas foram utilizadas pela possibilidade dos agentes expressarem a sua visão e conhecimento sobre o tema, aproximando o pesquisador ao entrevistado e possibilitando a apreensão do que os agentes sabem, pensam, representam, fazem e argumentam.¹³

Entrevistamos o Secretário de Esportes do Município de São José dos Pinhais naquele período e que, coincidentemente, é hoje também o presidente da Federação Paranaense de Basketball¹⁴; o coordenador do projeto; o técnico da equipe adulta de referência; o técnico das equipes de categoria de base; técnicos das equipes das cidades ou pólos onde o projeto foi desenvolvido e que foram apontadas como os núcleos com resultados esportivos significativos pelos gestores; a “madrinha” do projeto, Hortência Marcari; e as cinco principais atletas que foram citadas como exemplo da possibilidade de mobilidade social, seja como estudantes, atletas profissionais ou que já tenham ingressado no mercado de trabalho, apoiadas na rede figuracional formada a partir do projeto. Junto a cada entrevistado exploramos as seguintes informações:

¹² MARCONI, M.; LAKATOS E. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. p.269

¹³ SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1997

¹⁴ Grafado conforme a razão social

- do secretário municipal de esportes/presidente da FPrB buscamos levantar quais seriam as implicações políticas e quais os objetivos da criação do projeto;
- do coordenador do projeto buscamos entender a proposta de trabalho que almejava o projeto e levantar dados sobre o número de crianças atendidas em cada cidade envolvida;
- dos técnicos esportivos buscamos informações sobre a metodologia de trabalho, se a proposta a que foram contratados foi contemplada, se houve apoio das estruturas financiadoras e gestoras;
- dos técnicos das cidades pólo questionamos sobre os efeitos que o projeto surtiu no desenvolvimento do esporte em suas cidades e as indicações de atletas que o projeto possa ter possibilitado mobilidade social;
- da “madrinha” Hortência Marcari a sua visão sobre o desenvolvimento do projeto, suas implicações políticas e sociais..
- das atletas indicadas pela sua continuidade no projeto e pela indicação de possibilidade de mobilidade social buscamos informações sobre a situação que a participação no projeto pode ter propiciado em termos de avanços sociais.

O material coletado através das entrevistas presenciais seguiu as normas do Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Dom Bosco, conforme os números do CEP 03.53.2010 e do CEPV 0049.0.091.301.10. Todo o material coletado foi utilizado com a permissão do participante através do Termo de Consentimento Livre e Informado, endossado pelos mesmos. Além disso, os participantes tiveram acesso a todo o material coletado durante as entrevistas para que pudessem corrigir possíveis erros ou interpretações equivocadas, e, se o entrevistado solicitasse ficar em anonimato, sua identificação e fonte de informação foram respeitadas, sendo que esta solicitação não aconteceu por nenhum dos entrevistados. As gravações e transcrições das entrevistas ficaram à disposição de quem possa interessar junto à Secretaria do PPGEF/UFPR.

Na análise das informações obtidas nas entrevistas, procedemos a uma análise de conteúdo (AC), instrumento metodológico de análise textual que nos permite categorizar os elementos descritos pelos interlocutores da entrevista. A AC é

descrita por Bardin e utilizamos aqui o prefácio da edição de 1977 para melhor entendimento deste método de análise:

O que é análise de conteúdo atualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis, em constante aperfeiçoamento que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas- desde o cálculo de freqüências que fornece dados cifrados até a extração de estruturas traduzíveis em modelos- é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de “desocultação”, responde a esta atitude de *voyer* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por essa dupla, leitura, em que uma segunda leitura substitui a leitura “normal” do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião...¹⁵

Refletindo sobre este prefácio podemos balizar a metodologia de análise de nossa pesquisa. Inicialmente versa sobre a aplicação do método ao conteúdo do discurso do entrevistado. Utilizamos o método de entrevistas já que não havia dados documentais sobre o CEB sendo necessário buscar as informações a partir do discurso dos entrevistados. Pautado das informações obtidas pudemos categorizar as repostas selecionando os fatores preponderantes à pesquisa, obtendo o rigor científico sem abrir mão da subjetividade e da possibilidade de inferir sobre a análise. As categorias de análise foram assim determinadas: a) os objetivos da criação do projeto e as relações de poder; b) indicadores de mobilidade social; c) o legado esportivo e a formação do *habitus* esportivo.

Bardin¹⁶ classifica os principais aspectos da estratégia metodológica da AC: os objetivos específicos devem nortear a análise; utilizar a leitura analítica como instrumento de análise; realizar uma pré-análise, dividida em análise textual e temática e posteriormente a análise propriamente dita; a categorização dos elementos para a análise e finalmente o tratamento das informações. Durante o

¹⁵ BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

¹⁶ Cf. Idem.

capítulo específico finalizamos a AC e realizamos um paralelo à Teoria Figuracional de Norbert Elias, buscando compreender as relações ocorridas na configuração formada pelo CEB.

A dissertação foi dividida em quatro capítulos: 1) A teoria figuracional de Norbert Elias, onde discutiremos os pressupostos teóricos do autor que balizará nossa análise sociológica; 2) Contextualização: conexões entre projetos esportivos, o esporte e a mobilidade social, onde serão apresentados estudos de discussão sobre a criação dos projetos esportivos, a teorização sobre a mobilidade social e a interconexão entre o esporte e as possibilidades de mobilidade social. 3) A configuração Centro de Excelência do Basquetebol e a equipe Paraná Basquete, no qual apresentaremos as informações obtidas pelas entrevistas realizadas sobre as disputas de poder, a proposta de instalação do projeto, os erros e acertos do projeto, a metodologia de trabalho; 4) Trajetórias pessoais e esportivas das atletas, indicadas pelos gestores, aproximado à temática da pesquisa. Encerrando o trabalho, nossas considerações finais sobre o projeto, o esporte e a mobilidade social..

CAPÍTULO 1- A TEORIA FIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS

Neste capítulo abordaremos os conceitos de Norbert Elias de forma direta e auxiliado de alguns de seus estudiosos visando, a partir de seus conceitos e pressupostos, esclarecer e interpretar as relações ocorridas a partir do projeto CEB.

Para Elias o estudo da sociedade deve estar dissociado da simplicidade científico-biológica, evitando estudá-la de forma estática e imutável, reduzindo a sociologia, à psicologia, biologia ou à física. Para o autor a sociedade é formada por indivíduos relacionados pela sua rede de interdependência, não sendo o indivíduo ser isolado de relações e estar sujeito a interferências do meio e para o meio onde se relaciona. Destaca o tratamento reducionista das ciências ao se considerar a natureza e a sociedade como opostos, enquanto:

(...) indivíduos forem encarados meramente como eus desprovidos de um nós e não se entender adequadamente o papel da balança nós-eu, do ideal do-nós e da identidade-nós nos sentimentos e comportamentos individuais.¹⁷.

Os estudos sociológicos de Norbert Elias vêm de encontro aos estudos na área esportiva, pois além de abordar temas sobre a formação da sociedade em seu processo civilizador, utiliza-se e escreve sobre temas relativos ao esporte e ao lazer ou mesmo descreve as relações sociais a partir da teoria dos modelos de jogos.¹⁸

Estudos na área do esporte, utilizando-se dos conceitos de Elias, foram realizados por PRONI (1998), MARCHI JR. (2001), DAMO (2005), STIGGER (2000), MEZZADRI (2000), CAVICHIOILLI (2004), dentre outros, em seus trabalhos de doutoramento, além de pesquisadores que o fizeram em demais trabalhos de pesquisa, tais como levantados no trabalho de MEDEIROS e GODOY (2009).

A teoria figuracional, ou configuracional, é utilizada por Elias para explicar as redes de interdependência entre as pessoas e grupos e a distribuição de poder entre as mesmas. A partir da rede de interdependência formam-se as configurações,

¹⁷ ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994, p. 113-114.

¹⁸ ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999, p 80-81

espaços sociais orientados por forças compulsivas entre e pelas pessoas desses agrupamentos. Essas forças compulsivas, que permeiam as relações internas de uma configuração, são consideradas por Elias como relações em equilíbrio que podem ser estáveis ou não, e se alteram conforme as interdependências, podendo fortalecer seus intervenientes. A capacidade que os indivíduos apresentam em se agrupar e reagrupar conforme os interesses mútuos formam essas teias de relacionamento, organizadas por relações de interdependência.

O poder pode ser compreendido pelas relações e funções distribuídas na configuração. O poder pode ser atribuído pelas formas mais variadas, conforme as necessidades dos indivíduos da configuração, não sendo definida apenas pela posição formal assumida, tal como um cargo hierárquico, (mas que também pode ser), mas pelas relações humanas investidas na relação, sendo que alguns grupos ou indivíduos:

(...) podem reter ou monopolizar aquilo que os outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros¹⁹

Entender as relações de poder na configuração estudada, nos fez entender a implantação e manutenção desta, mesma que a busca por parcerias privadas para financiamento do projeto não tenham sido alcançadas.

A rede de relações organizada pelas pessoas que compõem a formação estabelecida por um projeto esportivo caracterizam uma nova configuração e classificá-los uma determinada modalidade esportiva e seu aprendizado como um novo símbolo, a ser socialmente incorporado e transmitido por uma geração mais experiente dentro desta, tal seja pela relação de professores (técnicos), alunos (atletas) iniciantes e alunos (atletas) antigos. Elias descreve a entrada de um novo indivíduo ao grupo e a assimilação dos símbolos referentes à configuração:

Há figurações de estrelas, assim como de plantas e animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modo de sua

¹⁹ ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994, p.53

vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos.²⁰

Micelli²¹ descreve uma figuração fictícia descrita em um filme (*Prêt-à-Porter*, de Robert Altman) a partir de uma cena inicial representada por uma de suas personagens principais. A configuração descrita envolve vários níveis de interdependências e disputas de poder que vão desde os transeuntes, passando por camareiras, estilistas, modelos e demais personagens, coexistem em laços de amizade, parcerias amorosas, rixas e intrigas, disputas, saberes, tradições, estilos de vida, etc. Desse vislumbre de Micelli nos encorajamos a tentar tecer a configuração dentro de um projeto esportivo, tomando como exemplo o CEB, e apenas de forma inicial enumerar os personagens de forma não ordenada em relação a poderes e forças coercitivas na teia: os gestores políticos, os técnicos esportivos, os coordenadores, as atletas profissionais, as atletas das equipes de base, as famílias dos alunos, os torcedores, os funcionários de apoio, os alunos que não se tornaram atletas, os adversários políticos, as famílias dos técnicos, enfim, apenas para iniciar a tecer a rede dessas relações de disputa e apoio, aproximação e afastamento, símbolos e linguagens, e as lutas travadas pelas posições de destaque na configuração.

Entremeando a busca por estas posições os grupos ou indivíduos de semelhança se aproximam e exercem entre si, e entre os outros grupos suas expressões de poder que neste caso pode ser a posição política ou mesmo o *know-how* esportivo. Essa distribuição de poderes ou forças coercitivas são distribuídas de forma ao menos bipolar e comumente de forma multipolar, gerando ainda maior possibilidade de desequilíbrio nas configurações.

²⁰ ELIAS, N. **Escritos e Ensaios:1- Estado, processo e opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006, p.25

²¹ MICELI, S. "Norbert Elias e a questão da determinação". In: WAIZBORT, L. (org.). **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 115

Para analisar as relações de poder que permeiam e equilibram as relações dentro de uma configuração, Elias apresenta uma teoria pautada nos modelos de jogos. Utilizado como ferramenta conceitual, o jogo serve para o estudo de grandes e pequenas configurações e ou agrupamentos, partindo de uma conjuntura simplificada e que pode ser aumentada em caráter exponencial.²²

O primeiro modelo de jogo apresentado por Elias seria o jogo “primário e sem regras”. Caracteriza que as relações sociais podem acontecer entre grupos sem regras de coexistência, apontando para as lutas desordenadas e podemos exemplificar pelos distúrbios e guerras primárias pela sobrevivência onde não existem limites de convivência dentro do grupo e entre os grupos.²³

O segundo modelo proposto por Elias seria o “processo de interpenetração com normas”, seguido de suas subdivisões e classificados pela distribuição de poder entre os participantes ou “da força relativa dos jogadores”.

A primeira subdivisão do modelo seria o “jogo de duas pessoas” onde o controle do jogo dentro desta configuração se determina pela distribuição de poder entre os adversários, havendo o controle das ações que se estabelecem em ambos os sentidos, tanto na busca de fortalecimento do dominado como na tentativa de manutenção de poder do dominante.

O próximo modelo dentro dos jogos com normas seria os “jogos de muitas pessoas em um só nível”, onde a relação de interdependência é restrita entre os participantes e as ações devem ser pautadas nas ações anteriores dos adversários, e ao haver a extensão da rede de relações deve-se buscar novas formas de condução do jogo.

Os “jogos multipessoais a vários níveis” partem da interdependência dos jogadores, porém a estrutura gera ações individualizadas. O crescimento desmedido da configuração pode gerar o descontrole e o não entendimento do jogo, já que a rede de interdependência não regulariza as ações individuais.

Caracterizado pelo domínio de um nível de poder de um grupo de jogadores em relação ao outro estão os “jogos de dois níveis do tipo oligárquico”. Nessa configuração as disputas são geridas pelo grupo de domínio, grupo interdependente, porém os participantes não disputam entre si. As disputas ocorrem no nível mais

²² Cf. ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999, p 80-81

²³ Idem.

baixo, mais numeroso, demonstrando rigidez, estabilidade e desproporcionalidade de poder nesta configuração.

O último modelo de análise seria o de “dois níveis tipo democrático crescentemente simplificado” onde os conflitos e tensões, o crescimento de poder gerado pelas novas redes de interdependências, são característicos e constantes. Nesse modelo constantemente revela-se a precaução dos competidores em relação à estabilidade de seu poder e de suas ações que são regradas pelas interdependências simultâneas que se desenrolam. O crescimento constante de poder dos níveis inferiores refreia as iniciativas daqueles que estão nos níveis de comando segundo Elias:

Cada vez mais parece a todos os participantes que os jogadores de nível mais alto estão no jogo para benefício dos jogadores de nível mais baixo. Os primeiros tornam-se gradualmente, de uma forma mais aberta e precisa, funcionários, porta-vozes ou representantes de um ou outro grupo de nível mais baixo... Porém nesse modelo de jogo á medida que cresce a influência dos jogadores de baixo nível, o jogo torna-se cada vez mais complexo para todos os jogadores de nível mais alto.²⁴

Ao analisar a sociedade a partir dos modelos de jogos e as relações de poder ocorridas dentro de cada modelo de disputa, Elias facilita a interpretação dessas configurações e as suas interdependências em todos os níveis de relação tanto individuais como de grupos. Essa interpretação pode ser transferida na análise das relações ocorridas em outros setores da sociedade e especificamente em projeto esportivo. No entendimento das relações de poder, buscamos evidenciar os objetivos da criação e do encerramento do projeto.

A estrutura de um projeto esportivo, no nosso caso de estudo, de uma iniciativa política, de forma simples pode ser dividida pelo agrupamento dos gestores do projeto (representantes do governo, secretários estaduais e municipais de esportes, supervisora geral), coordenadores técnicos, coordenadores dos municípios

²⁴ Idem, p.97

conveniados, técnicos da equipe principal (elaborados da metodologia), técnicos das categorias de base, auxiliares técnicos, os atletas/alunos participantes, as famílias dos atletas, a comunidade que acompanhava aos jogos. A análise dessas relações se fará no capítulo específico de interpretação das entrevistas com os participantes.

Outra abordagem central da teoria figuracional diz respeito ao conceito de *habitus*. Para Elias o *habitus* representa uma “segunda natureza”, incorporada pelo indivíduo a partir de suas relações sociais e mesmo individuais, é produto de suas experiências individuais assimiladas desde o nascer e predispõem o indivíduo às suas ações perante a sociedade demonstrando suas preferências e capacidades, necessárias nas conquistas de poder dentro de uma configuração.

A noção de *habitus* é elaborada inicialmente na doutrina aristotélica como “hexis” e definia a virtude individual. Posteriormente Tomás de Aquino traduziu o termo para *habitus* no Latim, representando o particípio do passado do verbo “habere”- ter, possuírem sua obra “Summa Theologiae, em que adquiriu o sentido acrescentado de capacidade para crescer através da actividade, ou disposição durável suspensa a meio caminho entre potência e acção propositada.” Posteriormente o termo foi utilizado por diversos autores tais como Émile Durkheim, Max Weber, Marcel Mauss, Thorstein Veblen, Edmundo Husserl e finalmente em Norbert Elias e Pierre Bourdieu.²⁵

O *habitus* pode reger a aproximação/manutenção do indivíduo ao meio. Pensemos nesse caso na entrada da criança em um projeto esportivo que pode ser influenciada de diversas maneiras, mas, que seria facilitada por uma propensão interna de gosto pela prática esportiva, assim como a manutenção de um *habitus* ocorreria pela incorporação deste. A caracterização evidente se faria com aquelas que permaneceram praticando o esporte ou também escolheram uma carreira aproximada ao esporte como estudantes de Educação Física.

O *habitus* nessa pesquisa pode ser caracterizado também pela manutenção e incorporação da modalidade esportiva nos núcleos formados pelo CEB, sendo que buscamos as informações sobre a implantação e aceitação dos núcleos e a manutenção da modalidade como prática constante nos municípios que receberam o

²⁵ WACQUANT, L. “Esclarecer o *habitus*”. Disponível em <http://www.sociology.berkeley.edu/faculty_html/wacquant/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf>. Acesso em 20/12/2010

CEB. Se o *habitus* é caracterizado como uma “segunda natureza” incorporada pelo “indivíduo” a partir de suas relações sociais, o fato de incorporar o basquetebol e o esporte como seu meio de trabalho e estudos, podemos sim, caracterizar essa incorporação como formação de *habitus* esportivo.

Por fim, destacamos outra obra de Elias que pode ser relacionada nesse estudo: *Os Estabelecidos e os Outsiders*²⁶. O modelo de análise utilizado pelos autores tem base em um estudo etnográfico. Apesar de não ser a base científica no estudo, pudemos nos colocar em condições de analisar certos acontecimentos tendo em vista a aproximação à configuração formada pelo basquetebol no Estado do Paraná.

O livro é fruto de um estudo realizado no fim da década de 1950 e início da de 1960, em parceria com John L. Scotson, cujo objetivo inicial era estudar a delinquência juvenil em uma pequena comunidade inglesa de nome fictício Winston Parva, próxima de Leicester, onde Elias lecionava desde 1954. Essa obra direciona a um estudo sociológico das relações de poder, analisa a: “Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos-outsiders ilumina exemplarmente: as relações de poder.”²⁷

Establishment e established são palavras de origem inglesa utilizadas para designar grupos e indivíduos que ocupam posição de prestígio e poder. Esse grupo se auto-percebe como sendo a sociedade uma “boa sociedade” e constroem essa percepção a partir de um modelo construído pela tradição, autoridade e influência. Já os *outsiders* são qualificados como não integrantes da “boa sociedade”, no caso da configuração abordada, aqueles que se instalaram em uma segunda fase do loteamento na comunidade de “Winston Parva”. Os estabelecidos consideram-se por si mesmos e também por parte dos *outsiders*, como pessoas de maior poder perante a comunidade. Elias e Scotson observaram: “a maneira como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder e utilizá-las para marginalizar e estigmatizar membros de outro grupo muito semelhante.”²⁸

²⁶ ELIAS, N. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000

²⁷ Idem, p. 08.

²⁸ Ibidem, p. 13

O modelo de análise empregada nesse trabalho nos remete a algumas situações de nossa pesquisa, observadas no decorrer das entrevistas realizadas: 1) a resistência à implantação, empregada pela comunidade esportiva local, ao projeto; 2) a entrada das atletas, vindas de estratos sociais inferiores, em escolas particulares por meio de bolsas de estudos. Alguns fatos relevantes devem ser esclarecidos na realização e análise das entrevistas.

A aproximação ao objeto de estudo nos leva a outra relação evidenciada por Elias nos estudos sociológicos, baseado no princípio de envolvimento e distanciamento. Para Elias devemos entender a sociedade como sendo formada por nós e pelos outros, não podendo ser interpretada e estudada como algo alheio a relação eu-nós. O fato do pesquisador inserido à configuração não invalida sua capacidade de distanciamento das relações ali travadas, facilitando de outra forma seu entendimento das mesmas. A aproximação se faz necessária para entendermos as primeiras relações ocorridas na configuração formada dentro da configuração analisada, nos facilita a abordagem do tema, mas nesse ponto devemos buscar o distanciamento, que pode ser revelado por esse envolvimento, seja das opiniões contrárias ou não, destituindo-nos das emoções e sentimentos. Esse é um exercício valioso no método de pesquisa: conhecer a configuração, entendê-la, envolver-se e distanciar-se, permitindo que não só suas opiniões sejam e sentimentos sejam revelados(eu) mas também dos indivíduos que a compõem(nós).

Além do entendimento das disputas ocorridas dentro da configuração formada em torno do projeto estudado, a sociologia eliasiana pode nos auxiliar no estudo da mobilidade social.

A estratificação social tem seus contornos pautados na diferenciação de poder econômico e revela novas estruturas e lutas dentro das configurações sociais, e essa teia de relações, ao ser estudada, pode demonstrar as possibilidades de ascensão ocorridas a partir destas. Para Elias além das desigualdades econômicas, os grupos dominantes legitimam sua superioridade pela também dimensão simbólica, por signos ideológicos e comportamentais vinculados historicamente aos indivíduos.

O processo de conquista de outras dimensões sociais mais elevadas se dará, portanto, não apenas pelos ganhos financeiros, mas também por outras apropriações, tal como a possibilidade de poder praticar um esporte, estudar em

escolas particulares, viajar com sua equipe conhecendo lugares onde as condições financeiras poderiam não permitir, conviver com pessoas de classes sociais elevadas, ter a perspectiva de cursar uma universidade. Nesse sentido entremeamos os valores objetivos (padrões macro) estabelecidos oficialmente em tabelas de *status*, por exemplo, e subjetivos (padrões micro) entendidos na perspectiva do indivíduo.

Dubar²⁹ esclarece essas duas dimensões e a forma de analisá-las:

(...) análises objetivantes dos "movimentos de mobilidade", apreendidos em nível "macro", das estatísticas que permitem reconstruir "trajetórias objetivas" com análises compreensivas das "formas de discursos biográficos", apreendidas em nível "micro", que são, ao mesmo tempo, expressões pessoais de "mundos vividos", "espaços de referência" e "temporalidades subjetivas" que temos chamado, por falta de termo melhor, de "formas identitárias" e que lembram a noção de "configuração" elaborada por Norbert Elias.

Na configuração formada pelo CEB pudemos entremear as noções das trajetórias pessoais das atletas e traçar objetivamente a nova perspectiva social que a prática esportiva lhes proporcionou, seja na formação do *habitus* esportivo, seja na possibilidade de frequentar o ES. Partindo de uma perspectiva "micro" (CEB, basquetebol, ES) encontramos a noção maior de alcançar melhores condições sócio-econômicas e conseqüente mobilidade social ascendente.

²⁹ DUBAR, C. **Trajetoórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos**. Campinas: UNICAMP, Revista Educação e Sociedade, vol.19.1998.

CAPÍTULO 2 - CONTEXTUALIZAÇÃO: CONEXÕES ENTRE PROJETOS ESPORTIVOS E MOBILIDADE SOCIAL

2.1. OS PROJETOS ESPORTIVOS NO BRASIL E SEU ESTUDO CRÍTICO

Nesse capítulo iremos discorrer sobre a disseminação dos projetos esportivos no Brasil. Buscamos contextualizar a criação dos mesmos, destacando alguns projetos realizados e apresentando o estudo crítico realizado por estudiosos do tema, visando balizar a nossa interpretação dos fatos ocorridos no projeto Centro de Excelência do Basquetebol, que é fonte de nosso estudo.

O crescimento do número de projetos sócio-esportivos desenvolvidos pelas mais diversas entidades sociais, sejam elas do setor público ou privado ou mesmo na interseção entre ambos foi evidente nas últimas décadas no Brasil. Podemos citar inúmeros destes tais como: Priesp, da Fundação Roberto Marinho realizado nos anos 80; Projeto Atleta do Futuro SESI; Projeto Compartilhar, idealizado por Bernardo Resende “Bernardinho”; o programa Gol de Letra, idealizado pelos ex-atletas de futebol Raí e Leonardo; programas de iniciativa pública tais como o CATES da Prefeitura Municipal de Curitiba, o projeto Atletas com Futuro em Pernambuco, o projeto Basquete do Futuro Eletrobrás em conjunto com a CBB, Projeto Esporte Cidadão em Vila Velha (ES), o programa Segundo Tempo do ME, e o projeto aqui estudado, Centro de Excelência do Basquetebol realizado nos anos 90 e reeditado atualmente pela FPrB. Essa proliferação de projetos encontra questionamentos quanto à justificativa para a sua realização. Podemos listar algumas questões levantadas acerca dos projetos esportivos, em pesquisas que aqui apresentaremos, quais sejam:

1) pelos recursos investidos: referente ao valor financeiro empregado, se os mesmos seriam compatíveis com investimentos nas demais áreas de interesse da população tais como saúde, educação, segurança, saneamento etc.;

2) pela administração desses recursos oferecidos: já que os recursos destinados podem ser compatíveis com o orçamento público, mas se estes são empregados apenas no projeto sem desvios de verbas;

3) pela contextualização: o projeto pode não estar adequado à cultura da população não atendendo aos anseios dos mesmos;

4) pelos aspectos pedagógicos e metodológicos aplicados: pois apesar de atender aos critérios listados anteriormente, a falta de capacitação dos profissionais envolvidos ou a falta de um projeto pedagógico podem desvirtuar e desmotivar os participantes de um projeto;

5) pelos objetivos políticos do projeto: sendo nesse caso necessário entender se o projeto faz parte de um Programa de Governo ou de uma Política de Estado. No primeiro caso a continuidade do projeto estaria sujeita à reeleição de um grupo político que poderia dar continuidade à execução e no segundo estar incorporado ao sistema administrativo do país;

6) pelos resultados quantitativos, de forma geral o número de atendidos, e qualitativos, através de levantamento da adesão e aderência ao projeto e o encaminhamento dos egressos após a saída do projeto por exemplo.

Mas quais os motivos para se criar tantos projetos esportivos?

Uma lógica que pode responder ao questionamento é da necessidade de suprir a população de carências acumuladas na área social, já que o país apresenta alto índice de concentração de renda, apresentados em estudos de FERREIRA (2000), PASTORE (1999), PASCHOAL (2007) e MACEDO et al (2001). Apontado por estes sociólogos, a falta de investimentos no setor educacional é um dos maiores geradores dessa concentração, e podem acarretar em geração de violência social. Macedo et al³⁰ aponta estudo realizado com a população de Salvador, BA, levando em conta, variáveis de renda e escolaridade, cruzados com taxas de mortalidade por homicídios e apresentou o quadro abaixo:

³⁰ MACEDO, A.C. **Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil.** São Paulo: USP-Revista Saúde Pública, 2001, p.8.

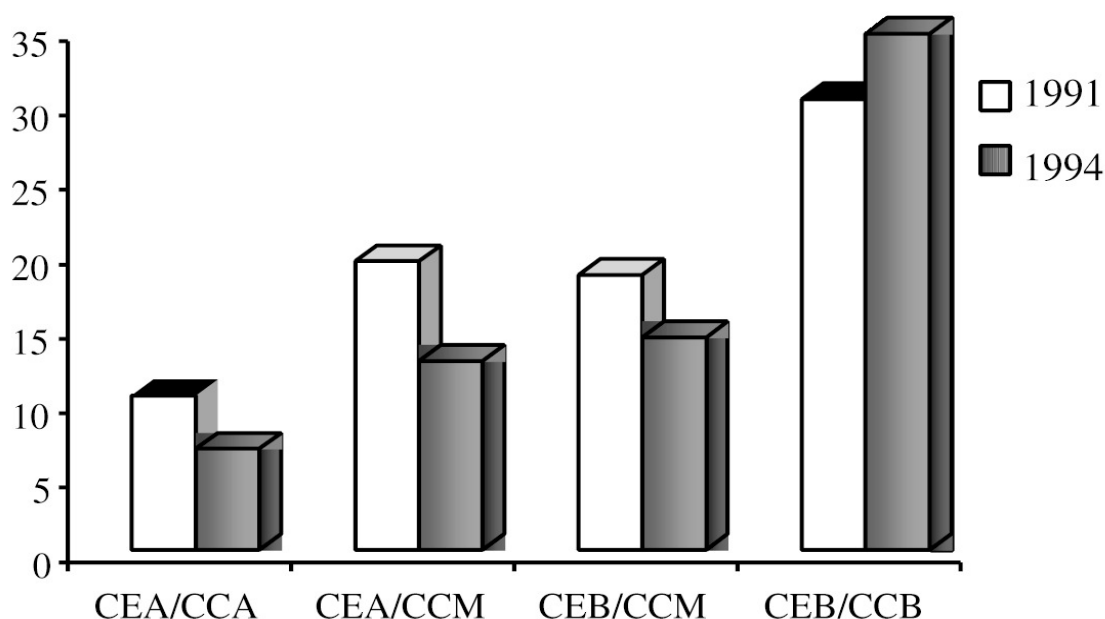


Figura1. Taxa de mortalidade por homicídio (/100.000 hab.), segundo estratos de condições de vida. Salvador, 1991 e 1994. CEA = capital econômico alto; CEB = capital econômico baixo; CCA = capital cultural alto; CCM = capital cultural médio; CCB = capital cultural baixo³¹

Como resultados, ficaram evidenciados as taxas de crimes mais altas entre os estratos que apresentavam menores capitais econômicos e culturais.

Outro fator importante que podemos ressaltar para o crescimento do número de projetos sociais/esportivos é encontrado na carga horária escolar, que ainda não atende às necessidades sociais do país. A baixa carga horária em um país com tanta desigualdade social expõe as crianças aos riscos ofertados nas ruas.

O sistema escolar no Brasil ainda carece de oferta de horário escolar integral, pois segundo o Censo Escolar realizado pelo INEP em 2009 num total de 40.043.688 alunos matriculados nos ensinos médio e fundamental no país, apenas 4.635.287 alunos encontravam-se matriculados em escolas com período de aulas superior a 5 horas diárias de estudos, números pouco superiores a 11%. Dados específicos são apresentados no quadro a seguir:

³¹ Idem, p.4

Turmas e Matrículas no Ensino Médio									
Total Geral		Menos de 4 horas		4 horas		Mais de 4 até 5 horas		Mais de 5 horas	
Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas
251.496	8.337.160	43.953	1.503.893	46.313	1.511.857	104.171	3.427.834	57.059	1.893.576
Turmas e Matrículas no Ensino Fundamental									
Total Geral		Menos de 4 horas		4 horas		Mais de 4 até 5 horas		Mais de 5 horas	
Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas	Turmas	Matrículas
1.289.721	31.705.528	43.894	1.033.826	458.446	10.097.763	694.136	17.832.228	93.245	2.741.711

Tabela 1- Número de alunos matriculados/carga horária diária de aulas³²

As famílias apresentam a necessidade de jornadas intensas de trabalho, as crianças e adolescentes ficaram expostas por estarem sem atividades no contraturno escolar. Com índice crescente de marginalização através do tráfico de drogas, essa exposição transformou o jovem em alvo fácil para a delinquência. Assim criou-se a oportunidade para o crescimento do número de projetos que buscavam intervir nessa realidade, ofertando atividades no contraturno escolar, que buscavam atender as crianças e adolescentes que permaneciam nas ruas, promovendo a educação pelo esporte e pelo trabalho.³³

Sema a oferta de escolas em tempo integral, com a necessidade de cargas horárias de trabalho elevadas, com os riscos de exposição das crianças à violência crescente das ruas, os projetos se proliferam, e o esporte é um dos grandes atrativos para as crianças.

Sendo um grande atrativo para os projetos sociais, o esporte passou a ser tratado de maneira universal como grande promotora do resgate social dos menos afortunados ou ditos em situação de risco social. Por situação de risco social, entende-se a condição de crianças que, por suas circunstâncias de vida, estão expostas à violência, ao uso de drogas e a um conjunto de experiências

³² INEP. Censo escolar 2009. Brasil

³³ Cf.- ZALUAR, A. **A integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

relacionadas às privações de ordem afetiva, cultural e socioeconômica que desfavorecem o pleno desenvolvimento bio-psico-social.³⁴

Hirama³⁵, baseado em dados do UNICEF, cita os números da população de jovens em situação de risco do Brasil:

(...) são 62 milhões de jovens com menos de 18 anos, dos quais 27,6% é pobre. Entre 12 a 18 anos são 21 milhões de adolescentes dos quais apenas 59% terminaram o ensino fundamental e 40% o ensino médio.

A apropriação do esporte nos projetos sociais se pauta em valores agregados a ele tais como: apropriação de valores morais, determinação, respeito às regras, organização, superação, ocupação do tempo livre, respeito aos companheiros e adversários, possibilidade de ascensão social, fuga das drogas, desenvolvimento de atitudes saudáveis, melhoria nas condições de saúde, enfim diversas formas de vincular o esporte às necessidades educativas da população, que deveriam ser atendidas pelas escolas, mas devido à estrutura escolar brasileira, não são realizadas nas mesmas.

Surgem assim os grandes projetos sociais, realizados por diversas entidades dos setores públicos e privados e mesmo na interseção entre ambos. Diversas motivações levam à criação de tais projetos e diferentes poder ser suas concepções e metodologias. As motivações podem ser políticas, educacionais, esportivas, de marketing pessoal ou institucional, fiscais, dentre outras. Nesse ponto encontram-se diferentes metodologias sendo que alguns projetos estão ligados à formação de atletas, outros com ênfase no aspecto educacional desvinculado de cunho esportivo competitivo, ou, tendo o esporte apenas como complemento nas atividades principais.

A criação destes projetos se viu pautada na CF de 1988 onde o esporte figura como direito social dos cidadãos, tendo o Estado como agente fomentador de sua prática. Em sua seção III a CF rege os seguintes termos:

³⁴ Cf.- LESCHER, A.D.et al. **Crianças em situação de risco social: limites e necessidades da atuação do profissional da saúde**. Disponível em: <http://www.projetoquixote.epm.br/publicação.pdf>. Acesso em 10/10/2010.

³⁵ HIRAMA, L. K. **Algo para além de tiar as crianças da rua: a Pedagogia do Esporte em projetos socioeducativos**. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 2007, p.15

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;

III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional;

IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

§ 1º - O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei.

§ 2º - A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final.

§ 3º - O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.³⁶

Da mesma forma o esporte é contemplado no Estatuto da Criança e do Adolescente como sendo direito a ser assegurado pela sociedade. Em seu Art. 4º, o ECA dá referência ao esporte:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.³⁷

Com relação à motivação dos proponentes dos projetos não pretendemos aqui elucidar de todo quais seriam, mas queremos salientar possibilidades dessa motivação. No caso de motivação política as mesmas podem estar devidamente vinculadas a uma política de Estado e não de Governo. Cabe ressaltar que os projetos esportivos implementados pelo governo municipal, estadual ou federal em geral podem suprir a uma lacuna deixada pela impossibilidade de implementação da

³⁶ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988.

³⁷ BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Artigo 4º, lei 8069 de 13 de julho de 1990.

escola em período integral a todos, já que a estruturação do sistema de educação para esta implantação seria de longo prazo.

Podemos citar como exemplo o programa Segundo Tempo atualmente em ação, criado pelo Governo Federal e que busca oferecer às crianças, em diferentes localidades brasileiras, oportunidade de práticas esportivas, e que é colocada com o intuito de estender o horário de permanência das crianças nas instalações escolares, associando às atividades esportivas outras atividades culturais ou de reforço escolar. Elaborado em 2003 pelo Ministério do Esporte, o programa tem como objetivo a democratização da prática esportiva e é desenvolvido tanto em espaços públicos como em espaços privados, por meio de alianças e parcerias com instituições públicas e privadas sem fins lucrativos.

Outros exemplos de projetos oriundos da iniciativa pública, em âmbito estadual seriam o CATES e o PASE (Prefeitura de Curitiba), o projeto Viva Escola (Governo do Paraná). Aqui notamos uma das motivações políticas na gestão dos projetos, pois o atual projeto PASE era regido com o nome de PIM. Como não é objetivo desse trabalho investigar sobre tal projeto fica apenas essa constatação.

Na interseção entre o poder público e a iniciativa privada temos exemplos no Estado do Paraná que seria o projeto REXONA, onde a empresa detentora da marca patrocinava a equipe principal e o Governo do Paraná participava com a infraestrutura.

Além da organização de projetos de iniciativa governamental, diversas outras organizações estão atuando na execução de projetos esportivos no país. Segundo dados do IBGE em 2002 um total de 26.894 organizações sem fins lucrativos estavam vinculadas a esse tipo de iniciativa. Muitas dessas classificadas como Organizações não Governamentais amparadas em um regime legal e tributário que exime de impostos essas entidades, e são muitas vezes mantidas ou organizadas por pessoas com grande projeção midiática, tal como ex-atletas, grandes atores, políticos ou empresários através de suas marcas de produtos.

Cabe esclarecer outra motivação para os investimentos por pessoas que contam com grande expressão junto à mídia que seria os incentivos fiscais e mesmo a exposição que as doações para esses projetos podem oferecer quando realizados com premiações ou cachês em grandes eventos, com grande divulgação, evento de entrega de cheques simbólicos, anúncios em entrevistas coletivas, etc.. É evidente

que essas doações podem representar apenas o quinhão que deveria mesmo ser doado às entidades beneficentes, já que seriam recolhidas na forma de imposto de renda, mas une-se o útil ao agradável, abatendo-se impostos e valorizando-se a imagem pública, seja da empresa, seja da pessoa em questão. Certamente não podemos generalizar essa conduta acreditando ser padrão entre os doadores, já que inúmeras entidades recebem os benefícios daqueles que estão conscientes de sua responsabilidade social, ou mesmo desejam retribuir o apoio dado em suas carreiras.³⁸

Alguns projetos realizados no Brasil pelo meio acadêmico e encontraram pontos divergentes e convergentes em suas configurações. Existe a contestação dessas pesquisas que de forma geral os dados levantados pelos gestores (políticos) dos projetos levam em conta apenas os dados quantitativos sem utilizar de forma crítica esses números.³⁹

Vianna e Luvisolo⁴⁰ pesquisaram acerca da adesão dos jovens de camadas populares ao núcleo de atividades extracurriculares que englobava atividades físicas e culturais situado na favela Cidade de Deus no Rio de Janeiro, núcleo que objetivava oportunizar a alunos da rede municipal de ensino a vivência dessas práticas. Um dado importante relatado pela pesquisa cita o fato de 80% dos participantes do projeto (n=5462) abandonaram as atividades ainda no primeiro ano de participação e apenas 0,20% dos participantes tiveram cinco anos de atividade. Entre as reflexões sobre esses resultados, Os autores da pesquisa levantaram a possibilidade da falta de interesse gerado pela prática sem objetivos competitivos e mesmo a baixa aquisição de habilidades esportivas, o que gerava frustração das expectativas dos adolescentes que de forma geral, nas camadas sociais mais baixas, buscam muitas vezes o esporte como modo de ascensão social. Não seriam apenas estes os motivos de abandono da prática, mas poderiam ser estes mecanismos controláveis para buscar a maior adesão e aderência ao projeto.

Ao não analisar a realidade local, as expectativas da população, ao não levantar e buscar solucionar a evasão os gestores (promotores) acabam apenas

³⁸ VIANNA, J.A. e LOVISOLO, H.R. **Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação**. Porto Alegre: Revista Movimento, v.15, n 03, 2009. p. 2.

³⁹ Autores como ZALUAR, HIRAMA, LUVISOLO E VIANNA, destacam em diversos trabalhos o fato dos gestores políticos se basearem apenas em dados quantitativos de participação nos projetos.

⁴⁰ Idem.

atendendo às suas crenças de promoção de saúde e de inclusão social não percebendo, em relação a esse projeto especificamente, deixando de lado a crença local de profissionalização através do esporte. Por nossa visão acreditamos que a ênfase na desportivização do projeto não levaria a isentar essas crenças dos promotores, sendo apenas necessária uma condução pedagógica apropriada oportunizando a todos a participação em diferentes formas de prática seja competitiva, seja apenas de forma participativa, educativa, conforme a expectativa individual e a conformação dentro das fases de crescimento da criança e adolescente. Nesse ponto os autores observam que os promotores deixavam de atender tanto na inclusão, na desportivização, nos aspectos pedagógicos e psicológicos:

Acreditamos que o entusiasmo generoso dos promotores leva a enfatizar apenas as realizações, jamais o lado escuro das frustrações. Assim como o fracasso escolar leva ao abandono da escola, o fracasso esportivo- a não obtenção do desempenho esperado ou desejado e custos psicológicos ou fisiológicos altos-- pode levar ao abandono da prática.⁴¹

Naquele momento, questionamos se a participação decrescente dos jovens com idade a partir dos 14 anos, pode ser devida a quase inexistência de competições esportivas internas e / ou externas e do pequeno desenvolvimento dos conhecimentos e das habilidades esportivas, com conseqüente diminuição das possibilidades de formação profissional. Ou seja, os jovens não estariam encontrando nem a excitação da competição nem a formação esportiva para um futuro profissional. As crenças, então, sobre a atividade esportiva como diversão excitante e sobre o esporte como via de desempenho profissional, ocupam uma posição superior e explicam a desistência quando as expectativas não são satisfeitas.⁴²

Baseados em dados coletados no mesmo projeto Vianna e Lovisolo discutem também o ensino na Educação Física Escolar e suas novas vertentes metodológicas que se viu a partir dos anos 80, metodologia criticada pela sua forma tecnicista de ação. Segundo o levantamento realizado a aspiração da maioria dos alunos que

⁴¹ Idem, p.3

⁴² Idem, p.5

buscavam o projeto era de formação esportiva no sentido de se tornarem atletas profissionais ou mesmo professores ou técnicos desportivos. Ressaltamos que o estudo chama a atenção para a falta de interação das propostas pedagógicas na escola com relação às aspirações da criança e do adolescente, fato destacado por Monteiro e Zaluar e que discutiremos em seguida. Porém, a comparação da proposta pedagógica em um projeto esportivo não pode ser diretamente comparada às ações da Educação Física escolar já que a mesma atende a uma comunidade diversificada diferentemente daquelas que buscam a formação esportiva através de projetos, mas fato é, que “os pedagogos auto denominados de críticos”⁴³ não demonstram de forma efetiva qual seria o caminho para a não-desportivização da Educação Física escolar e deixam de lado aquilo que pode trazer maior adesão às práticas corporais: as crenças dos participantes e as atividades realizadas pela comunidade.

Monteiro e Zaluar⁴⁴ estudando as Vilas Olímpicas criadas no Rio de Janeiro pela Prefeitura Municipal concluíram haver a necessidade dos projetos criados se tornarem Política de Estado e não de Governo, estando sujeitas à sua extinção devido à instabilidade político-partidária. Outra necessidade levantada é a interação do projeto a outros organismos da sociedade civil e o Estado para se utilizarem do mesmo espaço e programarem outras ações para redução da violência local, já que os projetos em questão estavam localizados em áreas de baixo estrato social, baixa escolaridade, e violência generalizada, tornando a participação no projeto uma das poucas alternativas aos jovens de lazer e socialização.

Ao estudar o PRIESP, programa de iniciação esportiva da Fundação Roberto Marinho, que tinha o objetivo de preparar futuros atletas e desenvolver o gosto pela prática esportiva nas camadas mais pobres, Zaluar⁴⁵ traçou o perfil sócio-econômico da população que era atendida pelo programa nas diferentes sedes onde era executado. Um ponto conflituoso foi demarcado pelas diferenças sócio-econômicas dentro das comunidades sendo detectado o preconceito da classe de trabalhadores, os menos favorecidos e mesmo a partir da tensão entre estes e os bandidos que

⁴³ VIANNA, J.A. e LOVISOLO, H.R. **Desvalorização da aprendizagem técnica na Educação Física: evidências e críticas**. Rio Claro: Revista Motriz, v. 15, n. 4, , 2009, p.2

⁴⁴ MONTEIRO, R., ZALUAR, A. **A desigualdade na repressão: a saída na prevenção da violência**. Lisboa: Livro do Congresso Português de Sociologia, 2008

⁴⁵ ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994

dominavam a região, criando assim certo preconceito de alguns pais em relação às amizades e também de seus filhos serem alvo de violência que poderiam se originar do convívio no PRIESP.

A pesquisa encontra outro ponto crítico com relação à formulação dos objetivos da mesma e da expectativa dos líderes comunitários. Se por um lado o projeto tinha por intuito de formação de atletas e difusão do gosto pela prática esportiva, em alguns momentos a comunidade e seus líderes questionavam essa presença, alegando que havia outras necessidades prementes na geração de empregos, profissionalização, e o apoio às atividades já implantadas no local, sendo classificado por um dos líderes comunitários que, como forma de incentivo ao lazer, seria algo supérfluo. Zalar contesta essa afirmação pela capacidade de mobilização apresentada pelas agremiações em relação às atividades de lazer desenvolvidas. Questionamos: não poderia um projeto esportivo ser “apenas” um projeto esportivo, sem que seja carregado pela necessidade de atender outras áreas sociais de forma direta, ou seja, apenas formar atletas?

Já Hirama⁴⁶ questiona a pedagogia empregada em projetos esportivos baseado em pesquisa realizada sobre um programa realizado na favela de Heliópolis, sendo realizado em um núcleo apoiado por uma ONG e patrocinado por uma empresa privada. Novamente são relatados o fato da mudança de perspectiva ocasionado pelas sucessões políticas de gestão municipal, com alteração desde a denominação dos núcleos sócio educativos (CJs, EGJs, OSEm, etc.) e também de sua condução pedagógica. Dessa forma ficou patenteado segundo as conclusões do autor o questionamento dos educadores responsáveis pelas atividades por essas mudanças de direção e de metodologia, sendo que ao final da pesquisa os alunos já haviam demonstrado seu descontentamento com o projeto quando deixou de incentivar a formação de equipes, tirando-lhes assim a motivação para a prática.

A contestação quanto ao referencial pedagógico é salientada por Mello, Ferreira Neto e Votre⁴⁷, a partir de pesquisa etnográfica realizada com jovens

⁴⁶ HIRAMA, L.K. **Algo além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos sócio-educativos**. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 2008.

⁴⁷ MELLO, A.S, FERREIRA NETO, A., VOTRE, S.J. **Intervenção da Educação Física em projetos sociais: uma experiência de cidadania em Vila Velha(ES)**. Campinas: Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v.31, 2009.

participantes no Projeto Esporte Cidadão em Vila Velha (ES). Baseado em uma perspectiva crítico-superadora, o projeto tinha como proposta inicial:

(...) superar os modelos de educação presentes nas sociedades capitalistas e trata as manifestações da cultura corporal criticamente, a fim de instrumentalizar os sujeitos para o seu processo de emancipação social. (...), por meio da prática das atividades físicas e esportivas, promover a leitura da realidade social e a aquisição de conceitos científicos sobre o corpo e o movimento humano, a fim de contribuir para o desenvolvimento da cidadania crítica. (...) superar o viés assistencialista que tem caracterizado as políticas públicas de esporte e lazer no Brasil.⁴⁸

Levada em conta a evasão ocorrida nos dois primeiros anos de projeto, com retenção de um ano para o outro de apenas 10%, fez com que o projeto mudasse a proposta pedagógica original e dando abertura para o treinamento desportivo e a competição esportiva, que atenderia assim a expectativa dos participantes segundo o relato dos mesmos e dos professores envolvidos. Os autores comparam finalmente os projetos esportivos com as aulas de Educação física na escola, sendo que nos projetos a desistência ou evasão não podem ser controladas sem que haja intervenção e atendimento do educando.

Tratando do programa PEE realizado em Chapecó/SC, Rezer, Sbaraini, Rezer, Fávero e Vianini⁴⁹, destacam a possibilidade de contraposição à lógica de utilização do esporte como mero instrumento salvacionista, ou de uma forma direta, de tirar as crianças da rua. Os autores criticam de forma sistemática a realização de projetos que se dispõem à inclusão social através do esporte, formação de um cidadão pelo ensinamento de técnicas desportivas. Como exemplo os autores falam a utilização do termo “cidadania” na concepção dos projetos sociais esportivos:

Por exemplo, o termo cidadania, empregado em diversas propostas sócio-educativas, muitas vezes, se trata mais de uma artimanha verborrágica, a fim de “acomodar” crianças e jovens em projetos de caráter assistencialista, que apenas contribuem com uma maquiagem, um analgésico social, que se

⁴⁸ Idem, p.4

⁴⁹ REZER, R. et.al. **Reflexões críticas a partir das experiências do Programa Esporte Emancipação- focos de ruptura frente ao paradigma da inclusão social...** Campinas: Revista Brasileira de Ciência do Esporte, 2007.

manifesta como uma espécie de pseudo- intervenção do estado ou de outras agências, através de um discurso superficial e salvacionista, vinculado ao esporte.⁵⁰

O artigo citado não dispõe de maiores informações sobre evasão de alunos ou as críticas à gestão e pedagogia, apenas enaltecendo o fato do projeto conseguir superar o discurso e as propostas salvacionistas vinculadas aos projetos sociais e esportivos, não imaginando o esporte como forma de inclusão social, já que a inclusão segundo os autores:

(...) essa questão depende de outros fatores, mais complexos, tais como políticas públicas, articulação das comunidades, dos movimentos sociais, resistências políticas ao processo de liberalização e domínio do capital, enfim, de um processo de ressignificação das relações humanas.⁵¹

Neira⁵² questiona os pressupostos que fundamentam os projetos de educação pelo esporte e também o potencial formativo destes, visto que o discurso do senso comum relaciona educação e esporte de forma indissolúvel, mas segundo o autor, não é o que se verifica na realização dos projetos e é questionável a alusão ao esporte de ser próprio de uma formação cidadã humanitária. Nesse artigo o autor não quer descaracterizar o caráter formativo do esporte, mas coloca em dúvida os objetivos propostos pelos gestores que normalmente levam os projetos às áreas de risco social, dando a impressão aos moradores destas regiões a impressão de que algo está sendo realizado em prol da educação de seus moradores, e segundo Neira, alienando e distorcendo o poder crítico da população. Novamente encontramos o pressuposto da falta de adequação dos projetos aos anseios da comunidade local, sendo que a oferta de atividades nem sempre seria adequada aos saberes anteriores ficando distante daquilo que poderia ser estimulado e aceito prontamente pela comunidade.

Ainda nesse artigo chama-se a atenção para a ilusão que o esporte pode trazer ao imaginário comum de redenção financeira, da formação de valores morais,

⁵⁰ Idem, p.3

⁵¹ Idem, p.7

⁵² NEIRA, M.G. **Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo?** Espírito Santo do Pinhal: revista Movimento e Percepção, 2009

da promoção da saúde e etc., acreditando Neira, ser o esporte uma manifestação cultural humana excludente, já que muitos atletas terminam suas carreiras precocemente pressionadas pelos resultados que ao se tornarem inexpressivos levam ao abandono do esporte.

Entendemos a relevância da discussão proposta por Neira, mas, não podemos deixar de fazer o comparativo com relação aos outros autores citados anteriormente principalmente no que tange ao abandono da prática de esportes nos projetos citados que estariam ligadas exatamente à falta de estímulos à competição esportiva. Não queremos induzir um erro de interpretação defendendo que os projetos esportivos iriam dizimar os riscos sociais ou que todos os praticantes devem vislumbrar um futuro financeiro promissor através do esporte, mas certo é que ao aproximar-se da prática esportiva a criança ou adolescente pode sim desenvolver valores formativos que o esporte proporciona, pode sim gerar práticas saudáveis para e pelo lazer.

A competição esportiva pode ser a motivação para a adesão e aderência aos projetos sociais, que não deixamos de entender apenas como “tapa buracos” para a não efetivação da escola em período integral. Temos também que ressaltar não existir a crítica ostensiva ou comparativa aos projetos esportivos quando um projeto leva o ensino da música (formarei uma banda de sucesso), o teatro (serei ator de televisão), pintura (serei artista plástico, venderei quadros), o corte e costura (serei estilista de moda, abrirei uma grande confecção), os cursos de informática (consumirei tecnologia), aulas de dança folclórica (poderei ser dançarino/a profissional). Da mesma forma que o esporte pode ter um consumo considerado nocivo (principalmente considerado pelo rancor ao período militarista), a moda, a música, a dança, o teatro, o turismo, o consumo de bons vinhos, a tecnologia, também são formas de consumo que podem sofrer distorções e ilusões individuais e coletivas, e certamente preferimos que os adolescentes estejam propensos a consumir o esporte em suas diferentes faces.

O debate deve ser aprofundado, sem que tenhamos os olhos tapados por crenças e convicções rancorosas sobre o esporte. Verificamos neste capítulo que os projetos esportivos se disseminaram em todo o país com diferentes objetivos, porém, muitas vezes envolvidos na premissa do resgate social ou do pagamento de uma dívida política e social pelos proponentes. Ao avaliarmos a multiplicidade de

projetos devemos pormenorizar todas as facetas que os envolvem e entender cada projeto como diferente do outro para uma melhor avaliação. Nossa ideia é que mesmo não atendendo aos anseios de muitos críticos, alguns projetos puderam e podem, mesmo que por vias tortuosas para estes, beneficiar seus participantes e suas comunidades.

No próximo tópico realizaremos um estudo sobre a mobilidade social, fator de busca de muitos jovens pelo esporte e consequentemente os projetos esportivos, conforme apontado em estudos de BETTI (1997), AMARAL, THIENGO e OLIVEIRA (2007), PIMENTA (2006), DAMO (2005), RODRIGUES (2003) dentre outros, e que será tema de abordagem no estudo com as atletas formadas no projeto Centro de Excelência do Basquetebol o qual será fonte dessa dissertação.

2.2. A MOBILIDADE SOCIAL

Mobilidade social representa a passagem de um indivíduo ou de um grupo de um estrato ou classe social para outra. Pode ser classificada de duas maneiras principais: a mobilidade intrageracional, na qual é analisada a situação dos indivíduos numa mesma geração, ou a posição por eles ocupada no início e no fim das suas carreiras; e a mobilidade intergeracional, analisando mais de uma geração, e se os indivíduos pertencem à mesma classe social dos seus pais por exemplo.⁵³

Os estudos sobre mobilidade social basearam-se historicamente em diferentes teorias as quais passavam pelo estudo da estratificação social, e são pautadas, em uma linha pela desigualdade de oportunidades (modelo de realização sócio-econômica), weberiana, e em outra pela desigualdade de condições (perspectiva estrutural) marxista. Enquanto a primeira buscava identificar os fatores individuais de realização socioeconômica do indivíduo (nível educacional, ocupacional ou econômico), a segunda buscava discutir as barreiras à mobilidade ocupacional e de classe (e não individual).

Os estudos sobre mobilidade social marcam a partir do início dos anos 50 um crescimento e disseminação provindas dos sociólogos americanos. A legitimidade

⁵³ Cf. PASTORE, J. **Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Editora da USP, 1979

científica e o debate entre a estratificação e classes sociais estiveram sempre entrelaçados.⁵⁴

Grácio⁵⁵ analisando uma série de autores revela fatores diversos apontados por estes como sendo de importância em seus estudos para apontar a ocorrência ou relevância de mobilidade, seja intrageracional ou intergeracional. De maneira funcionalista, Blau e Duncan apontam de forma semelhante à Davies e Moore sobre o ajuste entre as necessidades do sistema produtivo e as capacidades e talentos individuais e consequentemente às posições estratificadas. Dando ênfase aos papéis profissionais que são valorizados de forma universalista, Parsons minimiza padrões genéricos anteriormente destinados ao indivíduo por uma pertença de classe, permitindo nas sociedades que valorizam os papéis profissionais uma maior circulação dos indivíduos entre as posições. Shumpeter defende que o verdadeiro pertencente à classe social é a família e não o indivíduo, e a transição de classe, se dá por estratégias familiares e não meramente individuais na aquisição de aptidões.

Segundo Grácio, Pierre Bourdieu utiliza a noção de trajetória social para caracterizar as dimensões e práticas dos membros das classes sociais. Para Bourdieu a estrutura social se descreve em três dimensões relativas ao volume, a estrutura de capitais e a evolução no tempo destes dois elementos, diferentemente segundo ele das estruturas unidimensionais dos estudos sobre mobilidade social. Para Daniel Bertaux a noção de mobilidade é simplista: a regra é a herança social. Polantzas desvaloriza a mobilidade intrageracional acreditando apenas na relevância do intergeracional. Ainda Grácio cita Norbert Elias ao qual interpreta que as existir uma discrepância entre as oportunidades e as aspirações individuais dentro da competição social existente. Segundo Grácio:

Elias apóia-se largamente na idéia de que é em virtude da regulação psíquica do comportamento humano que existem as estruturas sociais, e que, por conseguinte, a mudança nas estruturas sociais acarreta uma mudança na auto-regulação psíquica dos actores.⁵⁶

⁵⁴ GRÁCIO, S. **A mobilidade social revisitada**. Lisboa: Revista Sociologia; Problemas e Práticas, 1997.

⁵⁵ Cf. Idem

⁵⁶ Idem, p.22

Foi a partir da década de 60 que o modelo desenvolvido por Blau e Duncan, chamado modelo clássico de pesquisa sobre a realização socioeconômica, passa a nortear as novas pesquisas sócio-econômicas, nas quais não se aplicam a perspectiva simples de origem/destino, mas sim o status ocupacional, levando em conta a origem social e outros atributos individuais determinantes na trajetória ocupacional. Tanto nos modelos tradicionais quanto nos mais recentes, os movimentos econômicos são temas centrais, não sendo os únicos a serem levados em conta numa análise sociológica e qualitativa. Devem ser levadas em conta as perspectivas políticas, sociais e educacionais, dentre outras.

No modelo de análise proposto por Blau e Duncan foi criado o primeiro índice de status socioeconômico das ocupações e tomavam como base as variáveis de renda e educação. Esses índices de status foram reelaborados e disseminados em pesquisas regionalizadas e receberam valorações diferenciadas conforme a formação econômica de cada país ou região, já que, por exemplo, as ocupações em regiões de agricultura ou pecuária intensivas diferenciar-se-iam daquelas regiões mais industrializadas e não se poderiam atribuir valores semelhantes, dentro das tabelas de status elaboradas, às ocupações de engenheiros agrônomos e engenheiros elétricos.

A partir desse modelo, e com suas devidas atualizações são criados padrões locais que levam em conta e são valorados conforme o processo de desenvolvimento de cada país e esses valores são os critérios para a determinação de classes socioeconômicas de cada grupo e também para estudo da distribuição de renda tanto dentro de uma mesma classe como dentro da população como um todo. Alguns índices servem como padrão para a comparação da distribuição de renda sendo os mais utilizados os Índices Gini e Theil e a curva de Lorenz. Esses índices são definidos a partir de equações logarítmicas e baseados em levantamentos realizados nas populações estudadas.

No Brasil a principal pesquisa realizada para levantamento de informações sobre a situação social do país e sua população é a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE desde 1969. De acordo com o IBGE (1991):

O programa de pesquisas contínuas por amostra de domicílios foi implantado gradativamente no Brasil a partir de 1967, para suprir a falta de informações básicas sobre a população durante o período intercensitário e

estudar temas factíveis de serem levantados por esse tipo de pesquisa, que são insuficientemente investigados ou não são contemplados nos Censos demográficos.

Atualmente, após mudanças metodológicas acontecidas desde sua implantação a PNAD busca levantar as variáveis e características que seguem na figura 2.

O PNAD procura por meio dessas características e variáveis pesquisadas, traçar um perfil não apenas da condição econômica da família relacionada a seus rendimentos, levando em conta outras situações que auxiliariam na direcionamento dos investimento de recursos da União tais como condições de saneamento, moradia, escolarização e níveis de emprego.

Características	Variáveis
Demográficas e sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Sexo, cor, condição na unidade domiciliar, posição na família e no domicílio, número na família e data de nascimento dos moradores.
Educacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Alfabetização, escolaridade (série e grau freqüentados) e nível de instrução das pessoas que não são estudantes (última série concluída e grau correspondente).
Mão-de-obra	<ul style="list-style-type: none"> • Para as pessoas de 10 anos de idade ou mais: condição de atividade. • Para as pessoas ocupadas: ocupação, atividade e posição na ocupação no trabalho principal, horas normalmente trabalhadas por semana no trabalho principal e nos outros trabalhos, e se é contribuinte de instituto de previdência pelo trabalho. • Para as pessoas desocupadas: tempo de procura de trabalho, ocupação, atividade, posição na ocupação e motivo da saída, se recebeu fundo de garantia, e tempo de permanência em relação ao último trabalho remunerado;
Rendimento	<ul style="list-style-type: none"> • Rendimento mensal normalmente recebido do trabalho principal e dos outros trabalhos, aposentadoria, pensão, abono de permanência, aluguel e outros rendimentos;
Habitação	<ul style="list-style-type: none"> • Espécie de domicílio. • Para os domicílios particulares permanentes: tipo, estrutura, abastecimento de água, esgotamento sanitário, uso de instalação sanitária, destino do lixo, iluminação elétrica, número de cômodos, condição de ocupação, aluguel ou prestação mensal, filtro de água, fogão, geladeira, rádio e televisão.

Figura 2. Características e variáveis de avaliação do PNAD⁵⁷

⁵⁷ IBGE. **PNAD**, 2008.

2.3. A MOBILIDADE SOCIAL NO BRASIL

A sociedade brasileira passou a partir da segunda metade do século XX por intensa movimentação dos índices de desenvolvimento econômico e de aumento de desigualdades sociais, mas ao mesmo tempo, demonstrou um grande número de oportunidades de mobilidade social. Este fato se deve ao grande desenvolvimento industrial havido entre as décadas de 1950 e 1970 onde a política macroeconômica de substituição de importações foi implantada, com o financiamento estatal para a produção de bens industriais no país. A industrialização transforma o país de rural para urbano de uma forma acelerada.

Nesse quadro a sociedade rural trazia grandes desigualdades sociais, com grande concentração de terras e com trabalhadores não qualificados e sem recursos para se transferirem de forma a desempenhar o trabalho na indústria ou outros serviços no meio urbano. Essa desigualdade de qualificação dos emigrantes aos centros industriais era agravada pela pouca capacidade de atendimento do ensino básico no país, pois a aceleração desse ritmo migratório não foi acompanhado pelo sistema de educação básica, gerando assim um maior distanciamento das classes baixas aos empregos mais qualificados e remunerados. Da mesma forma a possibilidade de ascensão social ficou aberta àqueles que de alguma forma puderam investir em formação técnica ou superior, preenchendo uma lacuna existente no mercado de trabalho.

Nas avaliações sobre mobilidade social para o período entre os anos de 1950 e até meados de 1980 observa-se um grande movimento intergeracional, pois quando são levantadas as classes de origem dos pais e a de destino dos filhos existe uma grande diferenciação das mesmas a partir de um *status* de trabalhadores manuais rurais até as posições urbanas mais valorizadas. Ao mesmo tempo esse fato não gerou a diminuição das distâncias entre as classes sociais, já que de forma anterior as classes privilegiadas puderam investir em educação qualificada e mesmo a educação básica só passou a ser universalizada a partir dos anos 90. Depois de um período de estagnação econômica em grande parte devido à desaceleração do crescimento industrial, aumento de inflação e pressão da dívida externa, o país passou a um equilíbrio econômico, e as políticas de distribuição de renda vêm buscando minimizar as diferenças sociais.

Mesmo com a atual estabilidade e a implantação de programas sociais ainda estamos vivendo grande desigualdade social, onde 23 milhões de brasileiros vivem na linha da miséria, e ao mesmo tempo temos uma das dez maiores economias do mundo. Um paradoxo.

Segundo o IBGE a concentração de renda medida através do índice Gini entre os anos de 1981 até 2009 ficou assim estabelecida:

1981	0,601	1997	0,619
1982	0,606	1998	0,613
1983	0,609	1999	0,607
1984	0,603	2000	0,606
1985	0,611	2001	0,608
1986	0,609	2002	0,602
1987	0,623	2003	0,585
1988	0,632	2004	0,582
1989	0,654	2005	0,532
1990	0,630	2006	0,528
1992	0,593	2007	0,521
1993	0,615	2008	0,515
1995	0,615	2009	0,567
1996	0,615	2010	0,530

Tabela 2: Índice Gini /Brasil 1981-2010 Fonte: IBGE, PNAD

Podemos notar que entre os anos de 1989 e 1990 tivemos o maior índice de concentração de renda, motivado segundo os pesquisadores da área, pela maior taxa inflacionária em todos os tempos no país, desprotegendo a renda dos assalariados e servindo aos interesses dos possuidores do capital. A diminuição dessa diferença foi gradativa a partir de então, mas mesmo assim o Brasil se encontrava segundo órgãos internacionais, entre os dez maiores países concentradores de renda do mundo, equiparando-se a países como o Paraguai, Panamá, Bolívia ou Guatemala.

Nos anos de 1999-2001, quando o projeto CEB foi realizado, iniciava-se uma queda no índice Gini no Brasil, considerado um dos mais altos entre os países avaliados. A má distribuição da renda revela outros dados importantes como o IDH (índice de desenvolvimento humano). Num total de 177 países e territórios avaliados, o Brasil ocupa a 77ª colocação, fator marcado pela pouca possibilidade dos mais pobres alcançarem o desenvolvimento.

Barros, Henriques e Mendonça, apontam sua visão sobre a concentração de renda no Brasil:

(...) o Brasil não é um país pobre, mas um país com muitos pobres. Em segundo lugar, acreditamos que os elevados níveis de pobreza que afligem a sociedade encontram seu principal determinante na estrutura da desigualdade brasileira, uma perversa desigualdade na distribuição da renda e das oportunidades de inclusão econômica e social.⁵⁸

O consenso acadêmico sobre o principal determinante de diferenciação de status ou classes sociais é sobre a educação. Apontada como principal forma de equalizar as diferenças na distribuição de renda, o investimento em educação em nosso país ainda é insuficiente.

Segundo Lam (apud Paschoal)⁵⁹ a desigualdade na distribuição de educação, seja em quantidade ou qualidade, contribui para a desigualdade de salários no mercado de trabalho. Ainda no mesmo trabalho Paschoal descreve as conclusões de Hassler et al. que descrevem suas conclusões sobre mobilidade e desigualdade de renda:

Os autores mostram que existe uma relação positiva entre mobilidade intergeracional e desigualdade se houver mudanças no setor produtivo e uma relação negativa no setor educacional. Ou seja, uma alteração positiva no setor educacional tende a aumentar a mobilidade intergeracional e diminuir a desigualdade de renda.⁶⁰

Para Ferreira⁶¹ existem cinco determinantes principais para manutenção das desigualdades de renda no Brasil: as diferenças natas individuais, tais como raça, gênero e riqueza inicial; as diferenças adquiridas, que seriam a educação e a experiência; aquelas transmitidas pelo mercado de trabalho, que gera a

⁵⁸ BARROS, R. P. de, HENRIQUES, R., MENDONÇA, R. **Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 42, 2000.

⁵⁹ PASCHOAL, I.P. **Mobilidade intergeracional de educação no Brasil**. Ribeirão Preto: USP. Dissertação de Mestrado, p.13, 2008.

⁶⁰ Idem, p.13

⁶¹ C.f. FERREIRA, F.H.G. **Os determinantes da desigualdade de renda no Brasil: luta de classes ou heterogeneidade educacional?** In: Desigualdade e pobreza no Brasil. Henrique, R. (org.) Rio de Janeiro: IPEA, 2000

segmentação do mercado de trabalho (empregos formais registrados ou não, empregos não-formais, industriais ou agrícolas, etc.); as imperfeições do mercado financeiro; e os fatores demográficos, relacionados à formação domiciliar. Para o autor o maior determinante de desigualdade de renda é ainda o fator educacional e segundo sua estimativa de 30 até 50% de importância nesta diferenciação, comparado a outros fatores como raça, gênero, ou segmentações da cadeia produtiva.

Pastore reforça a opinião de Ferreira sobre a influência da educação na possibilidade de mobilidade social:

A mobilidade depende não só de oportunidades de mercado mas também das condições do ponto de partida. Ao nível individual, tais condições referem-se à idade de início de carreira, ao *status* ocupacional inicial, à origem social e *background* educacional.⁶²

Uma constatação importante dos estudos de Pastore⁶³ e Pastore e Silva⁶⁴ se refere a que o status educacional dos pais influencia em grande escala o grau de escolaridade dos filhos na idade adulta, e esta transferência e mobilidade educacional é menor no Brasil do que em países desenvolvidos. Segundo Ferreira e Veloso existem no Brasil também fatores ligados à raça e a região de moradia:

Enquanto a probabilidade de um filho negro de um pai sem escolaridade permanecer na mesma categoria de educação do pai é cerca de 42%, a probabilidade análoga para brancos é pouco acima de 24%.

Por outro lado, a persistência de alta escolaridade é mais elevada entre indivíduos de cor branca. Em particular, a probabilidade de o filho de um pai com ensino superior completo também completar seus estudos universitários é cerca de 40%, se o indivíduo reporta ser negro ou pardo, e aproximadamente 62% para brancos.

A comparação entre a transmissão intergeracional de educação no Nordeste e a observada no Sudeste mostra que a grande diferença entre as duas regiões está na mobilidade verificada no grupo de filhos de pais sem escolaridade. No Nordeste, a probabilidade de o filho de um pai sem

⁶² PASTORE, J. **Desigualdade e mobilidade social no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979

⁶³ Idem.

⁶⁴ PASTORE, J. e VALLE SILVA, N. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000

escolaridade permanecer na mesma categoria de educação do pai é cerca de 54%, enquanto no Sudeste é um pouco acima de 21%.⁶⁵

Ainda segundo o autor, os indivíduos que ingressam ao mercado de trabalho em idade mais jovem tendem ao afastamento da vida escolar prejudicando assim o desenvolvimento de carreiras de nível superior e em consequência melhor remuneradas.

Além da possível melhoria nas condições de educação formal dos indivíduos a rede de relações formada a partir da prática esportiva continuada pode ser outro fator importante no encaminhamento profissional dos indivíduos. Essas relações podem ser explicadas pela teoria da “força dos laços fracos” de Mark Granovetter⁶⁶, pela qual as relações profissionais recentes seriam formadoras de “ponte” a outros contatos distantes das relações familiares ou de amizades próximas.

Essa teoria encontra consonância à teoria de Elias e aos estudos de Pastore. Elias afirma que: “a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas”. Encontramos um paralelo com a inferência de Pastore ao afirmar que a mobilidade social vai depender das condições do *ponto de partida do indivíduo*. Relacionando os estudos dos três autores podemos sugerir que a participação em uma configuração, que traz possibilidade de intercâmbio entre pessoas de classes sociais distintas, oportunidades de melhor escolarização, entre outros benefícios, poderia facilitar o acesso das mesmas a uma carreira profissional promissora.

2.4. ESPORTE E MOBILIDADE SOCIAL

Além da vinculação do participante a um projeto esportivo poder gerar novas oportunidades de mobilidade através da rede de relações e pela permanência no

⁶⁵ FERREIRA, S.G., VELOSO, F.A. **Mobilidade intergeracional de educação no Brasil**. São Paulo: Revista Pesquisa e Planejamento Econômico, 2003, p.482

⁶⁶ Valemo-nos da interpretação de autores da área sociológico/administrativa sobre a obra “The strength of weak ties: a network theory revisited”. CARVALHO, 2004; TOMÁS, XAVIER e DULCI, 2007; PRATES, 2009.

meio escolar, existe ainda a possibilidade da permanência do indivíduo no próprio meio esportivo através da profissionalização como atleta ou com carreira ligadas ao esporte como técnico de equipes ou escolinhas, preparadores físicos, fisioterapeutas e mesmo dirigentes.

Dentro destas possibilidades uma das situações que atraem a atenção dos jovens é a continuidade na carreira esportiva como atleta profissional, sonho de muitos, induzidos pelo senso comum que os leva a acreditar que a carreira esportiva é geradora de elevados rendimentos financeiros e de projeção pessoal, que trariam distinção em seu meio social.

No Brasil esse sonho de possibilidade de ascensão social através do esporte é impulsionado pela prática do futebol, onde os grandes ídolos expostos à mídia recebem salários incompatíveis com a realidade socioeconômica brasileira. Porém várias pesquisas demonstram que, da mesma forma que no restante de nossa sociedade, existe também uma concentração de renda e achatamento dos salários da grande maioria dos atletas. (Damo, 2005; Rodrigues, 2003, 2006)

Segundo reportagem do jornal "Folha de São Paulo" em 29 de fevereiro de 2000:

Segundo documentos oficiais do Departamento de Registro e Transferência da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) obtidos pela Folha, os "boleiros ricos" integram uma parcela cada vez menor no futebol brasileiro. De acordo com o levantamento, apenas 3,7% dos jogadores profissionais relacionados na entidade receberam mais de 20 salários mínimos no ano passado (Obs. 1 salário mínimo equivalia a U\$ 70). Ou seja, 765 dos 20.496 jogadores registrados na CBF ganharam mais de R\$ 2.720 mensais em 1999. (Cerca de US 1.400,00 por mês). Em 1998, a porcentagem de jogadores que integravam a elite do futebol nacional era de 4,3 %. Analisando as estatísticas dos últimos quatro anos, descobre-se que, enquanto o grupo que ganha até dois salários mínimos mostra uma tendência de crescimento, a parcela daqueles que recebem de duas a mais de 20 vezes esse valor apresenta inclinação contrária. Em 1996, 81% dos profissionais do país recebiam até dois salários mínimos, número que pulou para 84,8% no ano passado (crescimento de 4,7%). Ocorre que a categoria dos miseráveis do futebol nacional foi engordada em 20% por atletas que, em 1996, estavam no grupo dos que ganhavam mais

de dois salários mínimos (naquele ano, eles eram 19%, ao passo que hoje representam 14,7%).⁶⁷

Mesmo através dessa constatação, devemos levar em conta que salários que poderiam ser classificados como baixos para atletas de futebol ainda assim seriam atrativos se comparados com a maioria da população. Receber entre um e dois salários mínimos não estaria longe da realidade das remunerações oferecidas para jovens no início de sua carreira profissional, seja no esporte ou em outras profissões. O que não é medido por esses jovens futebolistas é que a carreira esportiva tem um prazo limitado já que a maioria dos atletas deixará o esporte perto dos 30 a 35 anos de idade, ao passo que em outras profissões esse prazo de produtividade é estendido.

Outro quadro é apresentado na pesquisa de Rodrigues⁶⁸ da qual trazemos uma tabela de salários baseada em dados divulgados pela CBF. Observa-se que a concentração de renda é mantida, sendo que apenas 4,5% dos atletas recebem pagamentos acima de 05 salários mínimos. Outro dado ao qual Rodrigues chama a atenção é que cerca de 50 clubes apresentam calendário para todo o ano (participam de competições oficiais nos dois semestres) o que poderia representar que, dentro de um universo de aproximadamente 20.000 atletas, mais ou menos 1.500 estariam empregados por toda a temporada.

Tabela 3. Faixa salarial dos atletas de futebol no Brasil (1999, 2000 e 2002)⁶⁹

Faixa salarial	n.º de atletas em 1999	% em 1999	n.º de atletas em 2000	% em 2000	n.º de atletas em 2002	% em 2002
01 SM	10.581	51,60%	10.145	44,91%	8.638	52,90%
01 a 02 SM	6.787	33,20%	9.401	41,63	4.987	30,05%
02 a 05 SM	1.528	7,50%	1.315	5,82%	1.289	7,90%
05 a 10 SM	474	2,30%	629	2,79%	436	2,70%

⁶⁷ RANGEL, S. **Com tanta riqueza por aí, cadê sua fração?** Folha de São Paulo, São Paulo, 29/02/2000. Caderno de Esportes. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2000/2/29/20>>

⁶⁸ RODRIGUES, F.X.F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro.** Porto Alegre: UFRS. Tese de Doutorado, 2007, p.229

⁶⁹ Idem, p.288

10 a 20 SM	351	1,70%	339	1,50%	293	1,80%
Mais de 20 SM	765	3,70%	756	3,35%	701	4,30%
Total	20.496	100%	22.585	100%	16.344	100%

Rodrigues⁷⁰ realizou uma ampla pesquisa da formação de atletas em um grande clube do futebol brasileiro onde explorou a possibilidade de mobilidade social dentre os atletas dessa equipe. Rodrigues elaborou um quadro comparativo entre as faixas salariais da família dos atletas e os salários destes. Segundo o observado os atletas que tinham os maiores salários eram também aqueles cujos pais também tinham renda semelhante e da mesma forma os de menor salário acompanhavam a faixa salarial dos pais, descaracterizando desta forma a incidência de MS. Ressalva Rodrigues o fato da pesquisa ser limitada a uma equipe apenas, não refletindo de forma fidedigna a realidade nacional, apesar de os salários estarem acima da média paga aos jogadores que atuam no Brasil. No mesmo trabalho o autor ainda levantou dados acerca da escolaridade dos pais dos jogadores e constatou, em relação apenas a essa equipe, que a maior parte dos atletas seria de origem da classe média se levada em conta a escolaridade e os dados de renda dos pais.

Pimenta (apud Rodrigues)⁷¹ em um levantamento realizado com atletas de escolinhas verificou que “78% dos iniciantes são de classe média e seus pais ganham de US\$ 1800 a US\$ 5000, residem em casa própria e advém de centros urbanos não periféricos da cidade”, e Rodrigues imputa aos custos para inclusão em escolinhas (na época em torno de R\$ 50,00/mês) ao afastamento das classes mais pobres dessas. Mesmo afastando das classes menos favorecidas a possibilidade da inclusão na carreira futebolística existe um dado interessante no estudo de Rodrigues⁷² sobre a motivação para a busca pela carreira de jogador de futebol, onde segundo seus dados, Rodrigues aponta que 21% dos entrevistados são motivados pelo dinheiro, 11% pela fama, 10,7% pelo sonho de ser jogador da seleção brasileira, além de outras motivações. Essas motivações parecem

⁷⁰ RODRIGUES, F.X.F. **Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2003.

⁷¹ Idem, p.108

⁷² Idem, p.141

interligadas e impulsionadas pelo senso-comum, no Brasil, de que os jogadores de futebol são sempre bem remunerados.

Outra uma pesquisa com relação ao tema investigou sobre os motivos do abandono precoce da carreira dos atletas de futebol. Essa pesquisa demonstra novamente que sucesso pode ser ilusório por não trazer os resultados financeiros esperados, além de ainda dificultar o desenvolvimento educacional e distanciar o indivíduo da estrutura familiar. Segundo Amaral, Thiengo e Oliveira, pesquisando 14 ex-jogadores de futebol profissional, atuantes na liga Amadora de Bauru, São Paulo, as respostas com maior incidência para os principais motivos de abandono da carreira de atleta profissional foram: a falta de pagamentos- 57,1%; falta de estabilidade profissional- 57,1%; a questão salarial- 42,9%; distância da noiva/namorada- 28,6%; distância da família- 21,4%.

Em nosso país as pesquisas relativas à mobilidade social que poderia ser gerada por outras modalidades esportivas além do futebol são limitadas. Ao que se pode averiguar inicialmente sobre o assunto é a movimentação que provocou o crescimento dos investimentos em certas modalidades a partir dos anos 80, quando as empresas puderam passar a exibir suas marcas nas camisas das equipes, configurando a entrada dos patrocínios que puderam assim gerar a salários aos atletas das modalidades amadoras.⁷³ Apesar de um crescimento nos investimentos ocorridos a partir desse período nas modalidades esportivas que não o futebol, não podemos deixar de observar que a situação dos atletas não foge ao que se passa com os futebolistas, sobre instabilidade salarial, falta de perspectivas profissionais, falta de estrutura das equipes ou clubes fazendo com aconteça o abandono da carreira esportiva ou a busca por melhores oportunidades no exterior. Da mesma forma não podemos ignorar que, se existem oportunidades de melhores salários nos países com melhores estruturas financeiras/esportivas, os atletas poderão ter possibilidades de mobilidade social a partir destas.

Segundo dados das Confederações Brasileiras de Voleibol e Basketball, tivemos na temporada 2010-2011, 85 homens e 29 mulheres jogando basquetebol em clubes ou universidades do exterior, 242 homens e 157 mulheres no voleibol. Segundo o sítio UOL Esporte:

⁷³ MARCHI JR., W. “**Sacando**” o Voleibol. São Paulo: Huicitec; Ijuí: Uijuí, 2004

Clubes europeus chegam a pagar até o equivalente a US\$ 650 mil de salário para contratar um jogador brasileiro, além de outras ofertas como casa, automóvel e até passagens de graça durante o ano para ele e seus parentes.⁷⁴

Apenas exemplificando, entre muitas outras modalidades as possibilidades de se conseguir melhor remuneração no exterior possibilitando melhores condições sócio-econômicas individuais, além de oferecer aos atletas que se dirigiram principalmente aos EUA a vinculação do esporte ao curso universitário.

Evidentemente não podemos comparar o número de atletas destas modalidades ao número de atletas do futebol e mesmo suas remunerações, já que mesmo fora do Brasil a prática do futebol profissional oferece maiores volumes financeiros, mas, não podemos deixar de descartar o fato de haver um crescimento na escala sócio-econômica e cultural destes atletas, fato que pode contribuir para após o termino de suas carreiras obterem melhores opções de empregabilidade.

Devemos levar em conta que em grande parte a formação de novos atletas nas modalidades citadas anteriormente como exemplo, são criados projetos paralelos para seleção e formação destes.⁷⁵ Mesmo não podendo oportunizar a profissionalização posterior da maior parte dos atletas, tal qual acontece no futebol, os alunos que ingressam a esses projetos se tornam beneficiários daqueles resultados que podem advir da prática esportiva. Mesmo não vindo a ser remunerados como atletas podem ser beneficiados com bolsas de estudos elevando seus níveis educacionais e possibilidades de cursar o ensino superior.

Apesar de o esporte escolar e universitário do país não contarem com a mesma estrutura de países como EUA, por exemplo, temos alguns exemplos de IES que oferecem bolsas de estudos para atletas em diversas modalidades.⁷⁶ Podemos destacar a UNIP que conta com cerca de 500 atletas bolsistas, a UniSant'ana onde 360 atletas são beneficiados, Unisul de Santa Catarina, Ulbra do Rio Grande do Sul,

⁷⁴ **“Jogadores de vôlei brasileiros no exterior formariam 58 equipes”**. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas/2006/12/10/ult1777u57324.jhtm>. Acesso em 10/12/2010.

⁷⁵ Podemos citar projetos esportivos criados em diversas cidades com destaque para projetos conhecidos pelos nomes dos financiadores tais como BANESPA (voleibol) e BCN/FINASA (voleibol e basquetebol), PIRELLI (voleibol), projetos que durante muitos anos permaneceram em atividade ligadas às suas equipes profissionais das modalidades servindo como referência a jovens atletas.

⁷⁶ Disponível em: <http://www.olimpiadasuniversitarias.com.br/noticias/noticias>. Acesso em 10/12/2010.

a Uniara de Araraquara, a Metodista de São Paulo e em Curitiba a Faculdade Dom Bosco que conta com um projeto intitulado Dom Olímpico, que distribui bolsas aos atletas que formam suas equipes.

Não existem dados concretos que possam dimensionar a trajetória pessoal dos participantes de projetos esportivos após a sua saída dos mesmos. Minimamente são apresentados apenas os grandes exponenciais deles oriundos e que vez ou outra são identificados, não sendo acompanhados casos menos expressivos, porém, talvez mais importantes como os casos de atletas bolsistas em Universidades, ex-atletas que seguiram carreira como profissionais do esporte como técnicos, fisioterapeutas, professores de escolinhas, dirigentes esportivos, etc.

Para que o esporte universitário se estabelecesse como gerador de um *habitus* esportivo, seriam necessárias novas políticas esportivas de incentivo à participação das universidades em competições e na promoção do esporte. Omo hoje as IES particulares representam 75% dos alunos do país⁷⁷, poderia haver incentivos fiscais àquelas que mantivessem programas esportivos, viabilizando a promoção do esporte universitário.

Buscaremos no próximo capítulo, baseado nas entrevistas realizadas, analisando o discurso dos participantes, vislumbrar as perspectivas sobre a configuração formada pelo projeto CEB.

⁷⁷ Censo da Educação Superior, Ministério da Educação (MEC). www.mec.gov.br. Acesso em 01/07/2011

CAPÍTULO 3- A CONFIGURAÇÃO CENTRO DE EXCELÊNCIA DO BASQUETEBOL E A EQUIPE PARANÁ BASQUETE

No ano de 1995 assume o novo governador do Estado do Paraná, o ex-prefeito de Curitiba, Jaime Lerner. O grupo político liderado por Lerner (então filiado ao PDT) interrompia uma sequência de 3 mandatos seguidos do PMDB (José Richa/Álvaro Dias/Roberto Requião-1982-1994). O momento político desse período ainda se dava nos ajustes da abertura política e da mesma forma a aceleração da abertura econômica no princípio dos anos 90. O governo de Jaime Lerner implantou uma nova política econômica que vislumbrava a criação de empregos e o crescimento econômico, através da modernização da indústria, das concessões e privatizações. Dentre os principais destaques desse movimento estão os incentivos fiscais concedidos às montadoras de automóveis que aqui se instalaram, a privatização da TELEPAR e do BANESTADO, e a criação dos pedágios nas estradas paranaenses.⁷⁸

No decorrer de seus dois mandatos as principais indústrias que se instalaram no Paraná foram as automotivas Renault, Chrysler e Audi. O custo dessa instalação e os benefícios sociais e econômicos não serão assunto desta pesquisa, mas foram em muitos questionados pelos meios políticos. Certo é que o governo se beneficiou do marketing político gerado pela manobra fiscal que proporcionou a vinda dessas empresas ao estado. Com as ações promovidas pelo governo, o Paraná desvincula-se de um período de políticas voltadas aos movimentos sociais e suas demandas, aos quais eram vinculadas as lideranças do PMDB, passando a ser incentivador da acumulação de capitais.(COSTA e ENGLER, 2008)

Além das ações na área econômica, o governo criou diversas outras empresas que destinavam-se à descentralização de poder oportunizando a autonomia destas, mesmo que ainda com vinculação às secretarias de Estado. Exemplos tais como: Paraná Educação, Paraná Previdência, Paraná Turismo, Ecoparaná, e a Paraná Esporte. Com sua criação, estas empresas teriam formas

⁷⁸ Cf. MAGALHÃES FILHO, F. DE B.B. **Da construção ao desmanche, análise do projeto de desenvolvimento paranaense**. São Paulo: USP. Tese de Doutorado, 1999.

diferenciada de gestão desde sua forma de contratação até a captação e aplicação de recursos.⁷⁹

Uma das primeiras ações do novo governo em relação ao esporte no estado foi a criação da Paraná Esporte, autarquia ligada à SEET, que ficaria responsável pelo desenvolvimento do esporte no estado. As ações do governo em relação ao esporte se pautaram em uma política de diferenciação em relação aos governos anteriores e a espetacularização do esporte como modelo a ser seguido na organização esportiva⁸⁰

Dentre os novos projetos que seriam desenvolvidos pela Paraná Esporte destacavam-se:

- os Jogos Mundiais da Natureza: evento realizado em 1997 na região oeste do estado compreendendo os municípios vizinhos às Cataratas do Iguaçu e à barragem de Itaipu. Foram disputadas competições em modalidades junto à natureza tais como canoagem de *slalon*, canoagem de travessia, *rafting*, pesca, vela, escalada, hipismo, escalada, golf, orientação com arco e flecha, ciclismo, triathlon, pára-quedismo e balonismo. A realização dos jogos previa a utilização do potencial turístico da região a partir das obras para sediar o evento;
- o projeto Basquetebol 2004, que visava motivar jovens para a prática da modalidade e revelação de talentos para as Olimpíadas de 2004;
- o projeto Pintando a Liberdade foi criado em conjunto com a Secretaria de estado da justiça e propunha a confecção de materiais esportivos por detentos do sistema carcerário, visando à reintegração destes à sociedade e da mesma forma gerando economia ao estado já que o material produzido (bolas, redes, e outros acessórios esportivos) eram destinados às escolas da rede pública estadual de ensino;
- sediamiento dos I Jogos da Juventude do Brasil, realizados em novembro de 1996, evento organizado pelo INDESP e COB;
- lançamento do projeto Paraná Vila Olímpica que objetivava a construção de uma estrutura para receber grandes eventos esportivos e formar atletas para

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Cf. MEZZADRI, F.M. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais**. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 2000

representar e projetar o estado para a geração de renda. O projeto da Vila Olímpica previa a construção em uma área de 15 mil metros reunindo em seu complexo, instalações para as diferentes modalidades olímpicas e o possível sediamiento de uma Olimpíada. Do projeto inicial apenas duas obras foram implantadas; a Universidade Livre do Esporte do Paraná e a pista de atletismo no Estádio Pinheirão;

- a Universidade Livre do Esporte do Paraná foi implantada no ano de 1997 e tinha por princípio a formação, aperfeiçoamento e desenvolvimento de atletas, técnicos e o público em geral para fomentar a prática do esporte.
- a pista de atletismo construída nos moldes internacionais não teve seu uso por tempo prolongado já que o estádio que a sediava foi interditado em 2007 pelo Ministério Público e anteriormente teve sua manutenção precária chegando ao abandono⁸¹;
- o projeto Navegar, idealizado pelo velejador Lars Graef que visava desenvolver os esportes náuticos utilizando-se os equipamentos e as estruturas desenvolvidas na realização dos Jogos Mundiais da Natureza;
- a criação dos Centros Excelência do basquetebol, do handebol, da ginástica olímpica, do voleibol e do xadrez. Os Centros de Excelência tiveram no Estado uma primeira versão instalada durante a gestão de Álvaro Dias e posteriormente a gestão Lerner incorporou algumas diferenciações com relação à idéia inicial que previa centros poliesportivos, ao passo que em sua nova configuração, concentraria uma modalidade em cada pólo de ação.

Os Centros de Excelência Esportiva foram implantados no decorrer das gestões consecutivas de Jaime Lerner (1995-1999 e 1999-2002) no governo estadual do Paraná. O projeto descrevia os CE como:

(...) um conjunto de projetos de ação integrada entre o estado, comunidade e iniciativa privada, dotados de equipamentos, instalações, recursos materiais e pessoal técnico multidisciplinar, adequado ao desenvolvimento teórico-prático de uma determinada modalidade esportiva com o objetivo de

⁸¹ VICELLI, C.E. **O sonho da Vila Olímpica... foi engolido pela realidade.** Jornal Gazeta do Povo, Curitiba, 02/08/2009, Esportes, p. 6

alcançar a excelência, contribuindo também para a formação da cidadania, através da prática continuada da atividade física.⁸²

A política esportiva do governo era calcada na espetacularização esportiva e os CE vinham a reforçar esse intuito tendo em vista a sua metodologia de trabalho. Observe-se na citação anterior que o “objetivo de alcançar a excelência” também contribuiria para a “formação da cidadania”. Ou seja, os objetivos esportivos estavam acima dos objetivos pedagógicos formadores do cidadão.⁸³

A forma como foram conduzidas as instalações dos CE poderiam evidenciar o propósito de projeção midiática do governo, pois diversos atletas de renome foram vinculados aos CE. No voleibol, Bernardo Resende; no basquetebol, Hortência Marcari; no atletismo, Joaquim Cruz; no xadrez, Jaime Sunye Neto; no iatismo Lars Graef. Além dos grandes ícones esportivos havia a iniciativa de se buscar parcerias privadas para financiamento de equipes, o que possibilitaria a inclusão do Estado do Paraná nos grandes circuitos do esporte espetáculo nacional.⁸⁴

Uma primeira parceria firmada foi entre o Governo do Paraná e a empresa Gessy-Lever, formando o CE Rexona de Voleibol. Centralizado no ginásio do Tarumã em Curitiba, coordenado pelo ex-atleta da seleção brasileira de voleibol Bernardo Resende. O projeto englobava uma equipe que participou das principais competições do voleibol nacional, sendo campeã da temporada 97-98, contando com um grande aporte financeiro vindo do patrocinador, cabendo ao estado fornecer a infra-estrutura para os treinamentos da equipe e dos núcleos de ensino. De forma progressiva o CE contava em 2007 com 26 núcleos espalhados pelo Estado, sendo supervisionados e seguindo a metodologia empregada por seus proponentes. O projeto segue em atividade no Paraná⁸⁵ e em outros estados sendo que a equipe principal desde 2003 está sediada no Rio de Janeiro.

⁸² MARTINS, D.J.Q. **A formulação e a implementação das políticas públicas no campo do esporte no Estado do Paraná entre 1987 e 2004**. Curitiba: UFPR. Dissertação de Mestrado, 2004, p.161

⁸³ Nesse ponto não queremos discutir as perspectivas da política de esporte, apenas pontuar o que ficava evidenciado.

⁸⁴ MEZZADRI, F.M. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais**. Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 2000

⁸⁵ O projeto é mantido e organizado pelo Instituto Compartilhar, criado por Bernardo Resende, em parceria com a empresa Gessy Lever e o Governo do Paraná.

Outro destaque entre os CE instalados no Estado está o CE da Ginástica, que passou a utilizar as instalações da UE, após a transferência da CBG para o local em 2000. Para qualificar o trabalho no CE foi contratada a técnica ucraniana Iryna Ilyashenko fazendo parte da comissão técnica brasileira com os treinamentos sediados no CE. A ginástica notabilizou-se mundialmente com expressivos resultados⁸⁶ desde então, sendo que a CBG deixou o estado apenas em 2008, com a saída da presidência da paranaense Vicélia Florenzano, cargo ocupado desde 1991.⁸⁷

Apesar do sucesso esportivo alcançado pela Ginástica o projeto foi caracterizado pelos repasses maciços de verbas do Governo Estadual, já que apesar da tentativa de aproximação da iniciativa privada para auxílio no custeio dos projetos, isso não ficou evidenciado. Da mesma forma que aconteceu com a Ginástica, a exclusividade das custas se deu com os CE do Handebol, Xadrez e do Basquetebol.

O CE do Handebol foi sediado inicialmente na UFPR e chegou a contar com 19 núcleos no estado, porém não contava com uma equipe de referência como no caso do voleibol e do basquetebol e o xadrez montou sua estrutura a partir da UE viabilizando o contato virtual com os centros regionais.

Passamos agora a analisar a configuração formada pelo Centro de Excelência do Basquetebol.

Em meados do ano de 1999, Hortência de Fátima Marcari foi convidada a fazer parte da equipe de implantação e gestão do Centro de Excelência do Basquetebol, projeto que seguiria a política esportiva do Estado do Paraná de investimento no esporte de alto nível, e que buscava a vinculação do estado á grandes ícones do esporte nacional.

O projeto seguiria os mesmos moldes do projeto já implantado no voleibol, com a formação de uma equipe de referencia a qual disputaria as principais competições nacionais, com a contratação de atletas de destaque no cenário esportivo, e a organização de núcleos de treinamento espalhados pelo estado.

⁸⁶ As seleções brasileiras de ginástica se destacaram em vários campeonatos internacionais durante esse período, onde revelaram-se vários atletas campeões mundiais tais como: Jade Barbosa, Dayane dos Santos e Diego Hipólito, dentre outros.

⁸⁷ <<http://www.cbg.com.br>> Acesso em 13/09/2010

Nesse período, Hortência gerenciava a equipe de basquetebol do Fluminense FC do Rio de Janeiro e havia se sagrado campeã do I Campeonato Nacional de Basquetebol Feminino⁸⁸. Porém a manutenção da equipe defendendo o Fluminense parecia ameaçada abrindo as portas para o encaminhamento desta para o Paraná nas palavras de Norberto Silva:

(...) e tínhamos acertado o continuísmo no Fluminense, e naquela época no Fluminense tava uma, nossa tava numa situação delicadíssima, o time de futebol na segunda, terceira divisão e uma série de coisa, na, no dia da assinatura do contato se eu não me engano é a Oceânica ou ouvi embargá, uma série de coisa aí, ação judicial, aí não se deu o convite. Com isso a Hortência tinha amizade, ou o Vitor Oliva⁸⁹ tinha amizade com algum, se eu não me engano era o, aquele que faleceu⁹⁰, que era secretário de esporte.

A criação dos CE é novamente reforçada pelo discurso de Norberto Silva sobre a oferta do secretário Osvaldo Magalhães:

(...) ele ofereceu pra Hortência, que queria transformar Curitiba num grande centro, não só um centro um centro de voleibol, mas um centro de todos os esportes, tanto que na época era ginástica olímpica, se eu não me engano já tinha o voleibol, e aí queria implantar o basquete dentro de Curitiba, já tava mais ou menos acertado se eu não me engano nós virmos pra Campo Largo (...)

Hortência reforça o fato de a iniciativa ter partido do então secretário de esportes a iniciativa da criação dos CE e esclarece o fato de ser incluída uma equipe de referência:

Era um projeto que o antigo secretário de esporte do estado tinha, de fazer centro de excelência de todas as modalidades (...)

A idéia era fazer o centro de excelência. Aí eu disse pra eles assim que: a criança precisa ter uma referência ela precisa ter um objetivo, o objetivo da criança é sempre chegar a jogar em uma seleção brasileira, equipe de defender as cores do seu Estado, da sua cidade enfim, ela precisa ter uma

⁸⁸ <http://www.cbb.com.br/competicoes.asp> Acesso em 10/05/2010

⁸⁹ José Vitor Oliva, casado com Hortência Marcari naquele momento.

⁹⁰ O secretário a que o entrevistado se refere era Osvaldo Luiz Magalhães dos Santos falecido no dia 07 de setembro de 1998 em acidente automobilístico.

referência precisa olhar: “- Quero ser igual aquela menina ali.” Então eu dei a idéia de fazer um time de basquete, ele gostou.

Quando se instalou em Curitiba, a equipe permaneceu em treinamentos sem a definição de onde seria instalado definitivamente o projeto. Os treinamentos aconteciam em locais diversos, como o Círculo Militar do Paraná e Santa Mônica Clube de Campo, realizando a preparação física no “Rexona”, instalado no ginásio Amir de Almeida no bairro do Tarumã.

Enquanto a equipe se organizava ocorriam as negociações políticas para a definição da sede do projeto. Inicialmente, ao que soube Norberto Silva, a sede seria em Campo Largo. Cogitava-se a ida a Londrina ou mesmo a permanência em Curitiba. No meio dessas negociações surge a proposta da cidade de São José dos Pinhais.

São José dos Pinhais é uma das cidades que compõem a região metropolitana de Curitiba. A partir da década de 90 apresentou um aumento significativo de sua população e arrecadação tributária, devido principalmente à instalação de duas montadoras da rede automobilística, fazendo com que o município viesse se tornar o segundo pólo automotivo do Brasil, sendo também responsável por parte considerável do PIB estadual. Hoje, em 2010, a cidade já se classifica como a 3^a em arrecadação de ICMS, ficando atrás apenas de Curitiba e Araucária.⁹¹

Acompanhando tal período de expansão demográfica e econômica, a política de esporte e lazer municipal também sofre modificações na sua estrutura administrativa com o aumento do número de profissionais e a necessidade de ampliação de seus equipamentos. O secretário municipal de esporte e lazer era Amarildo Ramos da Rosa e o prefeito Luiz Carlos Setim, filiados ao partido PFL, da mesma coligação de Lerner. Segundo Amarildo partiu de sua pessoa o encaminhamento do projeto para São José dos Pinhais:

⁹¹ Dados publicados pela Gazeta Mercantil no Atlas do Mercado Brasileiro 2007.

(...) por iniciativa própria mesmo confesso pra você, porque eu gostava de trazer idéias, eu queria São José dos Pinhais que só tinha um único ginásio, eu queria levar mais é... Mais é... Projetos arrojados.

Na época, existia uns, um... Um plano né do, da secretaria de estado, na época era Secretaria de Esporte e Turismo, para implantar na cidade de Londrina era essa, esse era o endereço. E a gente soube e conversamos com o Osvaldinho que era secretário na época, que depois veio a falecer, ah, na a intenção de São José dos Pinhais sediar, tinha o ginásio Ney Braga lá para sediar esse evento. Ai acabou vindo a falecer e depois assumindo Ney Leprevost. A gente continuou batendo na mesma tecla, é, oferecendo a cidade né, que Curitiba tinha o Centro de Excelência do Vôlei e que o basquete podia ser em São José dos Pinhais, nós tínhamos a intenção. Por que São José dos Pinhais?(...)

(...) Então, acabou dando certo, o governo do nada de repente apareceu um dia lá fazendo vistoria no ginásio disse olha tem tudo para vir pra cá, coisa e tal, eu soube da, do interesse da cidade: “você conseguem reforma o ginásio?” Ai a gente se prontificou, falei com o prefeito na época que tinha que dar uma estrutura melhor pro ginásio pra abraçar não o projeto que era social era tranquilo mas como era uma equipe principal que vinha junto com o projeto precisava de estrutura. Então foi dado isso, essa estrutura no ginásio Ney Braga na época.

Indagado sobre resistências políticas ou estruturais que poderiam ter acontecido na época, Amarildo afirma que as únicas negativas estavam na exigência do projeto ter um ginásio de esportes exclusivamente para a prática do basquetebol:

(...) eles sabiam que só tinha o ginásio Ney Braga e quando entraria a, o projeto Centro de Excelência só tinha que fechar com o basquete, ai eles botaram a mão na cabeça:

- Pelo amor de Deus como é que vai fazer, onde vai ficar o vôlei o handebol?

Aí eu disse assim oh, eu tava numa reunião, nunca vou esquecer o que disse a eles:

- Gente, eu quero um projeto desse arrojado, tá pra ir em outra cidade, eu quero em São José dos Pinhais!

Após as adequações conseguidas pelo município o CEB finalmente iniciou as suas atividades. A equipe de trabalho contava com a supervisão de Hortência Marcari, a supervisão da equipe principal pelo Marco Antônio Gatto Fonseca, o técnico principal Antonio Carlos Vendramini, auxiliar técnico Norberto José da Silva “Borracha”, preparador físico Cláudio Bassi, e o coordenador do CEB Hélio Vendramini, além dos professores das escolinhas.

Rapidamente os núcleos foram instalados em outras cidades, onde as visitas eram feitas pelo coordenador e com uma grande festividade de inauguração com a presença de Hortência e outros convidados como Zico, Careca e Aurélio Miguel por exemplo. Foram relatadas as instalações dos CE em: Astorga, Cambé, Castro, Chopinzinho, Campo Mourão, Cornélio Procopio, Curitiba (ASUFEPAR e 3 Marias Clube de Campo), Pato Branco, Palmas, Jacarezinho, Maringá, Rio Negro, São José dos Pinhais e Toledo. Segundo informações de Amarildo e Borracha o projeto chegou a ter 3.000 crianças em treinamento.

A escolha dos núcleos foi feita por um estudo prévio realizado pelos coordenadores conforme a indicação de uma estrutura que comportasse os CE e com a escolha de profissionais capacitados para esse trabalho. Hélio Vendramini descreveu essas escolhas:

(...) primeiro passo nosso, o que nós vamos fazer? Vamos ver aonde é que tem o basquete no Paraná, aonde é que se desenvolve o basquete no interior do Paraná. Porque não adiantava, por exemplo, escolher uma cidade politicamente interessante onde não tivesse nenhum professor. Porque um professor e técnico de basquete é difícil, é muito mais difícil arrumar um professor de basquete do que qualquer modalidade esportiva. Então nós fomos pesquisando aonde tinha o basquete e aonde já havia um trabalho. A partir daí nós fizemos o convite aos professores, para os prefeitos, de fazer o desenvolvimento do centro excelência na cidade(...)

Os núcleos recebiam capacitação para os professores responsáveis ministrado pelos técnicos da equipe principal. Esses momentos de capacitação ocorriam a cada seis meses aproveitando o momento em que eram realizados festivais entre as crianças dos núcleos. O momento servia como avaliação e observação de talentos. As crianças recebiam camisetas, bermudas e bolsa para treinamento. O fato das crianças receberem material para treinamento a primeira

vista podem não aparentar motivação para adesão a um projeto esportivo, assim como pequenas viagens que aconteciam para os festivais, porém um relato da ex-atleta Franciele de Souza do CEB pode dar outra evidência, relativa ao pertencimento ao grupo:

Porque tava modinha naquele tempo e eu tava fazendo catequese e todo mundo saia da catequese e ia para o Centro de Excelência, com a camisetinha, com a bolsa, que era moda mesmo, daí como eu queria tá na modinha entrei, as meninas elas me convidaram pra ir no Três Marias fazer esse, tinha um festival lá, e eu fui e acabei gostando assim.

Para participar dos treinamentos as crianças não passavam por exigências de frequência escolar, como acontece em alguns projetos. Inicialmente isso passa uma impressão de desinteresse com relação a essa área. Porém Hortência dá outro enfoque do que pode ser a inclusão e a inserção em uma configuração formada por pessoas que podem gerar influências positivas àqueles que se afastaram da escola:

(...) a minha proposta era fazer seria com as prefeituras, onde seria aberto pra quem quisesse, bastaria ter uma quadra coberta onde pode ser rico, pode ser pobre pode ser ensino médio seja o que for, inclusive que não estude. Porque eu sou contra o projeto social que você: - Ah se você não estudar você não participa do projeto! Então você já eliminou o objetivo que é, trazer a criança pra dentro da sociedade, entendeu? Então é essa coisa de que você tem que ter nota, tem que ter estudo, não a principio, não, a principio eu quero resgatar essa criança tirar essa criança da rua e depois eu encaminho ele, depois através do convívio social que ela vai ter com outras crianças que estudam, que, que tem um comportamento ideal ela vai se adaptando aprimorando e aí a gente vai obrigando essa criança para a escola.

Enquanto os núcleos desenvolviam o trabalho de formação de atletas, na sede principal a equipe de referência denominada Paraná Basquete se preparava para participar do CNBF. Dentre as principais atletas contratadas estavam as brasileiras Marta de Souza Sobral, Silvia Andréa Santos Luz, Cintia Regina Santos Luz, e as estrangeiras Victoria Andrea Bullet, americana, Vedrana Grgin, croata.

No primeiro CNBF disputado a Paraná Basquete sagrou-se vice-campeã brasileira, mas ainda contava com um público não tão significativo em seus jogos, algo que se alterou no segundo ano de participação quando houve inclusive a necessidade de readequação da estrutura das arquibancadas do ginásio Ney Braga devido ao crescimento do público nas partidas. Nessa segunda participação no CNBF no ano de 2000, a Paraná Basquete conquistou o título de campeã.⁹² Segundo Amarildo: “a cidade comeu basquete naqueles três anos ali.”

Em grande parte dos núcleos já existia algum histórico de trabalho com o basquetebol, cidades com representatividade em várias categorias, facilitando a introdução do projeto, pois, já havia uma estrutura básica de trabalho além de profissionais competentes para o trabalho. No caso da cidade sede ao contrário, apesar de haver alguma representação em momentos anteriores, naquele momento as condições das equipes eram mínimas, inclusive a tabela de basquetebol havia sido retirada do ginásio principal, e estavam vinculadas ao trabalho realizado no Colégio Ideal que representava o município em competições escolares. Para estruturar as equipes de base do município foi contratado ao final de 1999, Eduardo Góes, que naquele período trabalhava na cidade de Castro e estava vinculado ao projeto naquela cidade. Sobre o início do trabalho em SJP e sobre a metodologia empregada Eduardo esclarece:

Então daí, quando, quando eu vim pra São José dos Pinhais, me apresentaram um guia pedagógico onde eu devia seguir aquele guia pra trabalhar e assim fui um turbilhão de turmas né? Aqui somente em um ginásio, então tinha quinhentos alunos, eu tinha dois estagiários, tinha a quadra dividida em duas, quarenta alunos de um lado, cinquenta do outro, muita bola, muito... Tudo muito né?

Dentre os núcleos inaugurados, São José dos Pinhais estava o maior volume de crianças provavelmente influenciadas pela visibilidade que a equipe principal proporcionava e pelas condições de se ter um ginásio exclusivamente para o

⁹² MASTINI, D.C. **Projetos Esportivos**. São José dos Pinhais: Departamento de Esporte-SMEL. Relatório técnico, 2000.

basquetebol. Eduardo Góes relatou sobre o número de crianças e a influência da equipe na adesão das crianças:

Naquela época nós tínhamos quinhentos e cinquenta só escolinha, fora as equipes de treinamento, então era assim, era quinhentas crianças de segunda a sexta, (...) era segunda e quarta e terça e quinta, duas horas de manhã e duas horas à tarde então você veja o número, o volume de crianças dentro da quadra que tinha né? (...) à noite tinha as equipes de treinamento, então tinha, naquela época aí vamos dizer que à noite tinha bastante gente, masculino vinha uns trinta muleque do juventude, o feminino mais umas vinte, tinha umas seiscentas e pouco, mais de seiscentos só nesse ginásio.

(...) eu acho que a equipe fez muita diferença na época né? Porque é... Bom, principalmente aqui em São José, né? Com certeza, porque eles vinham aqui. Vinham as atletas, né? Eles se sentiam importantes de ganhar um autógrafo da atleta vinham assistir o jogo, né? Isso com certeza aqui fez muito diferença e eu acredito que nos núcleos também teve um grau de importância, não talvez não deu tanta diferença como aqui em São José mas eu vejo que a equipe ela é, ela é uma referência um espelho muito forte.

A exposição alcançada pela equipe principal, pela transmissão dos jogos pela televisão, a cobertura dos jornais locais e o grande número de crianças envolvidas nas escolinhas trouxeram uma luta política que foi travada no período de reeleição do prefeito Setim em 2000. Além de ter trazido para SJP o CEB, a secretaria de esportes havia intermediado a instalação da equipe de futebol JMalucelli, que disputava a divisão especial da FPF. Nas distribuições de cargos para seu segundo mandato o prefeito teve a indicação de um novo secretário encaminhado pelo partido da coligação de reeleição. Sobre este fato Amarildo relatou:

(...) Aí em 2000 veio a eleição, quando o prefeito ganhou claro, que naquela distribuição de secretarias, (...), houve um deputado contrário que queria nomear outra pessoa no meu lugar lá, e eu pra minha surpresa fiquei muito feliz, eu tive o apoio desse, do prefeito Setim na época, que eu soube depois né. Pessoas é... Ironias, me contaram, olha na reunião o prefeito disse: “não, nós damos pro partido outra secretaria menos a do esporte, porque o esporte tá indo bem.”

Depois da luta travada pelos secretários de esportes, gestores e coordenadores da Paraná Esporte pela definição de onde seria instalado o CEB, encontramos aqui uma nova disputa pelo poder dentro da configuração. Amarildo relata que enquanto a equipe obtinha bons resultados em quadra os vereadores e outros membros da administração municipal, mesmo que classificados como oposicionistas, frequentavam os jogos e treinamentos: “(...) então aonde não tive resistência de político de vereador, pelo contrário. Poxa, eles iam nos jogos, secretários, vereadores a cidade comeu basquete naqueles 3 anos ali.” No momento em que existe a perspectiva de se fortalecer dentro da configuração, um de seus membros tenta se colocar em lugar de destaque, como secretário de esportes do município. Acontece a manutenção do secretário em seu cargo até o final da segunda gestão do prefeito, mantendo-se em um nível superior pelo poder assumido.

Ao encerrar as competições do CNBF a equipe permanecia sem grandes eventos a serem disputados, já que o campeonato estadual não representava grande desafio. Visando ocupar os períodos em que a Paraná Basquete permanecia sem competições dentro do estado, a equipe buscou alternativas diversas transferindo-se em 1999 para São Paulo, disputando o campeonato paulista pela cidade de Carapicuíba e para o Rio de Janeiro em 2000 estabelecendo um convênio com a Mangueira para disputar o campeonato carioca. Outra alternativa para condicionamento técnico das atletas foi uma excursão realizada aos Estados Unidos com uma série de amistosos contra universidades daquele país.

Apesar do sucesso alcançado pela equipe, a repercussão dentro e fora do estado, do grande número de crianças participando do projeto, não ficou evidenciada a entrada de um grande patrocinador nos padrões do Paraná Vôlei. O repasse de verbas do governo sofria alguns atrasos que posteriormente eram sanados, mas levantavam especulações sobre a continuidade do projeto. Em reportagem do jornal Gazeta do Povo em 02 de março de 2001, a jornalista Lilian Santos relata:

Enquanto o Paraná Basquete está ameaçado pela falta de verba, os outros Centros de Excelência trabalham normalmente. As atividades da ginástica artística, handebol, vôlei e xadrez iniciaram 2001 com as contas em dia e já estão desenvolvendo novos projetos para as crianças do Paraná. Com

exceção do vôlei, que conta com o apoio da Gessy Lever, todos os outros esportes dependem exclusivamente da verba do governo estadual.⁹³

Na mesma reportagem Lerner fala sobre o repasse de verbas e da intenção de conseguir apoio da iniciativa privada:

Sobre o atraso no repasse da verba ao time adulto e aos núcleos do Centro de Excelência do Basquete, Lerner afirmou ter tomado conhecimento do assunto apenas agora. “Vamos continuar dando apoio ao time neste momento e, temos certeza de que, depois ocorrerá o apoio privado”, disse o governador. A Secretaria Estadual da Fazenda, através da Paraná Esporte, deve repassar a verba de R\$ 300 mil até terça-feira. Apesar da promessa de liberação do dinheiro, a equipe principal do Paraná Basquete corre o risco de não disputar os próximos jogos do Campeonato Nacional Feminino, já que não tem dinheiro em caixa para cobrir despesas de viagem e hospedagem.⁹⁴

A Paraná Basquete disputou o CNBF em 2001, sendo vice-campeã, no último campeonato disputado pela equipe. A equipe se desfez continuando apenas o CEB em atividades até o ano de 2003. Mesmo não sendo caracterizadas disputas políticas que pudessem inviabilizar a continuidade do projeto, nenhum parceiro privado teve interesse em cobrir os custos do mesmo tornando difícil a manutenção.

Hortência cita o fato de além da impossibilidade de um parceiro privado para subsidiar o projeto outro fator contribuiu para o encerramento das atividades:

Houve uma mudança do governo, e a gente não recebeu o mesmo respaldo, que a gente recebia do outro governo.

Assim, ou o que eu gosto de fazer, das coisas mais ou menos, ou eu faço o negócio bem feito ou eu caio fora, e foi o que aconteceu.

Para Norberto Silva o fato de contar com o nome de Hortência no projeto não foi o suficiente para angariar um grande patrocinador não apenas pela situação da modalidade no Estado, mas na configuração formada pelo basquetebol no Brasil:

⁹³ SANTOS, L. Jornal Gazeta do Povo, 02 de março de 2001. Caderno de Esportes, p.5

⁹⁴ Idem

Não foi o suficiente, ou sei lá, a modalidade acho, a modalidade caiu muito, nós não tínhamos um espaço e não temos um espaço em mídia, então eu acho que o que eu falei pra você, tem três, quatro situações pra serem feitas, aumentar o número de praticantes, resgatar o nome, títulos, acho interessante, é, envolvimento da comunidade, tem uma série de coisas que eu acho, não é só a competição, só ficar campeão, como você falou do voleibol, nós temos muitos aspectos paralelos e o que eu falei, o Paraná, principalmente com o basquete feminino tem uma empatia muito grande, só falta um empurrãozinho, e o Paraná tem grandes chances de se tornar centro de referência nacional, mas pra isso tem que ter um maior número de praticantes, mais pessoas envolvidas e tem muita gente que gosta de basquete (...).

As atividades da equipe Paraná Basquete encerraram-se no ano de 2001, após o CNBF, permanecendo a estrutura do CEB até 2003. O custeio era dividido entre os Municípios e o Estado, mas não foi possível a continuação do projeto. Amarildo apontou um dos principais motivos para encerramento do projeto:

(...) é que na verdade, este projeto Centro de Excelência do Basquetebol, apesar que hoje a Hortência usa o mesmo nome porque foi bacana na época tá, mas ele foi criado pelo estado pra todas as modalidades, é um projeto arrojado, dum governo estadual e acabou e acabou esse governo estadual. Foi assim determinante. A pessoa que assumiu o governo novo foi determinante (...). Foi assim: eu tive testemunha própria, da pessoa mesmo, que disse “olha eu tô incumbido a terminar com todos os Centros de Excelência de Basquetebol que é uma marca do antigo governador”.

Na avaliação de Hélio Vendramini, o custo do projeto era mínimo em relação aos benefícios e ao alcance deste. Segundo uma estatística da época o custo individual para cada aluno era de R\$ 1,58, calculado a partir daquilo que era oferecido em termos de material, professores, lanches, etc. Em entrevista à revista *Veja*⁹⁵, Joaquim Cruz, ex-atleta e medalhista olímpico, também cita uma pesquisa da realizada pela ONU no ano de 2004, na qual ficou estabelecido que cada dólar investido em atividades físicas na infância, o governo tem retorno de 3,4 dólares em

⁹⁵ Entrevista concedida à Revista *Veja*. “**Com sorte, só em 2020**”, 30/03/2011, p.21

redução do número de internações hospitalares, melhoria na qualidade de vida e melhoria no rendimento escolar.

Entre os professores responsáveis pelo CEB no interior do estado, entrevistamos a professora Marli Costa, responsável pelo projeto em Toledo. Ela apresenta uma opinião que reforça a vinculação política que encaminhava o projeto a centros que nem sempre necessitavam da presença deste, mas que obrigavam os prefeitos a destinarem recursos ao esporte. A afirmação de Marli nos dá a ideia da importância e possibilidade da formação de um *habitus* esportivo exemplificando com o núcleo de Chopinzinho, onde não havia treinamentos de basquetebol, formando desde então um grupo de praticantes que participam até hoje de competições estaduais mesmo sem contar com apoio pleno das prefeituras.

(...) quando chegava na época de competição o prefeito não podia falar não que nos íamos jogar em Chopinzinho, por exemplo, que eu lembro que era um município que tinha o projeto, inclusive que eu acho que era muito válido porque lá não havia basquete, aonde já havia o basquete não seria tão interessante assim. Então o vínculo que o centro criava com o prefeito é que amarrava a nossa situação tanto em termos de alimentação quanto de transporte para esses jogos.

Para Hortência os projetos devem ser implantados no maior número possível de espaços, não apenas naqueles de interesses localizados, e os projetos esportivos seriam auxiliares na formação da cidadania, não podendo ser reputado a este toda a responsabilidade, naquilo que chamaríamos de “salvacionismo”:

(...) você tem que massificar, pra você massificar o projeto tem que ser barato e simples, e tem que ter parceria, porque eu acho que a educação da criança, o lazer da criança, a sociabilidade da criança, é um conjunto de obrigações e deveres não só do governo, mas do cidadão, é a mãe e o pai de levar a criança pro projeto, é o secretário municipal junto com o prefeito junto com o governador, o governo do estado o secretário do estado, comigo que conheço a modalidade, então é uma obrigação de todos.

Depois do encerramento das atividades do CEB, as cidades que receberam os núcleos mantiveram suas atividades sendo em sua maioria participantes das competições da FPrB e Paraná Esporte. As cidades de Chopinzinho, Castro,

Palmas, São José dos Pinhais, Toledo, Astorga, Pato Branco, Maringá, Toledo, Campo Mourão são até hoje participantes dos principais campeonatos da FPrB, além de participar na modalidade de basquetebol das competições promovidas pela Paraná Esporte tais como Jocop's, Jojup's e Jap's.

Mesmo com um curto tempo de atividades, é possível afirmar que o CEB deixou frutos em sua passagem pelo Paraná. Os entrevistados destacaram alguns atletas que surgiram a partir daquele momento que se destacaram para a modalidade representando seleções paranaenses e brasileiras, além de jogarem de forma profissional em clubes, outros que ainda jogam por clubes de forma não remunerada, além de deixar nas cidades onde esteve, praticantes do basquetebol na forma de lazer. Eduardo Góes destacou uma das formas de prática que se dá nos dias de hoje em SJP:

(...) daqueles meninos que na época deveriam ter ali uns 15, 16, 17 anos nesta época que entraram na... No CE. Aqui os que eu vejo ainda, que eu tenho contato, que hoje a gente tem aqui, por exemplo, uma Copa São José de Basquetebol que é, que é adulto que a gente no regulamento não deixa equipes de Curitiba vir, tem que morar na cidade, (...), e os que participam desse, dessa Copa aqui de São José são aqueles meninos que hoje estão trabalhando, estão casados, mas que participaram aqui. Então todos, a gente conhece, a maioria até pelo nome, eles conhecem a gente, estão ainda praticando, gostam das modalidades assim, mais lazer, como lazer sim.

Um fato interessante que ocorreu na passagem do CEB no estado é que os treinamentos eram destinados tanto aos meninos quanto às meninas. Mas os principais destaques dentre os atletas se concentraram no gênero feminino, possivelmente influenciados pela identificação das alunas com a equipe principal ou mesmo pelos técnicos dessa equipe ter um histórico ligado a equipes femininas. Norberto Silva concordou com a afirmação apontando essa como sendo uma das poucas falhas do projeto:

(...) era masculino e feminino, o feminino tinha um espelho que eu falei pra você e o masculino não, então muitos meninos deixaram de praticar porque não tinham um espelho.

De qualquer forma os núcleos apontados pelos entrevistados como possuidores dos melhores resultados esportivos, seja pela convocação para seleções brasileiras ou pela profissionalização das atletas, estavam ligados às suas equipes femininas.

Para Amarildo um ponto negativo do projeto estava no fato de cada cidade ter apenas um núcleo, dificultando o acesso de crianças que não morassem na região do ginásio de esportes sendo que o projeto que hoje a FPrB gerencia modificou essa realidade criando em cada cidade mais de um pólo. O professor Alexandre, do CEB 3 Marias Clube de Campo, não apontou nenhuma falha relevante apenas especulando sobre os custos da equipe principal (a qual ele considerava importante existir), que poderia ter sido um empecilho para a continuidade do projeto, e por último a necessidade de existirem mais competições internúcleos para aumentar o intercâmbio entre esses.

Além das atletas que foram citadas por seus resultados expressivos, buscamos informações sobre as atletas que mesmo não se tornando profissionais, conseguiram benefícios que podem lhes oferecer melhores perspectivas sociais ao longo de suas vidas, tais como oportunidades de emprego e formação escolar. Inúmeros casos nos foram indicados e no capítulo a seguir buscamos descrever um pouco da trajetória pessoal dos principais casos e de que maneira o esporte pode lhes oferecer melhores oportunidades de mobilidade social.

CAPÍTULO 4- TRAJETÓRIAS PESSOAIS E ESPORTIVAS DAS ATLETAS

Nesse capítulo descrevemos a trajetória pessoal e esportiva de atletas que podem caracterizar nosso tema de pesquisa, conforme indicadas pelos entrevistados, levando em conta as categorias de análise apropriadas para tal. Posteriormente apresentamos outras atletas que não foram entrevistadas, mas que também foram citadas como destaques esportivos e foram ou estão sendo beneficiadas por bolsas de estudos, remuneração ou oportunidades de emprego seja no meio esportivo ou não.

Jéssica Jenifer Chagas Lima iniciou os treinamentos aos 12 anos no 3 Marias Clube de Campo em Curitiba. Segundo seu relato iniciou de forma não intencional com o basquetebol, pois, procurou o clube na ideia de treinar voleibol. Como não havia treinamento de voleibol para as meninas aceitou o convite do professor do CEB e iniciou os treinamentos.

Foi convocada para algumas seleções do Paraná e de Curitiba e permaneceu jogando pelo clube de origem até os 16 anos. Nessa idade recebeu o convite para jogar pelo Colégio Dom Bosco que lhe ofereceu bolsa integral para que cursasse a 3ª série do EM. Após encerrar o EM, Jéssica recebeu novamente bolsa de estudos para o curso superior ainda na mesma instituição.

A trajetória pessoal de Jéssica chamou a atenção nem tanto pelo destaque esportivo já que teve duas interrupções forçadas em sua carreira devido a cirurgias nos joelhos, fato que pode ter comprometido seu desempenho, mas pelas possibilidades de mobilidade social que o esporte pôde lhe proporcionar.

Na família de Jéssica ninguém possui curso superior e exercem cargos considerados próprios dos patamares mais baixos das classes sociais, sendo a mãe cozinheira, o pai, padeiro e o irmão trabalha como garçom⁹⁶. Poderá ser a primeira a obter formação superior propiciado pela bolsa de estudos que recebeu para isso, já que, segundo seu relato, a família não teria condições de custear uma faculdade

⁹⁶ Segundo classificação descrita pela FGV, baseada em dados do PNAD, o professor de ensino fundamental e médio, com formação superior, posiciona-se como a 55ª profissão na classificação de salários no Brasil, com renda média de R\$ 1.639,00. Na mesma tabela encontramos as profissões de padeiro com média salarial de R\$ 549,06, garçom, R\$ 557,58, e cozinheira, R\$ 495,02. Fonte: http://www3.fgv.br/ibrecps/iv/vot_apres_v.pdf. Acesso em 02/02/2011.

particular: “(...) porque se eu não tivesse praticado basquete, provavelmente agora, eu acho que eu não estaria na faculdade, cursando ensino superior (...).”

Outro fato importante foram as oportunidades de emprego que a rede de relações formada na configuração proporcionou para ela e sua família. Jéssica cumpre estágio remunerado na Sociedade Thalia onde sua ex-técnica era coordenadora de esportes e sua mãe conseguiu melhor colocação profissional também por indicação dessa professora cujo irmão, também ex-técnico, e sua esposa, atleta de basquetebol, são proprietários de um restaurante. Sendo contratada como cozinheira no decorrer de um ano teve maiores oportunidades sendo hoje a chefe de cozinha do restaurante recebendo o dobro da remuneração que tinha em seu emprego anterior.

Jéssica estabeleceu a partir da inserção no projeto, novas perspectivas sociais para ela e sua família, não de forma planejada evidentemente, e nem mesmo a sua busca pelo esporte veio acompanhada pela ilusão de conseguir essa possibilidade de mobilidade social, mas de fato a oportunidade foi criada se levarmos em conta a sua formação superior alcançada e as oportunidades profissionais destinadas a ela e sua mãe. A sua intenção profissional é de se tornar técnica desportiva.

Franciele Aparecida do Nascimento, 22 anos, tem a mais expressiva trajetória entre todas as atletas reveladas pelo CEB. Franciele iniciou os treinamentos no núcleo de Jacarezinho e hoje é atleta da Seleção Brasileira principal tendo disputado as Olimpíadas de 2008 na China e o Campeonato Mundial de 2010 na República Tcheca. Iniciou os treinamentos aos 09 anos quando foi ofertada uma escolinha no colégio em que estudava e pela insistência de sua professora de Educação Física. Franciele passava por um momento difícil em sua vida e, de um momento de dificuldade, a descoberta de um novo incentivo:

(...) é que quando conheci essa professora, não me interessei porque meu pai tinha acabado de morrer, as coisas assim, minha mãe não andava bem, eu tinha nove anos de idade, eu não entendia nada. Mas eu entendia meu pai era, era tudo, ele tinha acabado de morrer, então no momento foi muito difícil, aí ela falou que eu devia procurar, que eu devia fazer, e não sei o que. (...) nesse colégio que eu estudava perguntaram quem queria jogar basquete, que ele tava montando uma escolinha, (...), e eu não me interessei pelo esporte, era o último esporte que eu fazia, o último, o último.

Eu me interessei, eu não, na verdade não me interessei, minhas amigas foram, as duas menininhas que eu andava foram, e eu pra não ficar de trás fui. E nesses primeiros dias, minha mãe ajudou, minha mãe bancou pra eu ir treinar, pra eu voltar, não sei que, mas como ela tava sozinha, o acesso pra ela ficava difícil. (...) eu fui começando a gostar sabe, tipo cada dia, sei lá, já acordava pensando em jogar basquete. Pensava como o melhor momento do meu dia, como uma coisa que eu não gostava antes.

Depois do encaminhamento da professora da escola, Franciele passou a contar com o incentivo do professor Bottareli, veterano técnico da cidade, e com a motivação causada quando passou a treinar no CEB:

Pra mim era um máximo, todo ano a gente ia pra uma competição que era em São José dos Pinhais, todo ano a gente ia pra essa competição e lá eu via a Hortência, as meninas do Paraná Basquete, meninas que hoje eu tenho autógrafos delas daquela época e hoje tô aqui com elas...

Aos 14 anos foi convidada para jogar em Jundiaí, lá sendo convocada pela primeira vez para a seleção brasileira infanto-juvenil. Em Jundiaí enfrentou o problema do término do patrocínio da equipe e a cobrança de sua mãe para retornar à Jacarezinho. Apesar de não enfrentar dificuldades financeiras extremas, a família vivia de forma humilde amparada pela aposentadoria da mãe, por invalidez, e a pensão do pai, falecido, que teve a profissão de vigia. Embora não fosse o sustento da família, Franciele entendia que deveria enviar dinheiro à mãe para “ela ver que dava resultado, que não tava perdendo tempo sabe?”.

Após passagens pelas seleções brasileiras de base, aos 20 anos, Franciele se transferiu para a Europa buscando experiência técnica e melhores salários. Ela não gostaria de revelar quais seus ganhos atualmente, mas segundo pudemos averiguar as atletas iniciantes na Liga Européia recebe salários em torno de € 5.000 a € 6.000, acima dos padrões de salário pagos no Brasil. As economias proporcionadas sobre esses salários são destinadas ao seu futuro.

Franciele não conseguiu terminar ainda o EM, tendo em vista as transferências que realizou e as convocações para seleção. Algumas atletas que jogam em sua equipe fazem faculdade, mas desde que chegou à Espanha teve muitas mudanças de equipe (Rivas, Zaragoza, Cáceres, Burgos e atualmente La

Seu d'Urgell) e como ela necessita constantemente deslocar-se ao Brasil para os treinamentos da seleção isso fica inviabilizado. Sua intenção é, após voltar ao Brasil, se estabilizar aqui e fazer um curso superior.

Figura 3. Franciele atuando no pré-olímpico pela Seleção Brasileira/2008

Fonte: CBB



As mudanças de equipe a que foi submetida aconteceram por diferentes fatores e para que a atleta conseguisse adaptação ao sistema de jogo europeu:

(...) é, aqui o brasileiro joga, até técnico espanhol fala, aqui joga muito correndo, muita correria, correria, correria, não que menos pensá, uma coisa, não sei. É mais correr, aquela alegria, aquela euforia, e lá não, é tudo muito quadrado, dentro de jogada, dentro de coisinhas assim e eu não me adaptava a isso, eu não conseguia, mas aí depois agora, com o tempo já me sinto bem melhor, mais solta quanto a isso eu não me soltava no jogo, por ser assim tão quadrado não me soltava no jogo. E também tinha vinte anos, minha primeira vez num país que você não domina a língua ainda, no primeiro mês só ficava quieta, entendia, mas ficava quieta. Então pra mim era uma coisa assim diferente, dentro de quadra eu já ficava triste, fora mais ainda porque meu, o basquete é alegria que te dá e você não vai bem.

Adaptada ao sistema de jogo, à língua, aos costumes, começa a se destacar agora jogando a 1ª divisão da Liga Feminina Espanhola, defendendo a equipe El Cadi La Seu. Em trecho do sítio da Federação Espanhola encontramos uma notícia que destaca uma das principais atuações da atleta onde foi considerada a MVP⁹⁷ da partida e de toda a rodada da Liga:

26 puntos y 13 rebotes. Esa fue La criptonita Del Rivas Ecópolis em su visita a La Seu d'urgell, donde perdió por 82-73. La culpable de La derrota fue una vieja conocida de La afición roja: Franciele Aparecida Nascimento, que estuvo em El club madrileño durante três meses em 2008. El balance de puntos y rebotes de La brasileña aumento su valoracion hasta llegar a los 34 puntos, para conseguir El MVP de La jornada 12.⁹⁸

Alcançar destaque, e se firmar na Liga Espanhola, representa um dos mais altos patamares na carreira de um atleta. A Liga concentra algumas das principais

⁹⁷ MVP- abreviação de “most valuable player” – “jogador mais valioso”, termo usado em diversas ligas esportivas para designar o melhor jogador de uma partida, série de jogos, ou mesmo de todo o campeonato.

⁹⁸ 26 pontos e 13 rebotes. Essa foi a criptonita do Rivas Ecópolis em sua visita ao La Seu d'Urgell, onde perdeu por 82-73. O culpado da derrota foi uma velha conhecida da formação rubra: Franciele Aparecida Nascimento, que esteve no clube madrilenho durante três meses em 2008. O equilíbrio dos pontos e dos rebotes da brasileira aumentou seu valorização até chegar aos 34 pontos, para obter o MVP do dia 12. Disponível em <http://www.feb.es/NoticiaDesarrollo.aspx?idNoticia=35925>, acessado em 20/12/2010. Tradução pelo autor.

atletas em atividade de todo o mundo, contando com algumas atletas da WNBA, pois a competição acontece em períodos inversos do ano.⁹⁹

Aruzha Michaski Lima iniciou os treinamentos no CEB do Três Marias Clube de Campo em 2003, último ano do projeto, e sua entrada no projeto aconteceu por indicação de uma colega de escola que a incentivou a treinar após vê-la jogando em um torneio interno da escola. Em seu caso não havia o conhecimento prévio de que no 3 Marias existia o CEB, apenas lhe foi indicado um local para a prática da modalidade. O encaminhamento por parte de uma amiga reforça o alcance da configuração formada pelo CEB, já que um de seus participantes trouxe para a rede de relações, mais um integrante.

Inicialmente, segundo ela, não havia o vislumbre de se tornar uma atleta profissional e jogava achando tudo uma brincadeira: “(...) não levava nada a sério, tipo, brincava, porque eu gostava daquilo e tinha meio que uma facilidade pra jogar (...)”. Nesse ponto duas coisas nos chamam a atenção: a escola na qual estudava proporcionou um momento de descoberta por uma competição interna e a facilidade de acesso e oferta de uma “brincadeira” acabaram revelando uma atleta e novas perspectivas pessoais. Importante lembrarmos que a insegurança das famílias em ter seus filhos brincando em locais públicos de forma não assistida e cada vez maior, e não temos em geral, oferta realizada pelas escolas públicas de atividades complementares que possam atender às expectativas da sociedade em relação à estas.

Após conseguir se destacar já aos 13 anos recebeu uma bolsa de estudos para uma grande escola particular de Curitiba. Esse fato mudou algumas relações pessoais de Aruzha, pois passou a conviver com pessoas de um nível social elevado. Mesmo percebendo essa diferença considerou a adaptação facilitada pelo convívio com as outras atletas da equipe. Aruzha comparou o discurso das colegas de equipe com seus novos colegas, bem como a maturidade que essa convivência lhe proporcionou:

⁹⁹ O campeonato da WNBA (liga americana de basquetebol feminino) é disputado no período do mês de junho ao mês de setembro enquanto que a Liga Espanhola vai de outubro a maio, possibilitando às atletas a participação em ambas. Além do reforço das atletas estrangeiras, devemos que a seleção espanhola classificou-se em 3º lugar no último mundial(2010).

(...) a conversa é outra, as idéias são outro tipo, que nem lá no 3 Marias: “- Ah será que vai pra Toledo viajar?” Coisa assim. Aí lá: “- Será que a gente vai pra Disney de novo?” Coisas assim sabe? Dá uma comparada. Sei lá, no começo: “-Meu Deus do céu como queria ai, quero muito ir pra Disney!” Coisas parecidas, depois sei lá fui, acho que fui crescendo, amadurecendo tipo, aí quando tiver dinheiro, quando eu puder eu vou e, agora enquanto isso não vou precisa ficar: “- Ah, não posso!” Ai sei lá, ia me fazer até mal.

Durante sua passagem por duas escolas particulares em Curitiba, Aruzha foi convocada para seleções paranaenses e da cidade e, em 2008 recebeu o convite para jogar na cidade de Americana em São Paulo. Nesse mesmo ano ocorreu sua primeira convocação para a seleção brasileira na categoria sub-17. Atualmente faz parte da seleção brasileira na categoria sub-19, sendo titular da mesma.

Ao jogar com a seleção brasileira, Aruzha conseguiu conhecer lugares que para ela seriam inimagináveis se dependesse das possibilidades financeiras de sua família:

Ah, já fiz pro Chile, Colômbia, Estados Unidos a gente foi pro Colorado, pra Las Vegas. Ai é, eles iam fazer agora um Tour na Europa e pra França, um monte de lugar que a gente vai agora esse ano, ano que vem, pra conhecer e fazer um monte de amistosos e tal. Já fez amistosos com China um monte de time assim, um monte, que eles vieram pra cá pro Brasil e estão esperando a gente voltar pra lá.

Essas afirmações dão dimensão à origem social de Aruzha. Apenas seu pai trabalha e durante algum tempo foi motorista de transporte de valores e atualmente trabalha em um cargo que ela não soube dizer qual seria. Pelo relato, não teriam condições de mantê-la em escola particular e ainda hoje, sua irmã mais nova estuda em escola pública. Segundo afirmou ela recebe salário “quase maior” que seu pai, tendo oportunidade de auxiliar financeiramente sua família.

Com relação aos estudos, Aruzha disse que a cidade onde treina oferece bolsas de estudos para uma universidade local, porém ela não encontrou a possibilidade de cursar devido ao fato de ter muitos compromissos com a seleção brasileira, ausentando-se em excesso da cidade e do país. A oportunidade de obter um diploma de ensino superior poderia galgá-la a um patamar diferenciado em

relação à sua família, onde apenas um de seus tios tem formação em “culinária” segundo ela.

A facilidade de obter retorno financeiro pode iludir os jovens atletas, que se envolvem no sonho de muitos de obter fama e dinheiro por meio do esporte. Aruzha passa a sua visão de não ser apenas, mas, também o dinheiro uma boa opção para se manter no esporte:

Então. Quem dizem que o basquete não é, não ganha tanto aqui, mas claro foi porque eu gosto, eu amo jogar, a mais eu também penso em, sei lá, através do basquete é conseguir um futuro, ajudar os meus pais, comprar uma casa melhor, coisas assim sabe? Teve um momento que eu parei: ” -Ah, vou parar” daí eu falei “-Não, mas vai que eu não consigo é através do estudo tipo é pegar um emprego bom e conseguir assim tão fácil quanto é o esporte, assim sabe?” Eu pensei parar mais não vou pensar, vou continuar por causa do dinheiro.

A meta de auxiliar a família e de conseguir o dinheiro de forma mais fácil pode estar ligada às origens humildes, já que os salários dentro dos esportes amadores não são os mais elevados na média no Brasil, mas comparativamente a uma família de classe baixa, acabam sendo atrativos.

Aruzha pensa também em alternativas que seriam, aí sim, recompensadoras financeiramente, tais como jogar na Europa ou nos Estados Unidos e até já recebeu uma proposta durante a Copa América de Basquetebol, de uma técnica do Canadá.

No mês de julho de 2011, Aruzha participará do Campeonato Mundial sub-19, que será disputado no Chile. Na edição de 10 de janeiro de 2010, Aruzha foi apontada como uma das principais revelações entre os atletas dos esportes no Paraná. A reportagem trazia o título: “ 10 apostas para 2010” .

FIGURA 4. Reportagem Gazeta do Povo

PROMESSAS PARANENSES Giuliano Gomes/ Gazeta do Povo



Aruzha, 17 anos, ala da seleção sub-18

BASQUETE

Aruzha quer mais um ano de títulos

Publicado em 10/01/2010 | ADRIANA BRUM

Campeã mundial com a seleção brasileira sub-17 no ano passado, a ala/armadora Aruzha Lima começou 2010 em breves férias em Curitiba, ao lado da família, mas já planejando a conquista de novos títulos. Em fevereiro, apresenta-se à seleção sub-18 para a primeira fase de treinamentos para a Copa América, que será realizada em junho. Antes, porém, retoma os treinos no Unimed/Americana, time do interior paulista que defende desde o começo de 2009. Lá, joga os campeonatos paulista e nacionais das categorias de base. Fez também algumas partidas com a equipe adulta. "Comecei a jogar aos 11 anos no clube Três Marias, perto da minha casa. Eu via minha tia jogar e achei interessante. No final de 2008, veio o convite do Unimed. No começo, a adaptação foi um pouco difícil, porque o Campeonato Paulista é um dos mais fortes do país", conta a atleta de 17 anos. Ela destaca que sente falta de encontrar outras atletas paranaenses nas quadras. "Mas acho que eu, a Natália, a Jéssica (campeãs sul-americanas sub-15 em 2009) temos mostrado que o Paraná tem seus talentos", avalia a atleta de 1,67 metro de altura. A convocação para a equipe sub-17 no ano passado, para o Sul-Americano no Chile, apesar de ser a primeira, não foi bem uma surpresa. "Vinha treinando para isso", fala a garota criada no bairro Santa Felicidade. O que surpreendeu foi estar entre as titulares na estreia com a camisa canarinho. "Confesso que deu aquele frio na barriga, mas acho que fui melhor que eu esperava", conta. Ela marcou 14 pontos sobre as donas da casa, sendo a vice-cestinha da partida. Até o título, foram cinco jogos, com cinco vitórias. Assim, invicto, o Brasil assegurou vaga para a Copa América e para o pré-mundial sub-18 neste ano. Aruzha estará nas duas competições. E quer

mais. "A Confederação deve divulgar em breve a convocação para a seletiva para o Mundial sub-19. Quero estar lá", fala.

Franciele Cristina da Silva concluiu sua graduação no ES em Educação Física no ano de 2010. Cursar a faculdade só foi possível graças à bolsa de estudos obtida por ser atleta de basquetebol e ter sido atleta que representou algumas seleções municipais e estaduais. A faculdade cursada por Franciele mantém um programa de bolsas de estudos denominada "Dom Olímpico"¹⁰⁰. Segundo Franciele as condições financeiras da família não poderiam atender a possibilidade de estudar o EM e ES em instituições particulares sendo isso possível pelas bolsas de estudos obtidas:

(...)no terceiro tive bolsa 100% e na faculdade 75%, é nós, eu vim de uma família de classe média pra baixa, meu pai era autônomo, por que meu pai faleceu agora, agora só eu, minha mãe e minha irmãzinha, e eles tiveram cinco filhos, ou seja cinco filhos...

(...)a gente sempre estudou em colégio público, e não tinha mesmo, minha mãe não trabalhava não tinha condições mesmo de sustentar eu e uma faculdade, e por isso da bolsa.

Franciele é a primeira de sua família, incluindo os parentes próximos de seus pais a concluir o ES. Esse pode ser um impulso para as possibilidades de melhora na condição sócio-econômica sua e de sua família, já que hoje Franciele obteve emprego e ajudará no custeio do curso superior da irmã mais jovem, que também pratica basquetebol e obteve bolsa parcial para a mesma faculdade. A conquista de seu primeiro emprego também está relacionada à rede de relações formada pela configuração à que está inserida. Nos relatos a seguir Franciele explica sua inserção ao mercado de trabalho:

A Sociedade Thalia, eu quando eu fui, pro Dom Bosco, conheci que era técnica do Dom Bosco, daí conforme por que por que eu não tinha condições eu ganhei bolsa no Dom Bosco mas minha mãe só teve

¹⁰⁰ O programa "Dom Olímpico" é mantido pelas Faculdades Dom Bosco de Curitiba e seleciona atletas em modalidades olímpicas e que tenham conquistado destaque esportivo em suas modalidades. Dentre os principais atletas que já foram apoiados pela iniciativa estão Danielle Hypolito, Diego Hypolito e Daiane dos Santos da ginástica olímpica, Athos e Ivan Schwantes da esgrima, Dayane Rocha do futebol de campo.

condições de pagar o primeiro semestre, os dois primeiros meses, depois não tava com condições e tudo mais, daí a Andréa que foi minha técnica, me ofereceu esse estagio na Sociedade Thalia, no qual eu fiquei dois anos.

No Marista quando eu saí do Thalia, eu conheci um amigo o Erick que jogava no basquete masculino e tava dizendo que tava precisando de estagiário lá, para ajudar no tênis, vôlei, totalmente diferente da área, mas o Erick como era do basquete como conversávamos a respeito disso e me indicou e eu fui pro Marista.

E a natação especial, ela foi uma professora minha, aqui da faculdade, mas ela era naquele tempo sogra do Carlos, que é do basquete também, e o Carlos começou a falar bem de mim, falou que seria bom ela me pegar também, que eu era dedicada e tudo mais, e foi em relação ao Carlos que eu tive da natação.

E a do Dom Bosco, foi por eu ser atleta do Dom Bosco, o Alexandre tava precisando de voluntaria para ficar na escolinha, peguei comecei a ser voluntária, na escolinha, ai mais tarde o professor Danilo, por eu estar na área do basquetebol, já me efetivou como estagiário.

A ginástica laboral verdade, ginástica laboral foi a mãe de uma atleta minha

Como vimos as oportunidades de emprego surgiram dentro da configuração formada a partir do CEB, garantindo a possibilidade de sustento próprio e ainda o auxílio à família, além de proporcionar oportunidade de emprego em carreiras que podem ser consideradas de nível superior àqueles que foram ocupados pelos seus pais tendo em vista sua escolarização. Franciele informou que seus pais concluíram a 4ª série fundamental, ou próximo a isso (4 anos de estudos). Segundo Barros e Mendonça¹⁰¹ estudos indicam que:

Para um trabalhador com apenas os quatro primeiros anos do primeiro grau (antigo primário), um ano adicional de estudo tende a elevar o salário em menos de 15%, enquanto para um trabalhador com nível secundário e

¹⁰¹ BARROS, R.P., MENDONÇA, R.S.P. **Os determinantes da desigualdade no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998, p. 51

superior um ano adicional de estudo leva a aumentos de salário superiores a 15%.

Franciele iniciou sua participação no CEB sem ter um vislumbre de atuar profissionalmente, apenas acompanhou a “modinha” no bairro, mostrando que a demanda sempre existe, bastando apenas que se faça a oferta de esporte às crianças. No bairro onde mora, as únicas ofertas eram de escolinhas particulares de futebol de campo e assim que foi ofertada a participação gratuita da modalidade, um grande número de participantes aderiu aos treinamentos.

Além de atuar como técnica das escolinhas do colégio onde foi contratada, Franciele se mantém em treinamento com a equipe do seu antigo treinador no CEB. Partindo de uma “modinha” podemos dizer que o esporte, principalmente o basquetebol se tornou um *habitus* para Franciele e para parte do grupo que frequentou o CEB, fazendo com que continuassem jogando até de forma profissional, como algumas, na forma de lazer para outras, como profissão, tornando-se professoras ou técnicas desportivas, ou simplesmente conhecendo e entendendo o esporte e a partir desse conhecimento difusores do *habitus* esportivo.

Vânia Cristiane Barbosa e sua irmã gêmea **Júlia Cristiane Barbosa** iniciaram os treinamentos no CEB em São José dos Pinhais aos 9 anos, em 2000. De uma forma diferente daquilo apontado pelos outros entrevistados, encontramos uma indicação diferente pela busca ao esporte:

Minha mãe na época, ela queria colocar a gente em algum esporte e tal, até porque eu e minha irmã né, a gente era muito junta e não sei o que. Daí ela queria ensinar né, nem sempre uma vai ganhar, as duas vão ganhar, uma vai ganhar a outra vai perder e não vai ser a mesma coisa sempre pras duas, e o esporte era um caminho pra isso. E daí na época foi bem coincidiu de colocarem o projeto do centro de excelência começar assim. Daí ela colocou a gente no basquete.

Motivada pela crença de que o esporte educa, disciplina, torna o indivíduo capaz de aceitar as dificuldades encontradas na vida, a mãe das meninas encaminhou-as ao CE, motivada também pela visibilidade que o projeto conseguiu nessa comunidade. A trajetória esportiva, escolar, social e profissional se viu desenhada a partir dessa inserção à configuração do CE.

Vânia e Júlia estudavam em escola pública até os 14 anos quando surgiu uma oportunidade de bolsa de estudos para cursar o EM. Naquele momento a oferta de bolsa foi para apenas uma delas, sendo que a outra deveria aguardar a oportunidade, fato que ocorreu em seguida. Segundo Vânia, seus pais não teriam condições de custear uma escola particular e no momento em que começaram a treinar, seu pai estava desempregado e por isso sua inserção foi ao CEB e não à outras escolinhas particulares.

As irmãs percorreram uma trajetória de resultados esportivos expressivos tornando-se campeãs paranaenses em várias categorias, representando seleções paranaenses em campeonatos brasileiros e finalmente sendo convocadas para a seleção brasileira sub-19. Mesmo não tendo permanecido na seleção, foram convidadas a jogar em equipes no estado de São Paulo, convite que recusaram já que em SJP contavam com a estrutura esportiva que lhes agradava. Permaneceram jogando em SJP até a entrada no ES, quando receberam o convite para jogar pela Faculdade Dom Bosco, recebendo novamente bolsas de estudos.

A trajetória pessoal de Júlia e Vânia, suas relações com a configuração formada pelo CEB, reflete algumas das indagações sobre o sentido social, esportivo e econômico pesquisados. Inicialmente a busca pelo esporte baseada em crenças nas virtudes formadoras do esporte, bem como a visibilidade causada por um ícone “Hortência” e, gratuidade e oportunidade do projeto instalado em um centro carente de oferta, e pelo visto com grande demanda tendo em vista o número de participantes apresentados pelos gestores. Em seguida e em paralelo a formação de um *habitus*, não só pessoal mas, para toda a comunidade. Hoje ambas voltaram seus interesses profissionais ao meio desportivo, estudantes de Educação Física, sem pretensões como atletas profissionais, mas sim na formação de atletas e de se inserir na área de pesquisa da EF. Continuam praticando basquetebol como forma de lazer e participam de competições, mas, colocam a formação profissional em primeiro plano. Vânia relata suas pretensões futuras:

(...) esse ano que eu comecei a trabalhar mesmo com treinamento de basquete, e até então eu tava na escolinha. (...) agora que eu tô acompanhando treinamento e vamos pra campeonatos e tal, e eu queria trabalhar nessa área, de ser técnica e tal, mas eu também como eu falei, tô

nessa área de pesquisa então eu queria talvez continuar dar, depois da faculdade seguir um mestrado.

No que tange à possibilidade de mobilidade social por meio da educação formal, conforme relatado por Vânia, não seria possível desde o EM até o ES que ambas cursassem instituições privadas de ensino, e alcançarão a graduação suplantando a formação escolar dos pais, fato gerador de melhores oportunidades profissionais futuras. Além da inserção ao meio acadêmico, a configuração proporcionou-lhes os primeiros empregos, haja vista que são estagiárias na cidade de SJP, trabalhando nas escolinhas desportivas da cidade. Essa possibilidade se deu graças à indicação dos técnicos com as quais treinaram durante sua formação esportiva, e segundo relatado, outras ex-atletas do CEB trabalham hoje na SMEL da cidade já efetivadas como fisioterapeutas ou técnicos desportivas.¹⁰²

Além das atletas com o perfil aqui descrito, outras atletas foram apontadas com trajetórias esportivas promissoras. Podemos destacar as atletas Ana Jéssica Pinto e Natália Stephanie Leme Saar , hoje atuando em equipes de São Paulo e convocadas para a Seleção Brasileira de Base. Ambas são consideradas entre as maiores revelações na modalidade e tiveram suas trajetória publicadas no jornal Gazeta do Povo em 2009:

¹⁰² O técnico desportivo responsável pelas equipes principais em SJP a partir de 2011 passou a ser Adilson Novak, ex-atleta do CEB.

Figura 5. Reportagem Gazeta do Povo: Ana Jéssica e Natália Saar

ESPORTES

BASQUETE

Crias de Hortência dão os primeiros passos na seleção brasileira

Lapidadas pelo projeto iniciado pela ex-jogadora no Paraná, no início da década, Ana Jéssica e Natália integram as equipes de base do país

Publicado em 05/04/2009 | [ADRIANA BRUM](#)

Há uma semana, durante o lançamento do Centro de Treinamento de Basquetebol em Curitiba, a ex-jogadora Hortência mostrou-se preocupada com a falta de renovação feminina na modalidade. Ao contrário do masculino, em que nomes como Nenê e Varejão brilham na NBA, o Brasil não tem produzido atletas no feminino para retomar o período áureo, entre os anos 1980 e 90, do qual foi protagonista.

"Você só vê jogadoras se despedindo, mas não vê jovens com potencial para substituí-las", afirmou a única brasileira no Hall da Fama.

Daniel Castellano/Gazeta do Povo



Natália começou nas quadras para controlar seu gênio (quase) indomável: "Gostei do basquete por ter contato físico. Sosseguei, não briguei mais."

Mas a passagem de Hortência por São José dos Pinhais, no final dos anos 90, pode resultar em alguns talentos para compor a seleção principal daqui a alguns anos. Na época, a ex-ala coordenou o Paraná Basquete Clube, campeão brasileiro em 2000. O time já não existe mais, porém as escolhinhas criadas à época como parte do projeto da jogadora no estado revelaram duas atletas que estão nas categorias de base da seleção nacional. As alas Ana Jéssica Pinto, 16 anos, e Natália Stéphanie Leme Saar, 14 anos, começaram 2009 com sua segunda convocação. Ano passado, estiveram juntas na disputa do Sul-Americano sub-15, no Equador. Foram vice-campeãs, perderam a final para a Argentina. Este ano, Ana Jéssica disputa a Copa América no

México pela equipe sub-16, entre 10 e 14 de junho. Natália continua na sub-15 e representa novamente o país no Sul-Americano, no Equador, na primeira quinzena de novembro.

As duas nem eram nascidas quando a célebre cena do presidente cubano Fidel Castro entregando pessoalmente as medalhas de ouro a Hortência, Janeth, Magic Paula e companhia marcou os êxitos de uma geração vencedora do basquete feminino brasileiro. Mas é aquela equipe, que venceu as donas da casa na final do Pan de Havana, em 1991, que as paranaenses têm como referência.

Além de ídolo, Hortência também já serviu de conselheira de Ana Jéssica, que no início deste ano trocou a quadra do ginásio Ney Braga, em São José dos Pinhais, pela do Finasa, em Osasco (SP).

"No jantar de final de ano da Federação Paranaense de Basquete (FPRB), ela (Hortência) me falou que era hora de tentar um clube no interior de São Paulo", conta a ala de 1,77 m, que, aos 10 anos, trocou os golpes de caratê às vésperas de fazer exame para a faixa preta para dedicar-se ao basquete.

Natália, 1,72 m, também apostou na carreira no interior paulista. Passou 40 dias em Osasco, mas a saudade de casa e da família a fizeram voltar.

"Não me arrependo. Foi uma tentativa. Mais para frente, devo tentar de novo", conta a ala, reserva de Ana no Sul-Americano de 2008. "Foi muito bom ter alguém que eu já conhecia. Facilitou o entrosamento com o resto da equipe."

Novos desafios

Enquanto Ana começou, há seis anos jogando como pivô e hoje treina para especializar-se na mesma posição de Hortência – "preciso melhorar meus arremessos", diz –, Natália quer trocar as laterais pela função de armadora. "É uma posição mais difícil, tenho de aprender a pensar por mim e por todo o time", avalia a garota, que há dois anos entrou pela primeira vez numa quadra de basquete, por recomendação do professor de Educação Física da escola.

"Eu era muito 'briguenta'. Gostei do basquete por ter contato físico. Sosseguei, não briguei mais", relembra.

Além das origens no basquete, Ana e Natália têm ainda em comum o orgulho pelas convocações para defender a seleção. Dizem-se mais maduras este ano.

"Ano passado, a experiência foi muito boa. Vi como é o estilo de jogo dos outros países. As equipes sul-americanas, fora o Brasil, têm baixa estatura, buscam pontuar mais de fora do garrafão. Também assistimos a seleção adulta dos Estados Unidos, para ver o que vamos enfrentar na Copa América. São muito rápidas", fala.

Já Natália aposta que o time brasileiro volta com o ouro.

"O problema é que a gente vai, joga, tem bom resultado e ninguém fora nossa família fica sabendo. Tanto leigos quanto gente de dentro do basquete fixa o foco só no profissional e não vê que tem gente boa por aí que pode estourar logo, logo. Isso acontece não só no basquete, mas em todos os esportes", desabafa.

Outras atletas tiveram seus nomes citados por terem alcançado destaque esportivo, por continuarem envolvidas com o meio esportivo ou por encontrarem possibilidade de mobilidade social já que receberam bolsas de estudos no EM e ES. Porém, não listaremos essas atletas pela impossibilidade de pesquisar as trajetórias dessas, ficando a possibilidade de nova investigação em outros trabalhos de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando nossa pesquisa realizaremos a discussão do problema da pesquisa e dos objetivos do trabalho, pautando esse debate com as categorias de análise propostas metodologicamente.

Ao iniciarmos o projeto de pesquisa para o Mestrado, tivemos a ideia de aprofundar o estudo na proposta política, nos custos, na viabilização do projeto, pautados em uma não concordância com a política de esporte daquele governo, quem sabe desta forma realizando uma “caça às bruxas”. Nos momentos preliminares do estudo/projeto começamos a nos deparar com caminhos distintos da nossa ideia inicial, que se baseava na crítica pura e simples, e direcionamos a pesquisa a um encaminhamento sociológico que pôde suscitar maior relevância e uma visão acadêmica pouco explorada sobre os projetos esportivos: a mobilidade social pelo esporte. Normalmente o tema encontra alguns estudos relativos ao futebol, sendo pouco abordadas as outras modalidades esportivas praticadas no Brasil.

Começamos o estudo buscando descrever a implantação do projeto e posicionar os envolvidos na configuração formada pelo projeto Centro de Excelência do Basquetebol (CEB) e a equipe Paraná Basquete. Entendemos que as lutas travadas em meio a esse microcosmo caracterizam a formação de uma nova configuração no esporte e na modalidade no estado. Baseados na Sociologia Configuracional de Norbert Elias podemos dizer que a participação de um indivíduo ou grupo, em uma configuração social é entendida pelas dinâmicas da vida coletiva em que existe uma rede de interdependência, ligações de ordem afetiva, social, de identificação e de pertencimento e conformação de um *habitus* social. Essas configurações podem ser baseadas a partir de microcosmos de características diversas e conjuntos de proporções numéricas diversas baseando sua estruturação de organização e controle nas lutas internas travadas pelos seus indivíduos ou grupos.

A estruturação da configuração e as categorias de análise propostas (os objetivos da criação do projeto, metodologia de trabalho, indicadores de mobilidade social, o legado esportivo) puderam responder aos questionamentos de nosso problema investigativo.

Com relação à implantação do projeto pudemos discutir que essa se viu na mesma política de proliferação de projetos que visam ou se apóiam na necessidade prevista em lei de atendimento e oferta de lazer e esporte às crianças e adolescentes. Uma de nossas inferências é de que os projetos se colocam em uma lacuna deixada pela não oferta de escolas em período integral em número suficiente para suprir as demandas da população dessa faixa etária.

Além da falta de escolas em tempo integral, a multiplicação de projetos esportivos disseminados pelo Brasil nas últimas décadas pode ser creditada a inúmeros fatores de motivação para sua realização conforme citamos no capítulo II desse trabalho.

Segundo o relato dos gestores entrevistados a configuração se iniciou com a proposta do governo estadual na implantação dos CE em várias modalidades esportivas. De fato, o que ficou patente nas afirmações dos entrevistados e na pesquisa documental, demonstrou que havia a preocupação pela formação de atletas e de equipes representativas em nível nacional e internacional projetando o estado no cenário esportivo. Essa pretensão foi ponto alcançada tendo em vista os resultados obtidos pela equipe de Ginástica Artística, pela equipe de voleibol REXONA e pela Paraná Basquete com suas equipes principais e que deixaram um legado esportivo.

O jogo político para a sediação do projeto aconteceu durante um período de incerteza quanto à sede, pois inicialmente, a equipe e o CEB não tiveram local definido para treinamentos. Primeiramente havia contatos para instalação em Campo Largo, depois Londrina. Finalmente, amparado na iniciativa do secretário de esportes de São José dos Pinhais, e creditados da adequação político-partidária já que, a coligação partidária do governo estadual e da prefeitura do município eram semelhantes, o projeto foi instalado na cidade.

Instalado o projeto passou-se a expandir seus núcleos chegando a um total de 15. Para a instalação desses núcleos foram apontadas condições básicas que passavam pela existência de instalações esportivas e profissionais especializados em basquetebol. Porém existe também a informação de que os núcleos foram instalados apenas em cidades onde a prefeitura fosse da mesma coligação partidária do governador.

Segundo constatamos os professores dos núcleos receberam capacitação ministrada pelos técnicos da equipe principal, além de material impresso, visando à padronização e otimização do trabalho. Nas cidades onde o projeto foi implantado, houve crescimento do número de praticantes de basquetebol e durante o período em que esteve ativo, o CEB fez com que as prefeituras fossem responsáveis por custear as despesas de viagem para participação em torneios do projeto. Esse foi um dos pontos positivos apontados pelos entrevistados, já que a vinculação política ocorrida garantia recursos financeiros que muitas vezes não estão disponíveis como os técnicos desportivos necessitam para suas equipes. Conforme citamos anteriormente não havia um discurso que desvinculasse o projeto de uma iniciativa de esportivização da criança, haja vista que muitos projetos utilizam-se da proposta de tira crianças da rua, desenvolvimento de cidadania, combate às drogas. O que os técnicos queriam era formar atletas. E por que não apenas formar atletas? Não podemos considerar a formação de atletas como responsabilidade do Estado, mas como vimos no capítulo de discussão de projetos sócio-esportivos, a aderência aos programas se torna efetiva quando as crianças vislumbram objetivos claros e trabalhos técnicos qualificados.

O esporte em sua prática pedagógica é valorizado e contestado ao mesmo tempo, sendo criticado no Brasil pela sua imposição durante o período do regime militar iniciado em 1968 e por ser em sua forma espetacularizada, tida como reprodução ou de utilização mercadológica do mundo capitalista.¹⁰³ Mas o que dizer dos projetos que ensinam música, artes, lutas, teatro? Estão também tentando formar consumidores?

O esporte é pode ser prática de lazer, desenvolvedor de disciplina, de respeito mútuo, de hábitos saudáveis, entre outros benefícios, desde que aproveitado por profissionais competentes. Podemos considerar os valores formativos do esporte nas escolas e projetos, sem generalizar a opinião de que o esporte é elitista ou mesmo apenas um formador de consumidores. Cremos que seja essa uma discussão ideológica que deva ser aprofundada, não é objetivo de nossa pesquisa, mas não podemos nos eximir do questionamento.

¹⁰³ Esse debate pode ser encontrado em trabalhos de diversos autores como DAMO(2006) e PRONI(2008) e COSTA(2007).

Enquanto fenômeno social o esporte, incorporado em diversas formas de manifestação e consumo, seja na forma de prática ativa ou simples informação, suscita a discussão e investigação acadêmica em torno de si. Como atividade multifacetada de ampla incorporação por todos os meios sociais, forma uma grande configuração, dotada de suas lutas internas, travadas dentro de diversos outros microcosmos formados por modalidades esportivas diversas, clubes, escolas, regiões geográficas, divisões de categorias e outros arranjos.

No Brasil o fenômeno esportivo outrora de cunho amadorista, acompanhou os traços do esporte espetacularizado e profissionalizado difundido mundialmente. Depois de passar pelas organizações clubísticas no início do século foi incorporado em uma prática escolar e se confunde em muitas vezes à prática da Educação Física. Hoje o esporte recebe contornos profissionalizados em nosso país, apesar de haver a concentração dessa possibilidade profissionalizada a apenas alguns esportes e atletas. A concentração de nichos específicos de profissionalismo e concentração de renda pode ser creditada ao que Pires e Lopes¹⁰⁴ classificam como uma “crise do desporto moderno”, impulsionada pela gestão do COI e do falso amadorismo dos seus dirigentes acusados de envolvimento em fraudes e corrupção. Porém não podemos fechar os olhos quanto as possibilidades de geração de emprego e renda que o esporte espetacularizado pode proporcionar, e devemos criar mecanismos para fomentar essa prática muitas vezes apontada como “vocação do brasileiro”. Entendemos dessa forma que o projeto CEB se alinhou a este pensamento, gerando a adesão de praticantes. Segundo os dados, não oficiais, dos gestores do projeto, no auge das atividades cerca de 5.000 crianças praticavam basquetebol somando os diferentes pólos.

A atração que levou estas atletas, antes disso, crianças, a praticarem o basquetebol aconteceu de distintas formas segundo seus relatos, onde destacaríamos: a busca pelos valores agregados ao esporte como a disciplina e o respeito mútuo, o sentido de pertencimento ao grupo de amigos que estavam treinando, a visibilidade que o projeto alcançava pela presença de um ícone do esporte, Hortência Marcari.

¹⁰⁴ C.f. LOPES, J.S., PIRES, G.M.. Conceito de gestão do desporto. Novos desafios, diferentes soluções. Lisboa: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. 2001, vol1.

Quando falamos de valores agregados ao esporte podemos entremear esse noção àquilo que Elias destacava quando da esportivização de práticas de lazer dos jovens burgueses no final do século XIX. Da mesma forma que os passatempos foram esportivizados visando dentre outros o controle das condutas dos jovens burgueses, esses valores de conduta e respeito mútuo são ainda aceitos pela sociedade como formadores de caráter e agregador de valores positivos ao jovem.

O sentido de pertencimento se evidencia no momento das afirmações das atletas em fazer parte de um grupo apontado pela “modinha” que o CEB se transformava em alguns locais. Pertencer a um grupo identitário é característico do adolescente que percebe a segurança de ser acolhido pelo grupo e fazer parte do “nós”, compartilhando e incorporando as experiências do outro. O esporte e os projetos sociais podem desempenhar um papel importante no processo de sociabilidade indicando uma perspectiva de estruturação da personalidade do adolescente, pela modulação de seu comportamento individual, para adequação das condutas próprias da coletividade. Hortência reforçou várias vezes em seu discurso da integração da criança ao meio desportivo por sentir-se parte da equipe, de estar próximo de uma configuração que lhe aumente a estima que lhe diferencie daqueles ou iguale a esses. Retomando uma afirmação da atleta Franciele Cristina:

Porque tava modinha naquele tempo e eu tava fazendo catequese e todo mundo saia da catequese e ia para o Centro de Excelência, com a camisetinha, com a bolsa, que era moda mesmo, daí como eu queria tá na modinha entrei, as meninas elas me convidaram pra ir no Três Marias fazer esse, tinha um festival lá, e eu fui e acabei gostando assim.

Em referência à exposição midiática que o projeto alcançava com o utilização da imagem de Hortência e amparada em iniciativas do governo naquele período, principalmente o projeto do voleibol, devemos creditar nesse vertente, boa parte do alcance e da adesão de crianças ao projeto. Conforme relatado pelos entrevistados as inaugurações dos núcleos do CEB eram precedidas de grande promoção junto a comunidade local, e agrupavam outros ídolos do esporte nesses eventos.¹⁰⁵ Além da

¹⁰⁵ Segundo pudemos levantar estiveram presentes às inaugurações dos CE cantores como Netinho, ex-atletas como Juninho Paulista, Careca, Zico, Aurélio Miguel.

presença dos atletas nas inaugurações, a equipe profissional que representava o projeto participando de competições trazia grande público ao ginásio de esportes, englobando a participação não só da comunidade de São José dos Pinhais e região, bem como os alunos de outras cidades, que eram trazidos aos jogos no período das competições internúcleos. Essa participação como público consumidor tem sua constatação de aumento pela necessidade ocorrida naquele período quando houve reforma na estrutura das arquibancadas do ginásio Ney Braga para comportar esse público, e essa interação proporcionou a maior procura de crianças pelo projeto.

O “espelho” gerado pela equipe Paraná Basquete foi apontado pelos entrevistados como promotor de adesão e aderência pelos atletas, já que diferentemente do futebol, no Brasil, as outras modalidades não alcançam a projeção e exposição midiática necessária para fomentar o desejo de se tornar um atleta ou projetar o sonho de ser igual a um ídolo da modalidade. A proximidade aos ídolos torna esse sonho menos distante, palpável.

Finalizando nossas considerações debatemos sobre as possibilidades de mobilidade social que o projeto pôde oferecer para algumas de suas participantes. É consenso nos meios acadêmicos, baseado em pesquisas de vários países, que o nível educacional pode gerar melhores padrões sócio-econômicos ao indivíduo. No Brasil não seria diferente e hoje são realizados diferentes programas visando alterar o quadro social brasileiro de extrema concentração de renda.

Apesar de vivermos em um momento de estabilidade financeira e de progresso nas áreas sociais, ainda temos no Brasil uma grande disparidade na distribuição econômica e de benefícios sociais. De maneira recente o Governo federal criou programas de inclusão educacional, alguns em ampliação como o “ProUni” e “FIES”, e também as cotas para grupos minoritários, abertas em concursos públicos, incluindo as universidades brasileiras. A partir desses programas o governo busca diminuir as injustiças sociais históricas que provocam a desigualdade social.

O projeto CEB foi gerador de oportunidades de bolsas de estudos para atletas que não teriam condições de frequentar escolas particulares, consideradas com melhor nível instrucional do que a maioria das escolas públicas. Além de poder contar com melhores condições de ensino, as atletas puderam vivenciar relações sociais com diferentes meios sociais, ampliando seu *background* cultural.

Dessa maneira as atletas puderam ampliar suas redes de relações e gerar melhores perspectivas de progressos profissionais e educacionais, ampliando a possibilidade de mobilidade social.

Analisando em uma perspectiva de longo prazo, não podemos afastar a estruturação da possibilidade que se fez a partir da configuração estudada, de novas perspectivas sócio-econômicas das participantes em comparativo intergeracional. Pelo conteúdo das entrevistas verificamos a transição de patamares educacionais e profissionais, superiores daqueles apontados aos pais e outros da geração anterior. Nesse processo também fica caracterizada a não intencionalidade de encontrar no esporte uma forma de ascensão social, já que, o relato das atletas na forma como foram conduzidas ao esporte não contempla essa intenção, caracterizando aquilo que Elias classificaria como um “processo cego”, imprevisível e não planejado. Assim como os entrevistados continuaram inseridos na configuração, seja como atletas, técnicos ou professores de Educação Física, muitos se desvincularam desta, não sendo possível, portanto, prever ou planejar o processo desde seu início.

Os laços iniciados dentro da configuração CEB tiveram importância de longo alcance no início da carreira profissional e acadêmica das atletas. Todas as entrevistadas, que escolheram ser professoras ou técnicas desportivas, conseguiram seus primeiros estágios remunerados e mesmo empregos formais com a indicação de indivíduos de dentro da rede social em que se inseriram. A caracterização dessa rede de interdependências na teoria eliasiana encontra respaldo na teoria de laços fracos e laços fortes de Granovetter, principalmente nessa relação de oportunidades profissionais, que aconteceram pelas pessoas conhecidas fora do contexto familiar.

Além da geração de mobilidade social, pelo estudo nos foram apontadas situações de atletas que jogam profissionalmente basquetebol e que hoje conseguem remunerações superiores à de seus pais e que atingiram o ponto almejado pelo projeto de formar atletas que representassem o país em seleções brasileiras. No caso dessas atletas voltamos a um processo cego, pois nenhuma das atletas apontava como sendo seu objetivo inicial ao iniciar no CEB. A busca pela riqueza ou fama por meio do esporte é muito comum no futebol brasileiro e também no exterior. A atração se faz pela aparente facilidade e pelo imaginário popular de riqueza e veneração ao ídolo. Podemos verificar em trecho de entrevista com

Isabelle Queval, filósofa e estudiosa dos significados filosóficos e sócio-políticos do esporte, publicado no jornal francês “Le Figaro”

Le Figaro: Por que, segundo a senhora (Isabelle QUEVAL), o processo de identificação com os 'heróis do estádio' é tão gratificante?

É que o espetáculo esportivo é antes de mais nada repleto de sedução estética. Seus heróis são na maioria belos, ricos, inteligentes e **o campeão esportivo é aquele que soube dar um curto-circuito no percurso escolar habitual**. Zidane soube atrair a glória, a fama e a fortuna sem passar por universidades ou por diplomas. Está aí o paradoxo do atleta: **seu êxito se coloca como o perfeito contra-exemplo da demanda de nossas sociedades contemporâneas pelo êxito escolar**. Esta magia constitui um elemento de sedução irrefutável(...).¹⁰⁶

Além das atletas entrevistadas outras que tiveram seu início de carreira no CEB participam de seleções brasileiras de base, ou estão jogando em equipes profissionais ou mesmo no exterior, ou que continuam praticando a modalidade nas equipes de suas cidades em competições estaduais em diferentes categorias. Isso revela que a ideia inicial de formação de um Centro de Excelência pode alcançar seu êxito desde que atenda a um programa consistente e que conte com profissionais qualificados na elaboração e execução do planejamento e execução.

Mesmo com um breve tempo de duração, o Centro de Excelência do Basquetebol juntamente com a equipe Paraná Basquete, logrou êxito em algumas de suas propostas: sendo possível gerador de um *habitus* esportivo que foi incorporado em algumas cidades onde se instalou; pela formação de atletas e técnicos desportivos; foi responsável por uma ruptura histórica de representatividade do Estado em competições nacionais e de convocações de atletas para seleções brasileiras; gerou de forma indireta mobilidade social para alguns de seus participantes.

A despeito dos custos gerados ao Estado por projetos semelhantes ao CEB, devemos ressaltar a necessidade de uma política pública que ofereça continuidade aos projetos e que sejam discutidos de forma democrática, atendendo às demandas de forma duradoura. As políticas públicas devem em qualquer forma de atuação,

¹⁰⁶ Le Figaro, 30/08/03.

ser voltadas ao bem estar da população, contemplando os direitos básicos do cidadão como a saúde, o lazer, a educação, a liberdade, o trabalho.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, N. org. **Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007
- AMARAL, P. R. T. ; THIENGO, C. R. ; OLIVEIRA, F.I.S. **Os motivos que levaram jogadores de futebol amador a abandonarem a carreira de jogador profissional**. Lecturas Educación Física y Deportes, v. Ano 12, p. n.º 115-1, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BARROS, R. P., HENRIQUES, R., MENDONÇA, R.S.P. **Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 42, 2000.
- BARROS, R. P., MENDONÇA, R.S.P. **Os determinantes da desigualdade no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998.
- BETTI, M. **Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998
- BETTI, M. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997
- CARVALHO, M.R.O. **Redes Sociais: convergências e paradoxos na ação estratégica**. Bahia: FSBS, Revista diálogos possíveis, janeiro a junho de 2004.
- COSTA, M.M. **Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade – o caso do vôlei de praia** Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 1, p. 35-69, jan./abr 2007
- COSTA, P. R. N.; ENGLER, I.G.F. **Elite Empresarial: Recrutamento e Valores Políticos (Paraná, 1995-2005)**. Opinião Pública , Campinas, v. 14, n. 2, novembro 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762008000200009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 25 de junho de 2011.

DAMO, A. S. ***Do dom à profissão. Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.*** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DUBAR, C. **Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos.** Campinas: UNICAMP, Revista Educação e Sociedade, vol.19, 1998.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

_____. **Escritos e Ensaios: 1- Estado, processo e opinião pública.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

_____. **Introdução à Sociologia.** Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **O Processo Civilizador.** v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editora, 2000.

FERREIRA, F.H.G. **Os determinantes da desigualdade de renda no Brasil: luta de classes ou heterogeneidade educacional?** In: Desigualdade e pobreza no Brasil. Henrique, R. (org.) Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

FERREIRA, S.G., VELOSO, F.A. **Mobilidade intergeracional de educação no Brasil.** São Paulo: Revista Pesquisa e Planejamento Econômico, 2003.

GRÁCIO, S. **A mobilidade social revisitada.** Lisboa: Revista Sociologia; Problemas e Práticas, 1997

HIRAMA, L. K. **Algo para além de tirar as crianças da rua: a Pedagogia do Esporte em projetos socioeducativos.** Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 2007.

“Jogadores de vôlei brasileiros no exterior formariam 58 equipes”. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/volei/ultimas/2006/12/10/ult1777u57324.jhtm>. Acesso em 10/12/2010.

LESCHER, A.D.et al. **Crianças em situação de risco social: limites e necessidades da atuação do profissional da saúde**. Disponível em: <http://www.projetoquixote.epm.br/publicação.pdf>. Acesso em 10/10/2010.

LOPES, J.S., PIRES, G.M.. **Conceito de gestão do desporto. Novos desafios, diferentes soluções**. Lisboa: Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. 2001, vol.

MACEDO, A.C. **Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil**. São Paulo: USP-Revista Saúde Pública, 2001.

MAGALHÃES FILHO, F. DE B. B. **Da construção ao desmanche, análise do projeto de desenvolvimento paranaense**. São Paulo: USP. Tese de Doutorado, 1999.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o Voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: Unijuí, 2004.

MARCONI, M.; LAKATOS E. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, D. J. Q. **A formulação e a implementação das políticas públicas no campo de esporte no Estado do Paraná entre 1987 e 2004**. Dissertação de mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. 2004.

MASTINI, D. C. **Projetos Esportivos**. São José dos Pinhais: Departamento de Esporte-SMEL. Relatório técnico, 2000.

MELLO, A.S, FERREIRA NETO, A., VOTRE, S.J. **Intervenção da Educação Física em projetos sociais: uma experiência de cidadania em Vila Velha(ES)**. Campinas: Revista Brasileira de Ciência do Esporte, v.31, 2009.

MERTELETTO, R.M., SILVA, A.B.O., **“Redes e capital social, o enfoque da informação para o desenvolvimento local”** Brasília: Revista IBCT, 2004.

MEZZADRI, F. M. **A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes esportivos às atuais políticas governamentais.** Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 2000.

MICELI, S. “Norbert Elias e a questão da determinação”. In: WAIZBORT, L. (org.). **Dossiê Norbert Elias.** São Paulo: Edusp, 2001.

MONTEIRO, R., ZALUAR, A. **A desigualdade na repressão: a saída na prevenção da violência.** Lisboa: Livro do Congresso Português de Sociologia, 2008.

NEIRA, M.G. **Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo?** Espírito Santo do Pinhal: revista Movimento e Percepção, 2009.

PASCHOAL, I.P. **Mobilidade intergeracional de educação no Brasil.** Ribeirão Preto: USP. Dissertação de Mestrado, p.13, 2008.

PASTORE, J. **Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

_____, VALLE SILVA, N. **Mobilidade social no Brasil.** São Paulo: Makron Books, 2000

PRONI, M.W. **Esporte-espetáculo e Futebol-empresa.** Campinas: UNICAMP. Tese de Doutorado, 1998.

REZER, R. Et. al. **Reflexões críticas a partir das experiências do Programa Esporte Emancipação- focos de ruptura frente ao paradigma da inclusão social...** Campinas: Revista Brasileira de Ciência do Esporte, 2007.

RODRIGUES, F. X. F. **Formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002).** Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2003.

RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro**. Porto Alegre: UFRS. Tese de Doutorado, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1997.

VIANNA, J.A. e LOVISOLO, H.R. **Desvalorização da aprendizagem técnica na Educação Física: evidências e críticas**. Rio Claro: Revista Motriz, v. 15, n. 4, 2009.

VICELLI, C.E. **O sonho da Vila Olímpica... foi engolido pela realidade**. Jornal Gazeta do Povo, Curitiba, 02/08/2009, Esportes, p. 6

WACQUANT, L. **“Esclarecer o *habitus*”**. Disponível em http://www.sociology.berkeley.edu/faculty_html/wacquant/wacquant_pdf/ESCLARECEROHABITUS.pdf. Acesso em 20/12/2010

_____. **Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação**. Porto Alegre: Revista Movimento, v.15, n 03, 2009.

ZALUAR, A. **A integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. .

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

www.projetoquixote.epm.br

www.scielo.br

www.sociology.berkeley.edu

www.olimpiadasuniversitarias.com.br

www.mec.gov.br

www.cbg.com.br

www.cbb.com.br

www.fgv.br

www.feb.es

www.gazetadopov.com.br

www.esporte.uol.com.br

ANEXOS

ANEXO 1- TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

Este é um convite para você participar voluntariamente do estudo “ESPORTE E MOBILIDADE SOCIAL: ESTUDO A PARTIR DO PROJETO CENTRO DE EXCELÊNCIA DO BASQUETEBOL/PARANÁ BASQUETE”. A presente pesquisa será realizada como trabalho de conclusão de Curso de Mestrado em Educação Física, área de concentração Ciência do Esporte, linha de pesquisa História e Sociologia do Esporte, na Universidade Federal do Paraná, pelo mestrando Luciano da Cruz, com orientação do Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento. Qualquer dúvida sobre o estudo ou sobre este documento pergunte ao pesquisador.

OBJETIVO DO ESTUDO

O presente estudo tem como objetivo geral Avaliar as possibilidades de mobilidade social dentro das redes sociais formadas a partir da participação no projeto Centro de Excelência do Basquetebol - Paraná Basquete, realizado entre os anos de 1999 e 2001 pelo Governo do Estado do Paraná, de acordo com a análise dos relatos dos agentes envolvidos.

PROCEDIMENTOS

A sua contribuição será através da realização de uma entrevista, com duração de aproximadamente 30 minutos. Para esse registro será utilizado gravador de voz no modelo Sansa Express de marca Sandisk.

DESPESAS/ RESSARCIMENTO DE DESPESAS DO VOLUNTÁRIO

Todos os sujeitos envolvidos nessa pesquisa serão isentos de custos.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA

A sua participação neste estudo é *voluntária*, podendo encerrar-se por sua vontade.

ANEXO 2- ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Entrevistas aos gestores do projeto:

- 01) Qual seu nome, idade, formação acadêmica?
- 02) Qual seu histórico e ou envolvimento com o basquetebol?
- 03) Qual a sua participação/função no Projeto CEB?
- 04) Quais as intervenções/negociações políticas que criaram o CEB?
- 05) De que forma o projeto foi financiado?
- 06) Como o projeto era organizado(número de núcleos, contratação de pessoal, envolvimento de outras prefeituras, etc.)?
- 07) Houve pressões da sociedade/política pelos custos do projeto?
- 08) Qual o número de atletas envolvidos?
- 09) O que você mudaria e manteria daquele projeto, em novos projetos?
- 10) Por que o projeto foi encerrado?
- 11) Qual a importância de ter tido um ídolo como referencial no projeto?
- 12) As cidades que receberam o projeto tiveram crescimento e manutenção do número de atletas após o início e término do projeto?
- 13) Quanto às ações sociais paralelas ao projeto, elas aconteceram? Houve exemplos de resgate social mais evidentes?
- 14) Você poderia apontar atletas que tenha alcançado carreiras esportivas de sucesso?
- 15) Você poderia apontar atletas que tenham alcançado outros benefícios, tais como bolsas de estudos ou empregos pelo envolvimento com o esporte?
- 16) Faça suas considerações finais sobre o projeto.

Entrevistas aos técnicos esportivos:

- 01) Qual seu nome, idade, formação acadêmica?
- 02) Qual seu histórico e ou envolvimento com o basquetebol?
- 03) Qual a sua participação/função no Projeto CEB?
- 04) Você acompanhou as intervenções/negociações políticas que criaram o CEB?
- 05) Como surgiu o convite para participar do projeto?
- 06) Os núcleos recebiam trabalhos de capacitação para os professores/técnicos? Como eram ministrados esse trabalhos?

- 07) Qual o número de crianças com que trabalharam?
- 08) Qual a importância de ter tido um ídolo como referencial no projeto?
- 09) Você acha que o basquetebol do Paraná teve crescimento em número e qualidade depois do projeto?
- 10) As cidades que receberam o projeto tiveram crescimento e manutenção do número de atletas após o início e término do projeto?
- 11) Quanto às ações sociais paralelas ao projeto, elas aconteceram? Houve exemplos de resgate social mais evidentes?
- 12) Você poderia apontar atletas que tenha alcançado carreiras esportivas de sucesso?
- 13) Você poderia apontar atletas que tenham alcançado outros benefícios, tais como bolsas de estudos ou empregos pelo envolvimento com o esporte?
- 14) Faça suas considerações finais sobre o projeto.

Entrevista às atletas:

- 01) Qual o seu nome e idade?
- 02) Pratica basquetebol há quantos anos, com que idade começou a praticar?
- 03) Como aconteceu sua entrada no projeto CEB, como ficou sabendo, quem lhe encaminhou, etc.?
- 04) Você sabia, quando foi treinar pela primeira vez, que a Hortência fazia parte do CEB?
- 05) Você estudava em escola pública ou particular?
- 06) Você recebeu bolsa de estudos para escola ou faculdade?
- 07) Sua família teria condições financeiras para pagar colégio/faculdade particular?
- 08) Quais seus principais resultados como atleta: seleções, campeonatos, convocações, etc.?
- 09) Você continua jogando basquetebol?
- 10) Onde você joga atualmente?
- 11) As amigas que começaram a jogar com você continuam praticando ou têm algum envolvimento com o esporte?
- 12) Em sua família, existem pessoas com formação de nível superior?
- 13) O que você recebe como atleta/professor é superior/igual/inferior ao que seus pais/familiares recebem como salário? Qual a profissão dos seus pais?

- 14) Você poderia apontar atletas que tenha alcançado carreiras esportivas de sucesso?
- 15) Você poderia apontar atletas que tenham alcançado outros benefícios, tais como bolsas de estudos ou empregos pelo envolvimento com o esporte?
- 16) As pessoas que você conheceu por meio do esporte lhe proporcionaram melhores condições profissionais (indicação de empregos)?
- 17) Fale sobre outras condições de vida que o basquetebol pode ter lhe proporcionado melhoria.
- 18) Suas considerações finais.